A kobo ORIGINAL

Talia Hibbert

WRAPPED UP IN YOU



WRAPPED UP IN YOU

Talia Hibbert



BOOKSUNFLOWERS

Nota da Autora

Este livro contém menções de abuso e representações de ansiedade.
Tentei lidar com esses tópicos com o máximo de amor possível.
Espero que este romance seja uma leitura de conforto de Natal.

Talia xx

capitulos

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Epílogo



Um

@DoURe1dMe: 🇬🇧🇬🇧
@AbbieGrl: Bem-vindo ao lar

— Eu venho trazendo biscoitos!

Abigail Farrell parou de digitar números em sua planilha diária, tirou os óculos de *gatinho e* massageou o dorso do nariz. Com força.

— Chitra — disse ela. — Se lembra da nossa pequena conversa, outro dia? Sobre como você está grávida demais para cruzar o campus toda vez que quiser uma pausa para o chá, e que deveria *ficar no prédio de biologia* e me ligar?

Chitra, que estava redonda, reluzente e muito satisfeita consigo mesma, deu uma risada zombeteira.

— Não posso dizer que me lembro disso, não...

— Que conveniente — Abbie murmurou sombriamente.

— Mas eu *me* lembro de dizer que eu preciso esticar mais as minhas pernas. Então cale a boca. — Chitra colocou copos descartáveis da cantina da escola na mesa de Abbie, empurrando a papelada administrativa para fora do caminho em um flash de unhas lilases e pulseiras de ouro. Então ela afundou em uma das cadeiras

do escritório de Abbie e apoiou seus pés calçados em outra. — Como vai o mundo da gestão administrativa, minha querida?

— Fácil — disse Abbie, porque tudo que ela organizava ia muito bem. Exceto Chitra, que infelizmente se recusava a ser controlada. — Como vai o mundo de encurralar pirralhos chorões?

Chitra arqueou uma sobrancelha escura.

— Você não está convencendo ninguém com esse discurso de 'eu odeio crianças'. Eu sei que você mantém um pote de doces sob sua mesa para qualquer criança perdida de 12 anos.

Oh céus. Se essa informação fosse amplamente difundida, ela destruiria completamente a pose *de 'Vai se foder e me deixa em paz'* que Abbie havia cultivado com seus colegas. Em seguida, as pessoas estariam *passando no escritório dela para bater papo* a qualquer hora.

Ela fez uma nota mental para esconder melhor a caixa de chocolates e usar um delineado mais agressivo.

— Não vou confirmar nem negar essa acusação.

— Você é ridícula. Beba seu chá e coma um biscoito, sua vaca tonta.

De má vontade, Abbie obedeceu. O chá estava bem gostoso. Os funcionários da cantina acrescentaram canela por conta da época festiva, que era o máximo de espírito natalino que ela podia suportar.

— A propósito, tenho novidades — disse Chitra, mordendo um pão de mel em formato da cabeça do Papai Noel.

— Hmm. Diga.

— De acordo com meu feed do Instagram, Will Reid foi visto no Aeroporto de Los Angeles. Suas fãs acham que ele está voltando para casa para o Natal. Não é bom?

Abbie não ficou surpresa com essa informação; ela já sabia, cortesia dos três emojis da bandeira do Reino Unido que o próprio Will havia lhe enviado uma hora atrás.

Mas ela *estava* ciente do fato de que Chitra realmente não se importava com Will Reid. Chitra se importava com as reações de Abbie a Will Reid e, ocasionalmente, ela o mencionava em uma voz grave enquanto estudava Abigail cuidadosamente, como se esperasse por algum tipo de resposta significativa. O que era ridículo e sem sentido, já que não havia qualquer tipo de significado nas reações de Abbie a Will.

Para provar isso, ela tomou um gole de chá e murmurou secamente:

— Ah. Achei que você quisesse dizer notícias *interessantes*.

A análise nada sutil de Chitra se dissolveu enquanto ela ria com a boca cheia de biscoito.

— Não deixe ninguém ouvir você desprezar o maior sucesso de nossa cidade. Eles podem excomungá-la.

Ela não estava exagerando. Não era sempre que uma cidade pequena como Nottingham produzia o terceiro galã britânico favorito da América (conforme votado pelos leitores do E! Online).

Baixando a voz, Chitra continuou:

— Imagino que você o verá no Natal?

Abbie abriu a boca para dar uma resposta adequadamente sarcástica. Infelizmente, em vez de oferecer palavras, seu cérebro produziu uma série de imagens no lugar.

O rosto familiar de um milhão de dólares de Will Reid sorrindo apenas para ela.

Seu corpo de super-herói, literalmente, sentado no chão ao lado da árvore de Natal da avó dela.

Suas mãos – as mesmas mãos que tinham contas nas redes sociais dedicadas a elas – alcançando os enfeites de argila que eles fizeram juntos quando tinham doze anos.

— Sim — ela disse finalmente, a palavra um pouco rouca. — Sim, vou vê-lo no Natal.

Sempre veria.

> @DoURe1dMe: Isso é uma FESTA DE NATAL que estou vendo nos seus stories?
> @DoURe1dMe: Não sabia que você frequentava este tipo de evento.
> @AbbieGrl: Ha ha ha. É uma coisa de trabalho. Chitra me forçou.
> @DoURe1dMe: Essa mulher é uma influência muito boa para você.

O problema com Will, Abbie refletiu três dias depois, era que ele vivia em duas realidades ao mesmo tempo.

O Will de Hollywood só existia nas telas. Ele vivia em filmes americanos de sucesso como o Capitão X, chutando alienígenas nas bolas sem rasgar seu spandex. Ele vivia em vídeos virais no YouTube, onde respondia a perguntas rápidas sobre sua carreira de ator de 12 anos, enquanto uma quantidade enorme de cachorrinhos subia em seu colo. Ele vivia no telefone dela, nas redes sociais, apesar da mesma ter silenciado todas as menções de seu nome. Alguém tweetaria *Jesus Cristo, eu pagaria para ele cuspir em mim* e*,* vejam só, haveria uma foto de Will fodendo alguma mulher americana glamourosa com os olhos ao lado de uma palmeira.

Sério. Eles tinham alguma coisa *além* de palmeiras por lá? Talvez uma boa cerca viva ou duas?

O Will de Hollywood era inevitável e distante, e poderia ser seguro babar nele ao lado do resto do mundo, se não fosse pelo fato de que o Will de casa *também* existia.

O Will de casa havia morado ao lado de Abbie desde que eles tinham dez anos.

O Will de casa enviava memes adoráveis e arte indie para ela por meio de sua conta secreta no Instagram.

O Will de casa era o melhor amigo de uma vida inteira que ela compartilhava com seu irmão gêmeo, e essa amizade era preciosa.

— Abs — retrucou o irmão gêmeo em questão. — Você está me ouvindo ou o quê?

— Bem, me perdoe por me concentrar na estrada ao invés de sua boca incessante — disse Abbie, embora ela tivesse realmente se concentrando em complicações emocionais. Ela mudou de marcha e mudou para a pista rápida da rodovia para adicionar um toque de verdade à sua mentira inocente.

A respiração bufada de Jason encheu o carro, estalando em seu viva-voz.

— Eu ligo para verificar o seu bem-estar, e é isso que eu ganho? Certo então. Entendido. Você está por sua conta e risco.

— Estou revirando os olhos agora. Estou revirando eles com força. — E *essa* era a verdade.

— Cuidado para que eles não caiam da sua cabeça — Jase cantarolou. — A propósito, eu *disse*, já que sei que você não estava ouvindo: está chegando uma nevasca. Uma das grandes. Dirija com cuidado.

Ah, as alegrias da época festiva.

— Monstro do Leste?

— Só Cristo sabe de onde vem, mas vai parar aqui, então eu digo novamente: dirija com cuidado.

— Não se preocupe. — Abbie olhou para o sol poente, depois para uma placa de estrada próxima. — Estou a trinta minutos da casa da vovó, no máximo, e não está nevando aqui ainda.

— Bem, não. Não deve chegar à Escócia hoje nem amanhã. Mas...

— Então você está me ligando *por quê*?

— Mas — Jase repetiu com firmeza, — nunca se sabe, é melhor prevenir do que remediar. De qualquer forma, falo com você mais tarde, sua porca ingrata. Tenho que voltar ao trabalho.

— Espere — disse Abbie, antes que seu irmão pudesse desligar e retornar ao turbilhão de seu ateliê. — Quando você vem?

Nos últimos cinco anos, a família Farrell desenvolveu o hábito de dirigir até a Escócia para o Natal. Não porque eles fossem realmente escoceses, mas porque a avó maluca de Abbie decidiu que viver em uma fazenda no meio do nada na Escócia era seu destino manifesto, e os três irmãos mais velhos malucos de Abbie juntaram o dinheiro para ajudá-la a fazer isso.

Will Reid também ajudou a juntar o dinheiro, mas Abbie tentava não pensar nisso. Na verdade, ela tentava nunca pensar em Will, a menos que ele estivesse bem na frente dela.

Ou enviando lagartixas fofinhas por mensagem, obviamente.

— Eu não sei — Jase se esquivou, não porque ele não pudesse sair para o Natal quando quisesse – ele podia – mas porque ele era um workaholic em série que não sabia a hora de parar. — Dia vinte e três, talvez?

— Vin...? Falta uma semana, Jason!

— Bem, ninguém mandou você arrastar sua bunda para a Escócia assim que as aulas acabassem, *Abigail.*

— Alguém vai estar na casa da vovó esta semana, ou seremos só eu e os gatos? Eu... eu estava esperando ver você, você sabe. — Na verdade, Abbie esperava passar o máximo de tempo possível com sua família inteira, o que era um desejo que antigamente ela levaria para o túmulo. Mas nos últimos dois anos – desde o divórcio e a

terapia que Chitra a forçou a suportar – ela vinha tentando, gradativamente, expressar seus sentimentos com mais frequência.

Era nojento, mas ocasionalmente valia a pena.

Houve uma pausa de Jase antes dele voltar a dizer, parecendo silenciosamente satisfeito:

— Oh. Bem. Então eu irei um pouco mais cedo. E *acho* que Will está a caminho.

Abbie congelou.

— Ele está?

— Não tenho certeza, não estava prestando atenção quando conversamos sobre isso. Ligue para ele e pergunte.

Um grito soou ao fundo, um que parecia muito com um "*Jason, se você não vier aqui e tirar esses alfinetes dos meus peitos…"*

— Ah, pelo amor de Deus. Sim, estou indo. Ouça, nos falamos mais tarde — disse Jase. — Não morra em um deslizamento de neve, não deixe a vovó morrer em um deslizamento de neve, não deixe Will morrer em um deslizamento de neve enquanto persegue um passarinho gordinho, adeus. — A chamada foi finalizada.

— Por que — Abbie perguntou ao interior de seu Volvo, — sou eu a única responsável por salvar as pessoas dos deslizamentos de neve?

Havia uma piada sobre princesa do gelo em algum lugar, mas ela não se incomodou em descobrir.



Dois

@AbbieGrl: Aí meu deus, essa é a coisa mais fofa que eu já vi na minha vida
@DoURe1dMe: …Ainda estamos falando sobre o dragão de Komodo?
@AbbieGrl: SIM.

Era pôr-do-sol quando William Reid chegou ao seu destino, e o pôr-do-sol deveria ser um bom presságio. Ou algo assim. Sua vizinha em LA (sua *antiga* vizinha, agora que o apartamento foi dado em garantia) disse isso. Ela era especialista em presságios e ioga à beira-mar e em tomar sol na vagina, e ela sabia todos os tipos de coisas interessantes, então Will tendia a levá-la a sério.

Ele estacionou no caminho de cascalho do lado de fora da casa de Patricia Farrell, desligou o motor e reservou um momento de paz para sorrir para o sol de inverno se pondo que derretia atrás das árvores.

— Obrigado pelo voto de confiança — disse ele, com toda a sinceridade. Então a porta escarlate da casa da fazenda se abriu e a Sra. Tricia saiu cambaleando. Era uma tarde gelada e ela usava apenas um vestido simples, um par de chinelos roxos e amarelos de

Meu Malvado Favorito e um gato ruivo. Will decidiu que seria melhor sair e empurrá-la de volta para dentro de casa antes que ela morresse.

Ao soltar o cinto de segurança, o telefone vibrou pela milésima vez. Kara. Ele recusou a chamada.

— William! — A Sra. Tricia sorriu. — Aqui você está, aqui você está. Deixe-me ajudá-lo com sua bagagem...

— Não — Will disse com firmeza, porque a chefe da família Farrell era o tipo de senhora com quem você tinha que ser firme, ou quando você menos esperasse, estaria... comprando para ela uma fazenda na Escócia. — Não, Srta. Tricia, eu carrego. Você está muito ocupada aí com seu gato.

— Mmm, sim, você está certo — ela permitiu, parando para olhar carinhosamente para o pacote de pelos em seus braços. — Ela está grávida, não está, querida? Ela é uma gata bem grávida.

— Parabéns ao casal feliz. — Ele puxou sua bagagem do porta-malas do carro e caminhou pelo cascalho, praticamente empurrando a Sra. Tricia para dentro de casa. Seu longo vestido rosa parecia terrivelmente fino, e sua pele negra já estava ficando um pouco azulada.

— Como você está? — ele perguntou uma vez que eles estavam seguros no corredor aconchegante iluminado, milhares de fotos de família sorrindo nas paredes verde-limão.

— Não me venha com conversa fiada, William. Eu odeio isso. Me diga algumas fofocas de celebridades, hein?

i>Oh, eu tenho fofocas sobre celebridades, com certeza.

Mas ele não podia dizer isso em voz alta porque não era para a Sra. Tricia. Era uma notícia para outra mulher Farrell totalmente diferente, e ela tinha que ser a primeira a saber, porque era especial. E neste Natal, *finalmente*, ele iria mostrar isso a ela.

Então ele escolheu outra coisa para aplacar a Sra. Tricia.

— É... Cherry Ambjørn está grávida de novo?

— Oh, William, você é um lixo. Li isso nos jornais na semana passada.

— Justo. — Ele sorriu, colocando sua mala ao lado do aparador gasto, mas elegante. Esta casa era velha, antiquada e um pouco precária, mas a Sra. Tricia gostava assim. O piso de pedra estava coberto com tapetes vermelhos e dourados – para o Natal, é claro;

geralmente eram azuis. E as escadas atrás dela tinham um anjo de pelúcia como decoração a cada dois degraus, e uma tonelada de fios de glitter enrolados no corrimão. Will aprovou. Agora que ele estava aqui, ele obrigaria Jase a ajudá-lo a prender os enfeites do teto também, e talvez eles pregassem alguns sinos e outros enfeites nas soleiras das portas.

Visco, talvez. O visco poderia ser ótimo para seus planos. Mas talvez ele estivesse se adiantando.

— Onde está Jase, afinal? — ele perguntou em voz alta, então percebeu que havia transformado seus pensamentos em palavras, o que era um problema dele. Mas ele estava com os Farrell agora, e eles eram praticamente família, então ninguém o julgaria se ele parecesse um pouco bobo. Não haviam mil câmeras apontadas para ele, ou co-estrelas que eram pagas para *fingir* que gostavam dele, mas secretamente pensavam que ele era estúpido, ou pessoas bonitas com sorrisos feios que olhavam muito para sua virilha. Apenas os Farrells. E isso combinava mais com ele.

— Você disse algo, querido? — A Sra. Tricia ergueu os olhos da gata para quem estava dando atenção, arregalando os olhos por trás dos grandes óculos estilo anos oitenta. Eles tinham pernas cravejadas de pérolas que combinavam quase perfeitamente com seus cachos curtos e brancos.

— Jason — Will repetiu, abrindo o zíper de sua jaqueta e pendurando-a no cabideiro de latão, tentando não estragar o fio brilhante preso a cada gancho. — Você disse que ele viria hoje? — Embora, quando Will mencionou durante o último telefonema, Jase pareceu um pouco confuso.

Mas Jase era um workaholic que passava noventa por cento do tempo drogado com a fumaça do café espresso; ele sempre parecia um pouco confuso. Era uma coisa dele.

— Oh, tenho certeza que uma das crianças estará aqui em breve. Mas ninguém chegou ainda. Você é o primeiro. Eu não acho que você já conheça Gravy, não é, William?

Will piscou para a gata nos braços da Sra. Tricia, sua mente mudando com o assunto.

— Não posso dizer que a reconheço. Muito prazer em conhecê-la, Gravy. Estou encantado. — Ele deu um tapinha na pequena pata ruiva da criatura e ficou encantado quando ela gritou e tentou

arranhá-lo. Mostrou que ela tinha muito espírito e fortes limites de espaço pessoal. Ele fez uma anotação em sua gaticlopédia mental: *Gravy, ruiva, nova, tem personalidade muito firme.* Os gatos da Sra. Tricia se multiplicavam na velocidade da luz, então ele montou um sistema para diferenciá-los em sua cabeça.

Com isso resolvido, ele seguiu a Sra. Tricia até a cozinha. Havia uma panela que cheirava a caril de cabra no fogão, que também estava enfeitado com uma fileira de enfeites de fio de ouro – o que poderia representar perigo de incêndio. Ele provavelmente deveria pesquisar isso no Google.

— Devo ligar para Jase, ver se ele está atrasado?

— Jason, Jason, Jason. Vocês, meninos, vocês são obcecados um pelo outro. — A Sra. Tricia colocou Gravy em um dos bancos na ilha da cozinha. Will foi se sentar também, apenas para encontrar o banquinho mais próximo ocupado por um gato malhado de aparência preguiçosa chamado Mandioca, se não estava enganado. Ele educadamente escolheu outra cadeira.

— Não sou obcecado por Jase — disse ele com sinceridade, — só preciso perguntar uma coisa a ele. — Will passou meses trabalhando para este Natal. O Natal em que tudo mudaria. Ele tinha um plano, um plano fundamental, um plano cujo sucesso (ou fracasso) ditaria como seria o ano seguinte, ou talvez o resto de sua vida. Esse plano era tudo. Ele realmente precisava explicá-lo a Jase antes de começar. Porque Will tinha dois melhores amigos, e um desses melhores amigos era o tema do Plano. O outro melhor amigo era Jase, o que o tornava o único que poderia dizer: “Na verdade, seu plano é uma merda. Por favor, conserte isso, isso e isso antes de correr para fazer papel de bobo.”

(Durante o curso de sua vida, Will aprendeu que precisava de vozes sensatas externas. Ele nasceu sem uma voz própria.)

— Bem — disse Tricia, — é possível que Jason não venha hoje.

Will piscou lentamente.

— Oh. Eu confundi? — Às vezes ele ficava confuso. Talvez ele tivesse vindo no dia errado? Talvez ele tenha entendido mal ao telefone. — Eu pensei que você tivesse dito que Jase estava...

— *Abigail* — a Sra. Tricia interrompeu. — Eu disse que *Abigail* viria hoje.

Will abriu a boca, fechou a boca, olhou para a Sra. Tricia com muita atenção e tentou descobrir por que a velhinha simpática que costumava buscá-lo e as crianças Farrell na escola todas as tardes mentiu na cara dele daquele jeito. Porque as informações muitas vezes saíam da cabeça de Will, e ele frequentemente cometia erros estúpidos, mas ele sabia de uma coisa com absoluta certeza: ele nunca, *jamais*, esqueceria ou se enganaria ou interpretaria mal até mesmo a menção mais simples do nome de Abigail Farrell. *Nunca*.

Antes que ele pudesse pensar em uma maneira de interrogar severamente uma mulher que uma vez o pegou bebendo mel espremido da garrafa, o som de um motor de carro veio de fora. Ele e a Sra. Tricia se voltaram para a janela. O border terrier velho da Sra. Tricia, Haddock, permaneceu desinteressado e despreocupado em sua cama de cachorro. Will se perguntou se valeria a pena presentear a Sra. Tricia com um cão de guarda de aniversário, agora que Haddock estava envelhecendo. Certamente não era bom para uma senhora ficar sozinha no meio do nada assim?

Então algo estalou dentro de sua cabeça.

— Espere. Se Abbie está chegando hoje, é Abbie? Lá fora? Agora mesmo?

— Talvez. Provável. Sim.

Merda.

Will se levantou rapidamente. Isso não era o ideal. Isso não era remotamente ideal. Por um lado, ele não havia treinado seu plano com Jase. A coisa toda poderia ser um fracasso, e ele não teria a porra da mínima ideia porque *não havia ensaiado seu plano com Jase.*

Em segundo lugar, a casa não estava pronta. Ele não teve a chance de pendurar o resto das decorações de Natal da Sra. Tricia, aquelas que exigiam ferramentas elétricas ou escadas. A casa *mal* estava festiva – não havia nem mesmo luzes do lado de fora – o que significava que não havia nenhuma evidência de seus muitos talentos práticos para dominar e impressionar Abbie.

Embora... de repente ocorreu a Will que Abbie não se importava com luzes. Ou talentos práticos. E agora ele estava se perguntando por que luzes e talentos práticos haviam aparecido em seu Plano Muito Importante, quando ele sabia muito bem que Abbie se importava muito mais com pizza e sarcasmo. Porra. Ele já havia

calculado mal em algum lugar. O plano tinha falhas. Era por isso que ele tinha que falar com Jase sobre as coisas, mas agora Abbie estava aqui e era tarde demais e...

E, terceiro desastre do dia: como a casa, Will não estava pronto.

Ele estava ciente de que estava bonito – era difícil ignorar esse tipo de coisa quando você construía sua carreira a partir disso – mas agora ele não estava com sua melhor aparência. Seu cabelo não estava arrumado – estava amassado pra caralho por ter ficado muito tempo sob um gorro de tricô – e sua roupa era uma coisa qualquer que ele vestiu antes de sair da casa de sua mãe esta manhã, Cristo, ele mal se lembrava, mas ele só esperava que a porra das suas meias combinassem, e...

E nada. Ele respirou fundo e passou a mão no rosto e se lembrou de se acalmar. Ele não tinha mais dezoito anos, e ele não precisava agir como uma pilha de nervos inseguros. Ele era um homem adulto que aprendeu seus pontos fortes e fracos da maneira mais difícil e, o mais importante, ele era um homem com um plano. Claro, o plano pode ter falhas, mas ele daria um jeito com o passar do tempo, e...

— Você não vai ajudar Abbie com as malas? — Sra. Tricia perguntou levemente.

— Merda — disse Will, e saiu correndo da cozinha.

Pronto ou não, o momento estava aqui, e ele iria aproveitá-lo. Pela primeira vez, ele aproveitaria.

Porque tudo o que ele queria neste Natal era uma Abigail Farrell.

O Natal deixava Abbie desconfortável.

Ela entendia sua popularidade, é claro. Por um lado, havia todo o, é..., aspecto de Cristo, que ela imaginava que algumas pessoas achavam muito afirmativo. Depois, havia a parte da comida e dos presentes, da qual ela era extremamente favorável. A vida em geral precisava de mais comida e mais presentes, se alguém perguntasse a Abbie.

Na verdade, a única coisa que ela não gostava no Natal era o nível vil e desumano de alegria. O *ruído* constante, as *luzes* sem fim, a *cor* incessante. Tudo isso dizia: *Ei, você, sua vaca miserável! Você deveria estar feliz e amorosa e espiritualmente unida ao seu próximo!*

Bem, o estado emocional básico de Abbie era *leve irritação*; ser cuidadosa a atraía tanto quanto a ideia de enviar nudes ao diretor da escola, e relativo a todo o aspecto de “intimidade forçada” do Natal, ela havia sido criada em uma casa de dois quartos com três irmãos mais velhos. Abbie tinha vivido o mais perto de seu próximo do que era humanamente possível, e ela tinha achado essa experiência barulhenta, bagunçada e com cheiro de odor corporal, onde a vulnerabilidade faria com que você fosse vítima de uma pegadinha cruel.

Falando nisso... Ela parou do lado de fora da grande casa da vovó, pegou sua bolsa do banco do passageiro e se certificou de que sua lata de espuma em spray estava guardada em segurança dentro dela. Quando seus irmãos chegassem, ela precisaria de uma arma apropriada para impedi-los de bagunçar seu cabelo ou deixar vermes em sua cama. (Sim, os irmãos de Abbie eram todos – supostamente – homens adultos. Não que parecessem saber disso.)

Com a lata de spray guardada, ela abaixou o quebra sol para verificar seu batom antes de sair. A mancha fosca cor de ameixa ainda estava firme no lugar, assim como as linhas afiadas de seu delineador, nada disso importava, já que ela só iria ver a vovó e... e possivelmente Will, e... e nenhuma dessas pessoas se importava especialmente sobre sua aparência, e nem ela. Então pronto.

Ela virou o espelho de volta e olhou ao redor do caminho de cascalho. Lá estava a antiga casa da vovó. Havia o surrado Corsa dos anos 90 que Will mantinha na casa de sua mãe. Mas não havia outros carros na residência, nem irmãos, nem mamãe...

E nenhum anel no dedo de Abbie. Nenhum marido a esperando em casa, o peso de sua desaprovação para sempre puxando-a para baixo.

Dois anos após o divórcio, e ela ainda estava se acostumando com essa parte. Ainda surpresa com a liberdade.

Respirando fundo, ela se recompôs e saiu do carro. Um segundo depois, a porta vermelha brilhante da vovó se abriu.

Abbie se virou para o barulho, para a luz que irradiava no caminho que escurecia rapidamente, para o contorno sombrio de um homem que ela reconheceria em qualquer lugar, o que não significava merda nenhuma, já que meio mundo também reconheceria. Will era maior do que parecia na tela, provavelmente

porque tudo era enorme em Hollywood, mas aqui no Reino Unido as coisas eram de tamanho normal. Exceto Will, que tinha mãos do tamanho de pratos, um peito parecendo um barril muito bem definido e bíceps do tamanho de melões. Ela tentou pensar nele assim – em termos de comparações ridículas, em termos de várias partes do corpo unidas – mas então ele caminhou em sua direção e se tornou real.

— Abbie — ele chamou, terno o suficiente para fazê-la esquecer o frio implacável batendo em seus dedos. Seu rosto era uma obra de arte técnica, mas quando ele sorria, se transformava em algo mais doce. Algo mais suave e real. Ele tinha sorrido na capa da *People*, e Abbie tinha visto e não havia sentido nada além de desorientação, mas quando ele sorriu para ela agora, quando ele sorriu na semi-escuridão sem uma câmera para persuadi-lo, ela sentiu os cantos da sua boca se levantarem em resposta. Ela sentiu um puxão no peito e deu um passo, um *passo* real, em direção a ele, como se ele tivesse puxado. Ela sentiu borboletas de quinze anos atrás despertarem em seu estômago, que era *velho* para caralho em relação a borboletas normais. Não é de se admirar que elas parecessem tão enormes e pegajosas ultimamente. Como se fossem grandes o suficiente para que suas asas roçassem seus quadris, suas costelas, sua garganta. Como se estivessem flutuando no mel, de alguma forma.

Deus. Ela se deu um momento. Então ela sugou uma golfada de ar gelado e escuro e se recuperou. Como sempre.

— Will — ela respondeu, e sua voz estava quase monótona porque se ela não exercitasse um controle primitivo, seria o oposto. Ela deixou seu olhar correr impassivelmente sobre ele, pelo menos, ela esperava que fosse impassível, porque do contrário ele poderia notar que ela achava seu suéter de tricô de Natal e jeans surrados horrivelmente sexy. Ela alcançou os pés dele e mordeu o lábio em um sorriso. — É... você não está usando sapatos.

— Sim, acabei de notar — disse ele, o que não era sarcasmo. Ele estava falando sério. Seu sorriso foi substituído por um estremecimento enquanto ele dançava sobre pequenas pedras geladas, com os pés leves apesar de seu tamanho. — Ai.

— Volte para dentro, William.

— Não, Senhora. — Ele havia enfiado na cabeça que ela achava o sotaque americano encantador. O que ela realmente achava

encantador era o quão mal ele fingia o sotaque, mas ela nunca deixou transparecer. Ele parou na frente dela, e mesmo em suas meias sem combinar, ele estava cara a cara com Abbie em suas botas de salto alto. Isso era problemático apenas porque Will tinha olhos muito perscrutadores. Eles eram escuros e nítidos, e tendiam a sustentar seu olhar com uma intensidade enervante. Se ele não tivesse feito carreira sendo profissionalmente lindo, Will poderia ter se tornado um padre.

— Abbie — ele repetiu, suavemente desta vez, sua respiração um fantasma entre eles. — Você chegou. — Esta era a parte em que ele normalmente a arrastava para um abraço de urso, assim como seus irmãos, mas ele não o fez. Provavelmente porque todos a tratavam como frágil desde o divórcio. Talvez Will estivesse preocupado que ela se espatifasse em seus braços.

Ela não iria.

— Sim — ela concordou. — Estou aqui. Ou eu sou uma invenção da sua imaginação. Ou eu sou o fantasma do Natal passado.

Ele soltou outro suspiro, este misturado com risos. Em vez de apontar que ela não tinha estado aqui *no* ano *passado*, que ela ficou longe enquanto lambia suas feridas, ele brincou.

— Os fantasmas têm bagagem? Se você tiver, vou levá-las para você.

— Não comece a me tratar como uma dama, Will, ou estarei mole quando meus irmãos chegarem. — Ela se virou em direção ao porta-malas do carro – e parou quando a mão de Will segurou seu cotovelo. Não foi o toque que a chocou – como poderia? Ela mal podia sentir através de sua jaqueta de inverno, e Will sempre a tocava casualmente e, de qualquer maneira, eles se conheciam desde sempre. Eles costumavam brincar de cama de gato juntos. Vovó costumava obrigá-los a dar as mãos ao atravessar a rua. Uma vez, Abbie torceu o tornozelo, e ele era o único menino no grupo grande o suficiente para lhe levar para casa nas costas.

Portanto, não havia nada de chocante na pressão da mão de Will em seu braço. O único choque foi como ainda a fez prender a respiração, ainda a fez se lembrar do Natal que eles...

Bem.

Não era para sentimentos antigos morrerem eventualmente? Os dela pareciam hibernar. Cada vez que ela jurava que os havia

matado, Will os acordava imediatamente.

— Você é uma dama, Abbie — disse ele calmamente, e então passou a mão pelo braço dela, até o punho fechado. Inspirando bruscamente, ela olhou para o rosto dele. Seus cílios loiros estavam abaixados, escondendo seu olhar. A forma de sua boca, suave contra as bordas de sua barba, não dizia absolutamente nada a ela. Seus dedos quentes abriram os dedos frios e desajeitados dela, e ele pegou as chaves do carro. Então ele finalmente encontrou os olhos dela, os seus próprios como espelhos sedutores no escuro. — Você está com frio. Vá para dentro.

Quando criança, Abbie acreditava que sua avó sabia quase tudo, e sua mãe sabia o resto. Quando adulta, ela percebeu que isso não poderia ser verdade. Porque se a vovó realmente conhecesse os pensamentos profanos que corriam pela mente de Abbie agora, ela teria golpeado sua neta mais nova com uma panela.

Em vez disso, quando Abbie entrou na cozinha bagunçada com cheiro de especiarias, a vovó se afastou do fogão de braços abertos. Bem, meio aberto; havia um gato grudado à sua pessoa, mas isso era de se esperar.

— Abigail! Venha aqui, garota.

Abbie foi. Ela tirou as botas na porta, mas ela ainda era mais alta que a vovó, aqueles cachos prateados pressionados contra o seu peito enquanto se abraçavam. Antigamente, era o contrário. Mas a vovó ainda tinha o mesmo cheiro, como lírio do vale, biscoitos de gato e lar, e o coração de Abbie ainda estava firme em torno dela.

— Você está bem, querida? — Vovó perguntou baixinho.

— Estou bem — respondeu Abbie, sua voz igualmente suave. Quando ela era criança, eles tinham essa mesma conversa, conduzida em sussurros, para que ninguém ouvisse se a resposta fosse *Não*. Abbie sempre achou a fraqueza bastante desconfortável. A vovó era da mesma forma.

— E como você está? — Abbie perguntou, deixando o *aqui longe de tudo sozinha na sua idade* passar batido. Ainda havia tempo para a vovó bater nela com aquela panela.

— Estou *bem*, querida. Esta é Gravy, olhe... eu mostrei ela para você na ligação de vídeo.

— Sim, vovó, eu me lembro. Oi, Gravy. Oi. — Abbie estendeu a mão para acariciar a coisinha ruiva e conseguiu um silvo cruel por incomodar. — Hm. — Afastando-se, Abbie foi até a cama de Haddock no canto e se ajoelhou para dizer olá. Ela sempre foi uma pessoa mais canina. Ao vê-la, sua língua se curvou em um sorriso e ele rolou de barriga para cima.

Ela ainda estava acariciando o pequeno terrier quando ouviu Will entrar na sala. Ela estava de costas para a porta então ela não podia vê-lo, o que era adequado para Abbie. Ela não tinha ideia de por que ele decidiu ser cavalheiro com ela lá fora, com as carícias, fodendo-a com os olhos, carregando bagagem e tudo o mais, mas ela estava se sentindo um pouco como uma garrafa de champanhe virada de cabeça para baixo, o que era constrangedor e também irritante. Ele não sabia que era indelicado ligar o sex appeal de Hollywood perto de pessoas comuns? A amizade não significava mais nada para ninguém? Ele tinha progredido de transar com outras celebridades do outro lado do oceano para deslumbrar meras mortais com seus dentes brancos americanos? Desgraçado.

Mas isso não era justo. Isso não era nem um pouco justo. Will não era do tipo conivente; ele provavelmente apenas se esqueceu de mudar de marcha. Ela exalou seu aborrecimento, deu uma última palmadinha em Haddock e se levantou.

— Vó. Você sabia que Will foi lá fora me receber sem sapatos? — Com a sua provocação enviada, ela se virou.

Will estava encostado no balcão da cozinha, um minúsculo gatinho preto e branco enfiado em seu pescoço. Porra. Os gatinhos deixavam todo mundo mil vezes mais adorável – isso era física básica – e Will já era fofo demais para suportar em seu suéter de Natal monstruoso vermelho e verde. Ele acariciou a pequena bola de pelos como se ele não tivesse uma porra de alergia a gatos, o idiota, e então ele olhou para cima com olhos sorridentes que atingiram ela como a primeira onda de calor do verão.

Abbie foi até a pia para pegar um copo d'água. Esta cozinha estava sempre muito quente.

— Sem sapatos? — Vovó riu. — Alguém estava animado para ver você.

Abbie bufou.

— Mais provável que ele tenha pensado que eu era Jase.

Vovó riu ainda mais.

— Tudo bem, sim, esqueci meus sapatos — disse Will sobre o barulho, mas embora essas palavras tivessem sido defensivas se fosse Abbie, nele, eram descontraídas e bem-humoradas. Will era um indivíduo doentiamente franco que nunca teve um momento de insegurança. O que fazia sentido; devem ser necessários níveis gigantescos de confiança para fingir matar alienígenas feitos por computação gráfica na frente de um estúdio inteiro.

— Eu esqueci meus sapatos — Will repetiu, — mas Abbie esqueceu metade de suas roupas, então estamos quites.

Abbie respirou fundo com indignação fingida e olhou para sua roupa. Era verdade que seu vestido de malha preto mal chegava ao meio da coxa, mas não era culpa dela que as roupas femininas não eram feitas para mulheres com um metro e setenta. Também era verdade que suas meias pretas eram incrivelmente transparentes, mas era o que acontecia quando suas coxas esticavam o nylon ao máximo.

— Vá se foder, Will Reid, estou linda.

— Nunca disse que não, Abigail — ele respondeu, e então – pelas costas da avó dela – ele *piscou*.

Com um *gatinho* no peito.

Isso tinha que ser algum tipo de crime de guerra.

— Chega, chega, crianças — vovó interrompeu. — O jantar está pronto. Portanto, sejam úteis e ponham a mesa, preguiçosos.

— Ela está falando com você — Abbie murmurou enquanto ela e Will se aproximavam do armário.

— Ela está falando com *você* — ele disparou de volta, embalando o gatinho em uma mão e agarrando uma pilha de pratos com a outra. Por um momento, foi quase como nos velhos tempos. Antes que as coisas ficassem... complicadas.

Então ele se aproximou, tão perto que seu rosto deve ter roçado a denso auréola de seu cabelo, e acrescentou:

— Sua avó estava certa, você sabe. Fiquei animado em ver você, Abbie. Sempre fico.

Ela quase deixou cair os talheres.



Tres

@DoURe1dMe: Ei. Eu posso te ver, você sabe, né?
@AbbieGrl: ???
@DoURe1dMe: Discutindo nos comentários daquele perfil de fofoca 
@AbbieGrl: -digitando-
@AbbieGrl: -digitando-
@DoURe1dMe: Você não pode me defender de todos os boatos de merda.
@AbbieGrl: Imprecisões factuais irritam minha alma e não há nada de interessante passando na TV.

Will acordou na manhã seguinte com o brilho claro e frio do sol se espreitando pelas frestas de suas cortinas - ou melhor, as cortinas de um dos quartos de hóspedes da Sra. Tricia. Neste Natal, ele, sua mãe, a mãe de Abbie, os gêmeos e os dois irmãos Farrell mais velhos estariam todos amontoados nesta casa de cinco quartos, o que significava que ele iria compartilhar sua cama em breve. Mas até então...

Até então, eram ele e Abbie sozinhos neste andar, seus quartos opostos um ao outro. Se ele não estivesse tão cansado na noite passada, ele teria feito algo para mudar isso. Ele se lembrou, de sua adolescência em festas improvisadas no fim da rua e mijadas no parque, que Abbie sempre foi mais franca no escuro. Mas Will ainda estava sofrendo com o fuso horário, então ele não podia falar com a Abbie Acessível ainda.

Em breve.

Com isso decidido, ele se sentou, se espreguiçou e pegou o telefone. 10:01, o que significava que Abbie estava acordada há horas e a Sra. Tricia ainda estava semi-consciente. Circunstâncias perfeitas para um pouco de cortejo leve. (Will era um especialista na teoria do cortejo, tendo assistido às estreias de muitos dramas de época.) Ele leu seus alertas de notícias, que sempre o deprimiam terrivelmente, mas parecia a coisa certa a fazer. Em seguida, ele abriu seu Instagram ultrassecreto e tentou não se sentir desapontado com a falta de mensagens de Abbie. Provavelmente seria estranho se eles tivessem trocado mensagens na noite passada, um de cada lado da sala de estar. Ele não deveria esperar que ela desejasse conversar com ele do jeito que ele fazia com ela. Então Will afastou sua carranca e verificou suas mensagens.

> Kara: Você está me matando aqui, garoto. Me ligue de volta.

Ele deletou aquele.

> Jason: Sabe, quando você liga para alguém quatro vezes no meio da noite sem enviar uma mensagem de texto explicando o motivo, essa pessoa pode acordar na manhã seguinte e ver as ligações perdidas e pensar que você estava tendo um ataque de asma induzido por pelo de gato enquanto a pessoa dormia e que você foi deixado para morrer na selva da Escócia. E então a pessoa pode ligar para a irmã chata para verificar seu bem-estar e ser cruelmente ridicularizado. Aprenda a enviar mensagens de texto, seu burro idiota.

Will riu alto e apertou na tela para ligar.

Jase atendeu no sexto toque, provavelmente porque estava ocupado dobrando um pedaço de seda ou algo chique assim.

— Sim? — ele latiu. Sua saudação usual, então Will não levou para o lado pessoal.

— Você sabe que eu odeio mensagens de texto. Desculpe. — Escrever coisas demorava *muito* e, de qualquer maneira, Will era péssimo em esperar por respostas. Se ele não obtivesse uma

resposta em três minutos, ele se afastaria de seu telefone e esqueceria a conversa inteira.

— Sim, tudo bem, você está perdoado. — Jase suspirou. — O que foi, afinal? Gatos estão te afetando? Vovó está te afetando? Abbie está te afetando?

— Abbie — Will concordou.

— Oh. Sério? Ela está zombando dos seus dentes de novo? Porque eles honestamente não são tão brancos.

— Oh não, não é nada disso. Na verdade, é... bem, eu tinha decidido, já que já se passaram alguns anos desde o divórcio e ela parece feliz agora, e já que terminei o Capitão X e tudo mais, o que é meio que o destino, no tempo certo… — Will percebeu que ele estava divagando. Ele tendia a fazer isso quando estava nervoso. O treinamento de mídia não ajudou, mas, felizmente, a imprensa o achava encantador.

Jase nunca o achou encantador, entretanto, então Will decidiu ir direto ao ponto.

— Eu decidi que é hora de descobrir se eu tenho uma chance com Abbie. Então, eu tenho um plano. Vou passar um ano fazendo-a se apaixonar por mim. Ou tentando, de qualquer maneira. Isso é tempo suficiente, certo? E estou pensando neste Natal como uma espécie de pré-temporada. Um aquecimento. Estou tentando, você sabe, flertar com ela. Ou algo assim. Só para ver se consigo fazer com que ela pense em mim dessa maneira, porque sei que ela não pensa em mim dessa forma. Mas ela podia, certo? Bem, espero que ela possa. Mas eu não sei como foi a noite passada... ela parecia meio irritada, mas ela sempre parece irritada, então...

Will se perdeu, tentando analisar o ar de diversão vaga, impaciência e incerteza que ele percebeu nela na noite passada. Os gêmeos e Will têm sido melhores amigos desde sempre, como os três mosqueteiros ou algo assim, mas Abbie sempre foi mais difícil de interpretar, e seus sentimentos por ela complicaram o assunto. Agora, por exemplo, ele não conseguia decidir se a ligeira inquietação em seu estômago era apenas nervosismo ou se era porque seu plano estava errado de alguma forma.

Razão pela qual ele precisava de Jase.

— Ei — Will cutucou. — Você está aí? Você não está dizendo nada. Geralmente essa é a parte em que você diz algo. — Ele saiu da

cama, as tábuas do piso de madeira frias contra seus pés descalços. Ele precisava andar. Se ele não liberasse a energia nervosa através das pernas, mais dela escaparia pela boca. O telefone em sua mão permaneceu silencioso e ele se perguntou se havia acidentalmente desligado a ligação enquanto falava. Ele fazia isso às vezes. Malditas telas sensíveis ao toque.

Mas então, finalmente, Jase falou.

— Sim, estou... estou aqui — disse ele, com a voz embargada. — Desculpe. Apenas meio que preso na parte em que você aparentemente quer *ter uma chance com Abbie*?

Will parou no meio do caminho e piscou para o papel de parede florido na frente dele. Este cômodo, como todos os cômodos da casa da Sra. Tricia, era maravilhosamente bem iluminado.

— Ah. É… Você não sabia que sou apaixonado por ela? Sempre achei que você soubesse.

— Você é... você... o *quê*? — Jase murmurou. — Que *inferno*, Will. Você presumiu que eu soubesse? Você acha que eu *sabia* disso, quero dizer, bem. — Houve uma pausa e uma leve tosse. — Bem, sim, talvez eu tenha *pensado* que você tinha uma queda por ela, em algum momento. Mas decidi que era minha imaginação, porque, Will, você nunca disse nada! E você sempre diz. E isso foi há anos, e... e ela se *casou*. Com aquele *idiota*. E você não disse porra nenhuma. Que porra é essa, Will?

Will deu de ombros, abriu as cortinas e sorriu para as árvores secas e congeladas e o céu com nuvens de neve. Então ele lembrou que Jase não podia vê-lo e explicou.

— Eu não sei. Eu estava sendo sutil. E paciente.

— Sutil — repetiu Jase, — e paciente. — Sua voz estava cheia de ceticismo. Will praticamente podia sentir o ceticismo pingando para fora do telefone.

— Tudo bem — ele admitiu, — eu era tímido. Eu não tinha muita confiança quando éramos jovens. E eu não queria estragar a família. — Ele ainda não tinha certeza se Jase… se *algum* dos Farrell entendia o que essa família significava para Will. Antes de se mudarem para a casa ao lado e serem absorvidos naturalmente para a vida de seus novos vizinhos, Will e sua mãe não tinham ninguém além de um ao outro e tinha sido assim por dez malditos anos. Eles

lutaram sozinhos. Eles sofreram sozinhos. Eles sobreviveram a seu pai sozinho.

E então eles conheceram Patricia Farrell e sua filha, Danielle, e todos os filhos de Danielle. E quando eles estavam com fome, Danielle aparecia com comida extra que ela por acaso havia preparado. E quando a Sra. Tricia viu Will voltar andando da escola para casa porque mamãe estava trabalhando em um de seus dois empregos, ela disse:

— Bem, isso não é bom. Você pode pegar o ônibus conosco, menino. — E quando papai apareceu uma noite, bêbado como sempre e furioso com sua esposa por finalmente o largar, Danielle saiu de roupão, segurando uma chaleira como uma arma, e disse: — A polícia foi chamada. E se você não sair antes que eles cheguem, eu irei pessoalmente derramar seus miolos. Isso é uma promessa.

Mamãe e Danielle se tornaram melhores amigas depois disso.

E Will tinha sido um dos Farrell. De repente, ele tinha acesso a uma casa onde sempre havia um adulto por perto, e esse adulto estava sempre sóbrio. Ele tinha meninos com quem brincar que não apontavam para os buracos em seus sapatos. Ele tinha uma mãe que, pela primeira vez em anos, sorriu mais do que chorou.

E ele teve Abbie. Ele sempre teve Abbie. E ele sempre quis mais dela.

— Você não queria estragar a família? — Jase repetiu, incrédulo. — Não faço ideia do que isso significa, porque definitivamente não há nada que você possa fazer para torná-lo menos parte da nossa família. — Como todos os Farrells, ele disse essa coisa incandescente e brilhante muito rapidamente, com uma voz muito entediada, e seguiu em frente imediatamente. — Então, o que você está tentando me dizer, William, é que você tem gostado de Abbie esse tempo todo? Você tem andado por aí, estrelando em novelas e dormindo com supermodelos...

— Foi *uma* supermodelo, e ela era uma mulher muito legal e muito persuasiva.

— ...sendo considerado O Cara Vivo Mais Sexy, e minha irmã esteve por aí se *casando*, e o tempo todo você esteve apaixonado por ela, e você apenas... não... fez nada sobre isso?

— Eu tenho feito coisas sobre isso. Consegui um bom emprego e falei com um psicólogo sobre minha baixa autoestima e traumas de

infância ou qualquer outra coisa, e tentei ver Abs todo Natal e nunca esqueci seu aniversário...

— Eu espero que não — Jase murmurou, — já que é *meu* aniversário.

Will decidiu ignorar isso.

— Já fiz muito a respeito, considerando que ela foi casada por cinco anos. Sem mencionar que houve aquele tempo em que nós... — Seu cérebro alcançou sua boca nesse momento, e ele se calou.

— Quando vocês o quê?

— Nada. — Essa informação era privada e, embora Will não se preocupasse em esconder coisas privadas de Jason, Abbie certamente o fazia.

— Quando vocês o *quê*? — Jase repetiu. — Por favor, me diga que você não ligou do nada para confessar que está apaixonado pela minha irmã e também que você está... ugh, quer saber? Não. Não consigo nem dizer.

Will franziu a testa enquanto abria a mala e vasculhava as roupas que não havia desempacotado.

— Você não pode dizer o quê?

— Will.

Ele encontrou suas roupas de treino e pensou por um momento.

— Oh, sexo? Você acha que estamos transando? Nunca fizemos sexo. Embora eu deva ser claro, espero que eventualmente possamos transar. — Ele fez uma pausa. — Se ela quiser isso. — Ele pausou novamente. — Mas isso é, tipo, o estágio seis do plano. Ainda estamos na pré-temporada, Jase. Segue o raciocínio. — Honestamente, esse homem geralmente era muito mais inteligente do que isso. Abbie conheceu o ex-marido na universidade, eles estiveram juntos desde então, e depois do divórcio ela tem estado... introspectiva. Foi só no último ano ou algo assim que ela recuperou totalmente sua confiança e humor. Ela tinha sido machucada. Ela estava diferente agora. Ele não podia jogar todo o seu coração nela como se eles ainda fossem jovens.

Às vezes Will pensava em como as coisas poderiam ter sido se ele tivesse jogado seu coração nela quando eles eram jovens.

Então ele parou porque isso o deixou triste e, de qualquer forma, era inútil.

— Neste momento — explicou ele, — estou tentando mudar a maneira como ela pensa a meu respeito. Ela não pode me ver como apenas um dos caras. Ela tem que pensar que eu sou, você sabe, atraente.

— Will. Os óculos de Abigail dão a ela uma visão perfeita. Ela sabe que você é atraente.

— Cale a boca, não foi isso que eu quis dizer. É uma coisa de mentalidade. Eu nem sei se ela está pronta para namorar, é por isso que estou indo devagar. Então, estágio dois: no Ano Novo, eu me mudo de volta para casa...

— Você o *quê*?

— ...e começo a vê-la com mais frequência. Não de uma forma estranha. Tipo, eu estou aqui, ela está aqui, por que não saímos? Ela vê como sou super maduro, e talvez venha à minha casa às vezes e fique maravilhada com a minha prateleira de temperos organizada. Mostro meus discos Deap Vally, e ela começa a ovular. Talvez eu pinte minha sala de estar de preto. Ela gostaria disso, certo? Enfim, depois disso...

— Pare — Jase gritou. — Sério, pare. Eu não consigo respirar.

— Oh, você estava rindo agora? Achei que alguém tivesse trazido seu cachorrinho para o trabalho novamente.

— Jesus, Will, você vai me matar. Você realmente vai me matar.

Will mordeu o lábio.

— Merda. É ruim? É um plano ruim? — Porque em algum momento das últimas doze horas, ele começou a se preocupar que poderia ser péssimo. Especificamente, quando ele tentou flertar com Abbie, o que ele nunca fez, e ela olhou para ele como se ele tivesse ganhado uma cabeça extra e ela estivesse tentada a bater nela.

— Sabe de uma coisa? — Jase disse. — Não é um plano ruim, na verdade.

Oh! Graças a Deus.

— Mas há um melhor.

— O que? — Will exigiu. — Me conte. — Afinal, ele precisava de todas as opções possíveis se queria escolher a melhor. Precisava ver todos os ângulos se quisesse ter uma chance de fazer isso sem destruir sua amizade.

Jase riu, como se toda aquela situação fosse engraçada, em vez de *Extremamente séria pra caralho, obrigado, Jason*.

— Que tal você... dizer a ela como se sente?

Will piscou. Várias vezes. Ele realmente não tinha pensado nisso, provavelmente porque ele era dramático quando se tratava de coisas que importavam.

E Abigail Farrell importava. Talvez um pouco demais para ele pensar com clareza.

— Você sabe como Abbie é impaciente — Jase estava dizendo. — Se as coisas começarem a mudar entre vocês e ela não souber por que, ela vai ficar irritada. Então, apenas diga a ela, com antecedência, e pergunte se há alguma chance de ela sentir o mesmo.

Porra. Jase estava certo. *Obviamente*, ele estava certo. E esse era um conceito meio sonhador, porque ela poderia dizer sim, e Will poderia ficar delirantemente feliz, e tudo poderia estar perfeito no final da porra do dia...

Mas.

O oposto completo também pode acontecer. O oposto sendo que Abbie *não* sentia o mesmo, levando sua amizade ao colapso sob a pressão de seu estranho amor não correspondido. E se havia uma coisa que Will não podia perder, era a amizade deles.

Seu pulso de repente tornou-se audível.

— Eu ... não acho que consigo fazer isso — ele disse, sua voz falhando no meio.

Jase suspirou.

— Sim, você consegue. Eu sei que ninguém quer ser rejeitado, mas...

— Não me importo de ser rejeitado. — Ele era um ator. Ele já foi rejeitado em todas as situações possíveis por quase todos os motivos concebíveis, várias milhares de vezes ao longo dos anos. Então esse não era o problema. Esse não poderia ser o problema. Ele limpou a palma da mão livre contra a coxa e engoliu em seco. — Eu só... não acho que seja uma boa hora para ser tão direto. Não gostaria de assustá-la.

— Claro — disse Jase secamente. — Ela.

Vinte minutos depois, com a dose segura de seus remédios para alergia e ignorando firmemente suas dúvidas iminentes, Will desceu

as escadas. Havia outro gato malhado esparramado no último degrau, e ele pulou habilmente sobre ele com um rápido “Bom dia, Bacon”.

Abbie não estava na cozinha, mas ele podia dizer pela tigela de cereal brilhante no escorredor de pratos que ela estava por perto. Ela era uma espécie de doida por limpeza. Ele preparou uma batida de proteína com o pó que havia trazido da casa da mamãe e, em seguida, iniciou o delicado processo de fazer para Abigail Farrell o chocolate quente perfeito, o que era uma arte por si só.

Ao contrário da maioria das pessoas, ela só gostava sem açúcar. Oitenta e cinco por cento amargo. Com leite de aveia, porque ela era intolerante à lactose. Não muito quente para beber imediatamente, ou ela esperaria muito tempo para que esfriasse e acabaria frio. E devia haver três marshmallows no topo, em um triângulo perfeito - ela nunca realmente disse a ele, mas quando ele fazia isso, ela sempre parecia satisfeita e deixava os marshmallows para o final, e isso era prova suficiente.

Pouco depois, com chocolate quente na mão, Will a encontrou na sala de estar. Ela estava aninhada no sofá do canto com Haddock no colo e um bastidor de bordar nas mãos. Ela olhava para aquele arco como se ele guardasse os segredos do universo, concentrando-se tanto que ela não deveria ter notado Will parado na porta.

Mas ela notou, porque Abbie notava tudo. Ela era inteligente pra caralho, afiada pra caralho e doce pra caralho também.

— Bom dia, Will — ela murmurou, seus olhos nunca deixando o tecido. — Ainda sofrendo com o fuso horário?

Porque ela sabia que ele geralmente acordava cedo, como ela.

— Está melhorando — disse ele, e entrou na sala, passando por cima de um gato que tomava sol. Ele gostava de olhar para ela deste ângulo, gostava de vê-la na luz invernal da manhã que entrava pelas vidraças finas, fazendo brilhar sua pele marrom. Ela não estava usando maquiagem ainda, então não havia delineador dramático ou batom escuro para distrair de todas as coisas que eram apenas Abbie: o quão rápido ela piscava por trás dos óculos quando estava pensando, e a pequena protuberância em seu nariz onde ela o havia quebrado brigando com Michaela Ashley do outro lado da rua, e o pequeno sinal debaixo de sua boca larga e macia. Ela deixou o cabelo grosso preso para trás em um coque que parecia a cinco

segundos de escapar do elástico, e estava usando um enorme cardigã vermelho-sangue que o fez sorrir. Abbie jurava que odiava o Natal, mas a única vez que ela usava roupas coloridas era em dezembro.

Ele a sorveu por longos segundos, então foi se sentar na outra ponta do sofá, mas não muito longe. Sem tocar, não. Mas não muito longe.

Olhe para mim, ele pensou. *Olhe para mim, menina Abbie.*

Como se ela tivesse ouvido seus pensamentos, seus cílios se ergueram e seu olhar encontrou o dele. Ela o engoliu com aqueles olhos escuros espertos, mas apenas por um segundo. Ela estava focada em seu bordado novamente antes que ele tivesse tempo de respirar.

— Bela roupa — ela murmurou. — Não me diga que você vai malhar esta manhã.

Ele sorriu e deu um tapinha no short amarelo neon.

— Claro que vou. Você pode se juntar a mim, se quiser.

— Você deve ter batido a cabeça.

—Você pode me assistir, se quiser.

— Você passou muito tempo em Hollywood. Tenho coisas melhores para fazer nas minhas férias do que assistir seus músculos se moverem, Sr. Reid.

— Você notou meus músculos, pelo menos.

Ela olhou para cima novamente, seus olhos se estreitaram desta vez.

— Ora, sim, Will. Percebi que você tem a anatomia necessária para se mover, respirar, digerir os alimentos etc.

Ele riu.

— Realmente? Você digere comida com seus músculos?

— Aham. Seu trato digestivo tem uma camada de músculo que ajuda a comida em sua jornada.

— Você é tão inteligente, Abbie.

— Sou viciada em vídeos aleatórios do YouTube, Will, isso sim. Isso é chocolate quente?

Ele olhou para a caneca como se só então notasse.

— Ah, sim. É

— É para mim?

Ele sorriu.

— Agora, por que você acha isso?

E então ela o surpreendeu, o que Abigail costumava fazer. Em vez de apontar o triângulo de marshmallows ou perguntar qual leite ele usou, ela disse:

— Porque você não gosta de bebidas quentes antes do café da manhã.

Will ficou olhando.

Ela esperou, provavelmente que ele dissesse algo em resposta.

Ele apenas olhou um pouco mais.

Ela começou a ficar inquieta, seu olhar flutuando para longe dele, o que era um sinal claro de que ela estava com vergonha.

— Quero dizer — disse ela, — quero dizer, eu nunca *vi* você...

Ela estava prestes a voltar atrás, e ele não poderia deixá-la fazer isso, porque então ele não seria capaz de fazer nenhuma das perguntas que giravam em sua cabeça. Perguntas como:

— Como você sabe disso?

Ela revirou os olhos, mas ainda estava desconfortável. Ele sabia.

— Eu te conheço desde sempre, Will. Eu noto coisas.

Há tempos atrás, isso poderia ter feito sentido, mas havia distância entre eles, atualmente, apesar da amizade que permaneceu. Anos e quilômetros e um ex-marido podiam fazer isso com uma amizade, mesmo uma tão vital quanto um batimento cardíaco, Will tinha aprendido.

— Nos últimos dez anos — disse ele, — nos vimos apenas no Natal e nos aniversários. Isso não é muito tempo, Abs. Quase não dá tempo. — Ou, pelo menos, não parecia muito para ele. Certamente não parecia o suficiente.

Mas, aparentemente, era o suficiente para ela perceber que bebidas quentes com o estômago vazio o deixavam nauseado. Aparentemente, ela notou a tal ponto que se sentiu confiante em dizer isso em voz alta, como um fato, ao invés de uma suspeita.

Isso significava alguma coisa, certo? Isso *tinha* que significar alguma coisa.

Ou talvez não. Porque ela deu de ombros e disse:

— Eu sou observadora.

E... bem... ela era.

— Certo. — Ele colocou o chocolate quente na mesa de centro na frente deles e passou a mão pelo cabelo. *Controle-se, Reid.* Isso

não iria funcionar se ele se mijasse de emoção a cada cinco segundos. — Bem, sim, o chocolate quente é para você.

Ela olhou para ele, e foi mais quente do que a caneca em sua mão. Ele não tinha a porra da ideia de como ela fazia isso: como seu rosto mal se movia, como ela mantinha seus sentimentos tão fortemente escondidos, mas os mostrava através dos olhos. Levou anos para perceber que algumas pessoas não notavam isso completamente. Que esperaram que sua boca sorrisse ou que suas palavras elogiassem quando deveriam estar olhando para outro lugar.

Will sempre soube onde procurar.

— Obrigada — ela murmurou, seca e contida como sempre, mas seus olhos diziam: "*Você é um amor*".

E então ela *disse* isso. Ela realmente disse, com palavras reais de sua boca *real*:

— Você é um amor.

Ele piscou, franziu a testa, se perguntou se acabara de ter algum tipo de derrame.

— É... você disse algo?

— Sim. — Ela deu um gole no chocolate. A caneca ainda estava na frente de seu rosto quando ela murmurou: — Eu disse que você é um amor.

Will lentamente, lentamente percebeu que não tinha imaginado nada. Ela disse isso. Ela disse algo *bom*, em voz alta, para outro ser humano, e esse ser humano não era uma criança ou um amigo próximo em lágrimas ou um cadáver no dia de seu funeral.

— Puta merda, Abigail.

Ela olhou feio.

— O que?

— Nada. — Will sabia o que era bom para ele.

Seu brilho se transformou em um sorriso malicioso.

— Foi o que eu pensei.

Eles ficaram em silêncio por um momento.

Então sua boca grande disse:

— Terapia pós-divórcio?

Ela fez uma careta, que era uma expressão que ela nunca tinha escondido.

— Eu vou matar meu próprio irmão gêmeo com minhas próprias mãos.

— Na verdade, Harlan me disse.

— Eu vou matar *todos os* meus irmãos com minhas próprias mãos. Que pena.

— *Todos eles? O que Noah fez?* — *Will se pegou sorrindo, o que era incomum em uma conversa sobre* fratri-sei-lá-o-quê, mas Abbie sempre causava esse efeito sobre ele.

— Nada ainda — disse ela, — mas gostaria de me planejar com antecedência.

— Justo. — O sorriso de Will desapareceu. — Desculpe, a propósito. Acho que ele pensou que eu já sabia.

— Provavelmente — ela concordou, e deu a ele um olhar que significava *Não se preocupe com isso*, então Will não se *preocupou*. Quando Abbie acabava algo, ela acabava mesmo.

— Aproveite o chocolate. Depois do meu treino — disse ele, — vou fazer um brunch para você.

Ela largou a caneca e puxou uma agulha suavemente pelo aro de tecido.

— Docinho, você sabe que não sabe cozinhar.

— Tive aulas.

Algumas pessoas podem questionar isso, ou rir disso, ou algo assim. Abbie não. Ela estava sempre tendo aulas, aprendendo coisas – ela gostava de aprender, amava até, tinha feito Will ter menos medo disso. Ele costumava pensar que era estúpido, antes que Abbie praticamente o arrastasse pelas provas finais e lhe dissesse repetidamente: *"Inteligência não é tudo que parece ser, Will, mas aprender é outra coisa."*

Então, com o anúncio dele, ela apenas ergueu as sobrancelhas e perguntou:

— Hm. Como está sua torrada francesa?

— Gloriosa — disse ele. — Transformadora. Faz a vida voltar a ter sentido, alguns podem dizer.

— É? Quem pode dizer isso?

— Pessoas.

— Mulheres?

Ele sorriu, lento e encantado.

— Você está pescando informações, Abigail?

Ela fungou.

— Não sei o que isso quer dizer, William. Só estou dizendo que as mulheres são minhas fontes preferidas de opiniões confiáveis.

Will murchou.

— Ah. — Deixa pra lá. Obviamente, ela não iria entrar em um ataque de ciúme por causa das namoradas teóricas comedoras de torradas francesas depois de meio dia de flertes hesitantes da parte dele e olhares confusos da parte dela. Mais uma vez, ele sentiu uma chama de advertência em seu estômago, uma vozinha gritando que Jase estava certo e seu plano era mais furtivo e inútil do que inteligente e brilhante... mas a voz foi rapidamente sufocada por um manto de esperança nervosa. Tantos sentimentos, todos confusos, nenhum deles tão interessante quanto Abbie.

Chegando mais perto, ele olhou para seu bastidor de bordar.

— Posso ver?

Abbie sempre bordou com a mesma facilidade com que as pessoas rabiscam. Provavelmente tinha algo a ver com sua mãe e avó serem costureiras. Ela hesitou por um momento, o que era estranho. Então ela suspirou e girou seu arco, e ele viu um oceano azul sedoso pontilhado com peixinhos rosa e iluminado por um sol dourado. Sobre o fio amarelo, ela costurou as palavras “UM DESPERTAR QUENTE”.

Ele sorriu. A arte de Abbie sempre o fazia sorrir. Então ele piscou e percebeu algo.

— Oh. É... eu te enviei isso, não foi?

Ela evitou seu olhar enquanto respondia.

— Acho que sim.

— Você acha? — Ele riu. — Quantas pessoas você tem te enviando arte pelo Instagram? — Mas então ocorreu a ele que ela poderia ter um monte de gente fazendo isso. Ele poderia facilmente ser uma das centenas de indivíduos desesperados enviando a Abbie as coisas que amavam apenas para fazê-la sorrir e lembrá-la de sua existência.

De repente, ele sentiu um péssimo humor chegando.

Até que ela revirou os olhos e disse:

— Tudo bem, sim, você enviou para mim. Você tem bom gosto. Às vezes eu bordo as coisas que você manda. Você sabe, quando estou ficando sem ideias.

O sol mental de Will explodiu por trás das nuvens e consumiu sua tempestade.

— Ah, é?

— Não deixe isso subir à sua cabeça, Reid.

— Eu nunca deixaria. — Mas ele estava sorrindo, então era uma mentira óbvia.

— Sim, você deixaria — ela disse, e então sorriu de volta, o que era tão raro e tão quente que seu coração apertou e seu estômago ficou tenso. Abbie tinha um tipo de sorriso perverso, do tipo que faz você pensar em transar. Ou talvez isso só fazia *ele* pensar em sexo. Tanto faz. Ele poderia aceitar isso como um problema pessoal. — Você fica terrivelmente lisonjeado — disse ela, — por influenciar as decisões de um mestre do bordado como eu.

Ele tomou um gole de seu shake de proteína e tentou parecer entediado, o que na verdade era muito ruim. Sua atuação nunca ganhou nenhum prêmio; apenas seu rosto tinha feito isso.

— Mestre do bordado? Se você diz.

— Diga-me a verdade ou vou furar você. — Ela acenou com a agulha ameaçadoramente.

— Você não...

Ela estendeu a mão e ele gritou. Levou um momento para perceber que ela o cutucou, não o furou.

— *Ai*. — Na verdade, não doeu, mas ele a pegou pelo pulso de qualquer maneira e puxou-a o mais perto que pôde sem tirar Haddock de seu colo – o que acabou sendo muito perto. Perto o suficiente para que ele pudesse ver suas pupilas dentro do marrom profundo de suas íris, pudesse ouvir a pequena respiração que ela soltava. Podia sentir o fantasma disso contra sua bochecha, talvez, ou talvez fosse apenas um pensamento positivo.

Ele definitivamente podia sentir o pulso dela sob sua palma, e ele saboreou isso. Abbie era privada, e Abbie era forte, e Abbie era mais inteligente do que ele jamais seria, mas ele ainda podia sentir a frágil batida de seu pulso... E. Estava. Acelerado.

Ele engoliu em seco. Com força. Seus órgãos se reviraram dentro de seu corpo.

— Abbie — disse ele, e esqueceu tudo sobre seu plano, lembrando-se de uma noite, dois anos atrás, nesta mesma sala. — Abbie, você está linda hoje.

Porra. Merda. Por que, em nome de Deus, ele disse isso? Por anos, Will tinha pensado esse tipo de coisa, e por anos, ele manteve sua boca fechada. E agora, durante o primeiro momento que passaram juntos sozinhos desde o divórcio, ele a elogiou como uma peste bêbada em um bar?

Legal, Reid. Muito agradável.

Os olhos de Abbie se arregalaram por trás dos óculos por um segundo de surpresa, antes de estreitarem com sua marca registrada: suspeita.

— Linda, hein? — ela perguntou, sua voz como ferro.

Ele soltou o pulso dela. Tentou reunir seus pensamentos dispersos. Voltou ao plano cuidadoso e inteligente que havia traçado durante seus meses fora da presença eletricamente convincente de Abbie e descobriu que havia esfarelado como um biscoito sob a força de sua personalidade real.

Bem, merda. Ele pode estar suando um pouco.

Mas... *Em caso de dúvida, descarte.* Esse tinha sido o lema de Will desde que ele percebeu que não conseguia manter as mentiras na cabeça como as outras crianças.

— Isso mesmo — disse ele, erguendo o queixo. — Linda. — Então ele sorriu, porque um grande número de mulheres parecia gostar quando ele fazia isso.

Claro, Abbie não era apenas uma mulher; ela era uma mulher que o conhecia e suas besteiras há décadas.

— O que você está *fazendo*, William? — ela exigiu, olhando para ele como se ele tivesse mudado de espécie diante de seus olhos.

— Não muito — disse ele, o que era tecnicamente verdade.

— Sério? — perguntou ela, a palavra gotejando com descrença, desaprovação, zombaria, todos os tipos de palavras terríveis. Haddock, claramente ciente da tempestade iminente, pegou seus ossos frágeis e saltou do colo de Abbie. Will o observou sair da sala com mais do que um pouco de inveja.

Então ele respondeu, com total inadequação.

— Sério, de verdade, Abs.

— Fascinante — ela falou lentamente. — Porque se eu não te conhecesse melhor, eu pensaria que você estava tentando flertar para arrancar minha calcinha como se não fôssemos amigos há vinte e um anos. E estou tentando descobrir por que você faria tal coisa, e

a única explicação que posso dar... — Ela hesitou por um segundo, tão ligeiramente que ele poderia não ter notado se ele não estivesse: (1) meio que obcecado por ela, bebendo-a como um uísque de sessenta anos, e (2) tão nervoso neste momento que notou cada maldita respiração dela. — A única explicação que posso dar — ela continuou, sua expressão ilegível e seus olhos ardendo, — é que algo aconteceu desde a última vez que te vi. Algo que te transformou em uma espécie de idiota. Não sei o que é, mas não vou aceitar.

O queixo de Will caiu. Ele estava perdendo rapidamente o controle da situação, o que ele esperava, mas o que ele não esperava era a direção que ela tomaria.

— Eu... o *quê*? Chamar você de linda me torna um idiota agora?

— *Flertar* comigo te torna um idiota — ela respondeu instantaneamente, sua voz baixa e fria, sua expressão dura e – por baixo de tudo... dor?

Sim. Estava escondido, como todos os sentimentos de Abbie, mas ele fez da missão de sua vida decifrá-la e sabia o que significava o brilho em seus olhos escuros. O que ele não sabia era como ele tinha conseguido foder tudo tão espetacularmente e com essa velocidade de cair o queixo.

Ou talvez ele soubesse. Planos não eram sua praia, e agora ele se lembrou por quê. Não era apenas sua falta de organização; era o fato de que esse plano envolvia guardar segredos, esconder, e isso parecia um pouco como mentir.

Jase estava certo – e Will estava errado.

Porque ele não tinha medo da rejeição, não normalmente. Mas ele percebeu neste momento tenso e suspenso de arrependimento que ele estava com medo de ser rejeitado por Abbie.

— Você pode negar se quiser — ela estava dizendo, — mas não sou uma idiota. — A palavra tinha veneno. Seus lábios se apertaram, ela balançou a cabeça como se estivesse se tranquilizando. — Eu sou uma mulher adulta. Eu sei o que é flertar. Não estou imaginando coisas.

— Eu nunca disse que você estava — ele respondeu suavemente. — Eu nunca diria isso, menina Abbie. — *Eu nunca foderia com sua cabeça. Eu nunca faria você se sentir uma idiota.* Exceto que talvez ele já tivesse.

Com suas palavras, algo nela pareceu relaxar, só um pouquinho. Como se sua honestidade fosse a chave para esfriar sua súbita ira.

— Oh — ela disse, e de repente parecia perdida.

O que apenas enfatizava exatamente o quanto Will tinha bagunçado as coisas. Depois de sua explosão, a magnitude disso realmente o atingiu.

Ele tinha feito Abbie duvidar de si mesma, não foi?

Ele a fez se sentir... enganada.

Ele ignorou o conselho do gêmeo dela... ignorou seu próprio conhecimento dela, e da merda que ela tinha passado com seu marido, para realizar algum plano de capa e espada como se ela fosse um experimento científico.

Bem, foda-se. Foda-se a porra do plano.

Will exalou forte e apoiou os cotovelos nos joelhos, deixando cair a cabeça sobre as mãos.

— Merda — ele murmurou.

— O que você está fazendo? — Abbie exigiu. Ela sempre ficava nervosa quando estava confusa. Mais uma coisa que ele deveria ter levado em consideração.

Ele deveria tê-*la* levado em consideração. Essa foi a linha de fundo. Mas...

— Honestamente? Nunca fiz esse tipo de coisa antes.

— Bem, isso é mentira — disse ela. — Eu vejo as manchetes, você sabe. E não diga que está tudo inventado, porque Jase menciona coisas também.

Will franziu a testa e olhou para ela. Ela ainda era adorável na luz pálida da manhã, ainda mais adorável com aquela carranca desafiadora e o fogo em seu olhar.

— Do que você está falando?

Ela revirou os olhos.

— Estou falando sobre seu pênis saqueador, William. Tenho certeza de que é muito frio e solitário aqui na Escócia. Mas é melhor você comprar um Fleshlight, porque você não vai esquentar essa coisa em mim.

Will quase engasgou com a língua.

— Abbie! — Desde quando os gêmeos Farrell eram tão obcecados por sexo?

— O que? Eu sei o que você está fazendo. — Ela fez uma careta.

— Não — disse ele, endireitando-se. — Você não sabe. — Era sua imaginação ou um lampejo de esperança apareceu sob sua expressão de pedra? Como a impressão de um relâmpago depois de fechar os olhos?

Talvez. Ela provavelmente estava *esperando* que ele não tivesse se transformado em um idiota completo desde a última vez que se viram, esperando que ele pudesse explicar essa tempestade de merda de uma maneira satisfatória. O que ele realmente gostaria de poder, mas... merda. O que ele deveria dizer? *Eu e meu pênis saqueador queremos muito mais de você do que isso?*

Ha. Abbie odiava coisas sobre sentimentos. Ela estava solteira há dois anos, e ela mandou para ele mais memes de homens-são-uma-merda do que ela mandou selfies da Rihanna, o que era algo considerável. Se ele admitisse que tinha vindo aqui na esperança de seduzi-la e fazê-la se apaixonar por ele, ela provavelmente riria na cara dele.

Mas se ele dissesse... se ele dissesse, *há treze anos, você voltou da universidade para o Natal, e eu vi você pela primeira vez em meses depois de vê-la todos os dias por anos, e me atingiu como um tijolo em que eu estava apaixonado por você, sempre tinha sido, e isso nunca mudou, nunca mudou...*

Se ele dissesse isso, ela ficaria inacreditavelmente apavorada, e isso tornaria o Natal da família estranho pra caralho.

E ele a perderia. Ou melhor, ele aprenderia de uma vez por todas que nunca a teve. Anos de espera pelo momento certo desapareceriam como fumaça. O talvez-possivelmente-um-dia que ele usou para passar por tempos sombrios iria desaparecer. Eles nunca teriam existido realmente em primeiro lugar. Querer Abbie o manteve são por tanto tempo que ter que arrancá-la de si mesmo poderia matá-lo. E se ele derramasse suas tripas e ela educadamente dissesse “Não, obrigada” ele não teria escolha a não ser morrer ali mesmo.

Mas se ele mentisse, e isso a deixasse triste novamente, ele morreria ainda mais.

Então o que diabos ele iria fazer?

— Eu me importo muito com você para foder com você de propósito — disse ele. Isso era honesto. Isso era real. — Você sabe disso, não é? — Ele observou o rosto dela e esperou e esperou...

Sim. Seu degelo foi lento, como uma primavera relutante, mas estava lá.

— Acho que sei disso — disse ela finalmente. — Você é... você é como meu irmão.

— Não — ele disse. A palavra saiu mais firme do que ele pretendia, mas ele não se arrependeu. Ele sustentou seu olhar e repetiu-se. — Não, Abigail. Eu não sou.

Sua garganta se moveu enquanto ela engolia. Ela o estudou com aqueles olhos espertos e Will de repente sentiu que ele devia ser transparente.

Mas se transparente era o que ela queria, ele tentaria o seu melhor para dar a ela. Ele gostaria de poder oferecer melhor, oferecer mais, mas acabava que arrancar todos os seus medos de uma vez era nauseante e quase impossível. Então ele a encontrou no meio do caminho.

— Estou flertando com você porque... gosto de você, Abbie.

A expressão dela ficou em branco. Seus olhos diziam choque. Sua boca dizia:

— Você... o *quê*?

Bem, graças a Deus ele não tinha confessado que a amava. *Boa decisão.*

— Eu sei que parece ridículo — ele divagou. — Estamos na casa dos trinta. Mas... — *Mas isso começou quando éramos crianças*, ele quase disse, e graças a Deus por seu filtro entre o cérebro e a boca raramente usado que o interrompeu. *Ainda não. Ainda não.* — Mas não sei como dizer de outra forma. — concluiu. — Falar com você é a melhor parte do meu dia, mesmo que só o façamos por meio de mensagens do Instagram. E falar com você pessoalmente, com palavras, é como... voltar para casa.

— Isso porque nós só conversamos quando você está em casa — ela cortou bruscamente. Sua expressão ainda era ilegível, e sua respiração estava um pouco superficial, mas pelo menos ela disse *algo*.

— Sim — ele concordou lentamente, — mas também porque você me faz feliz. Posso ser eu mesmo perto de você e adoro quando

você é você, e só quero fazer você sorrir e, também, como disse, você é muito bonita e incrivelmente gostosa. Eu poderia dizer mais, mas pode virar para um território pouco romântico.

Silêncio. Então ela repetiu, a palavra tão fina que era praticamente transparente.

— Pouco romântico?

— Sim. Porque isso, o que estou dizendo agora, é para ser romântico. É isso que estou tentando fazer aqui. Não sei se você quer que eu faça isso, mas eu meio que esperava que você pudesse considerar, e é isso que venho tentando... descobrir, eu acho. Se você estivesse aberta a isso. Mas claramente eu não sou muito bom nisso, porque planos e sutilezas e outras coisas não são realmente o meu estilo. Acho que meu lance é jogar meus sentimentos sobre a mesa como um pênis não solicitado, mas acredite em mim quando digo que estou realmente tentando ser contido aqui, Abs, e, é, eu sei que isso é muito, então... você não tem que responder agora, nem nada. Eu só... não quero mentir para você, Abbie. Você me perguntou o que está acontecendo. Então. É isso que está acontecendo.

Por um momento, Will se sentiu mil vezes melhor, tirando tudo isso de seu peito. Então, mais alguns segundos se passaram e Abbie permaneceu em silêncio e obviamente surpresa, e Will lembrou por que ele estava tentando revelar essas coisas aos poucos, em vez de de uma vez: Abbie realmente não gostava de emoções, ou surpresas, ou emoções surpreendentes.

Ele observou, suas bochechas quentes e as palmas das mãos meio suadas, enquanto ela abria e fechava a boca algumas vezes como um peixe. O que não era o melhor sinal. Então ela piorou as coisas mil vezes ao dizer:

— Will. Que porra é essa?

E esse, é claro, foi o momento exato em que a Sra. Tricia entrou na sala.



Quatro

@DoURe1dMe: Ei, você sabe de onde é essa citação?
@AbbieGrl: “Se eu te amasse menos, talvez pudesse falar mais sobre isso?” É de Emma.
@AbbieGrl: Por quê?
@DoURe1dMe: Não sei. Talvez eu leia.

Abbie silenciosamente entrou em pânico enquanto Will estava sentado na frente dela com seus malditos shorts ridículos e sua camiseta que dizia PUSH IT REAL GOOD e seus olhos esperançosos e famintos.

Ele olhava para ela como se realmente quisesse dizer o que disse, não de uma forma casual, mas de uma forma galáxias-de-distância-entre-palavras-não-ditas. Ele olhava para ela como se os dois fossem personagens do romance sobre o qual falaram na noite anterior. Ele olhava para ela como se isso fosse um conto de fadas, como se ele fosse arrancar espinhos com as próprias mãos e escalar uma torre solitária para chegar até ela.

Mas nada disso era fato incontroverso; era interpretação, e as interpretações sociais de Abbie eram frequentemente distorcidas. Ela

aprendeu isso na terapia. (Os terapeutas costumavam ser rudes pra caralho; isso foi outra coisa que ela aprendeu.)

Ela deveria colocar seus pensamentos sob análise – era uma das técnicas que ela havia aprendido – mas agora, seu juiz e júri mentais analisavam as confissões de Will em vez disso. "*Eu gosto de você, Abbie*", ele disse. "*Você me faz feliz*", ele disse. A cabeça de Abbie condenou essas palavras por crime de perigo comum. Elas eram fofas, mas superficiais quando comparadas às que viviam dentro dela. As borboletas estavam acordando de novo – *ele as* acordou – e desta vez batiam com força suficiente para se libertar. O que não poderia acontecer, porque então Will ficaria cara a cara com borboletas monstruosas antigas que deveriam ser *secretas* e ele ficaria compreensivelmente horrorizado, e ela perderia todo remanescente de dignidade.

— Will — disse ela. — Que porra é essa? — Seu corpo parecia muito tenso, muito frágil, engolido por uma tempestade repentina de emoção. Ela geralmente mantinha esses sentimentos protegidos e escondidos, mas as palavras dele os fizeram surgir como um furacão. A espiral torcendo em sua barriga, o calor correndo em sua pele, a maneira como ela ansiava por seu calor como se ele fosse o antídoto para o gelo da vida...

Pare. Isso era apenas uma paixão, só isso. Não poderia ser nada além disso. Ela tem dito isso a si mesma há anos, porque a alternativa era muito deprimente para contemplar e muito grande para controlar.

Abbie precisava de controle.

O que ela *não* precisava era de Will mexendo com coisas que ele não entendia ao flertar, dizendo merdas fofas para ela, dando esperança a seus desejos acorrentados o suficiente para os libertar. Mas antes que ela pudesse entender esse fato (ou, alternativamente, jogar seu chocolate quente no colo de Will para distraí-lo antes de pular pela janela e correr para Edimburgo), a vovó entrou na sala.

Will e Abbie estremeceram, sua bolha impossível estourou, sua atenção foi desviada... por enquanto.

— Gravy! — Vovó chamou da porta, ainda usando o lenço de seda e a camisola com babados.

Will, é claro, se levantou imediatamente.

— Ela vai ter bebês? — Ele parecia um marido preocupado sendo informado que a bolsa de sua esposa havia estourado. Abbie não conseguia nem censurar seu coração por apertar. A calma seria mil vezes mais difícil de manter agora que Will estava correndo por aí dizendo que *gostava* dela.

Não que *gostar* significasse algo. Poderia, se eles fossem estranhos, ou se Abbie fosse comum. Mas ela não era comum. Abbie era o tipo de pessoa que, ao ouvir que um velho amigo havia desenvolvido alguma atração tardia por ela, entrava no que deveria ser a poça de sua afeição recíproca só para descobrir que na verdade era uma nascente, uma lagoa oculta, um oceano com quilômetros de profundidade. Abbie *tinha um* coração que batia muito intensamente e geralmente acabava machucado.

Não entre em pânico. Isto vai passar. Tudo voltará ao normal.

Para ele voltaria, de qualquer maneira.

— Não, não — Vovó estava dizendo, afastando a preocupação de Will. — Embora ela tenha acabado de me acordar, tentando escapar pela janela quando *sabe* que não tem permissão para sair. — Um aceno desesperado de cabeça e a vovó avançou rapidamente. — Me levantei para fechar bem as cortinas e vi a neve! O que me lembrou... a nevasca! Está chegando....

Abbie apertou os olhos para a neve que mal aparecia, abriu a boca para discutir, mas pensou melhor.

— ...e não temos *nada* para o jantar de Natal ainda. Frango, arroz, *molho*, assados, aqueles pudins gigantes de Yorkshire que você adora, William...

Abbie podia ouvir o estômago de Will roncar com isso. Ele engoliu o resto de seu shake de proteína e disse:

— Hm. Sim. Eu amo aqueles Yorkshires. É melhor eu e Abbie irmos ao mercado.

Essa frase teve um efeito semelhante em Abbie como uma curta rodada de eletrocussão.

— Mercado? — ela guinchou, quando o que ela realmente queria dizer era: *"Eu e você? Sozinhos? Por um longo período de tempo? Depois* disso*? Acho que não."*

— Exatamente — Vovó concordou, aparentando estar demasiadamente aliviada. — Já escrevi uma lista para vocês. — Ela correu para a sala, colocou uma folha de papel rabiscado na frente

deles e saiu antes que Abbie *pudesse perguntar: "Você não disse que acabou de acordar?*"

A viagem de carro foi um pouco estranha.

O Asda mais perto da casa da vovó - ela *insistiu* no Asda - era a uma hora de distância. Ela geralmente pedia que eles entregassem as compras, mas, aparentemente, ela esqueceu de organizar isso porque estava muito ocupada massageando as patas grávidas de Gravy ou o que diabos. Abbie supôs que deveria se considerar sortuda por Will pelo menos ter se trocado para a viagem; se ela tivesse que passar uma hora assistindo suas coxas cobertas de pelos dourados flexionar cada vez que ele mudava de marcha, ela poderia ter enlouquecido.

Felizmente, ele estava usando jeans e outro suéter hediondamente festivo, que era tão interessante quanto sua roupa esportiva de neon e músculos nus, mas muito mais fácil de ignorar. Eles passaram sólidos quarenta e cinco minutos em um silêncio abençoado e aliviador, um silêncio tão completo e puro que ela quase acreditou que ele já poderia ter superado sua atração temporária por ela.

Então ele estragou tudo ao perguntar:

— Então. Sobre aquilo que eu disse antes...

Ela jogou para ele um olhar que *dizia "o que agora?"* de forma exasperada e cravou os dedos da mão esquerda no estofado do carro, onde ele não conseguia ver.

— Sim? — *Por favor, não toque no assunto. Por favor, não toque no assunto. Este é o momento perfeito para nós dois concordarmos silenciosamente que esqueceremos tudo sobre isso e nunca tocaremos no assunto.*

— É… — Ele deu de ombros, então ofereceu um sorriso esperançoso. — Você não parece horrorizada.

— Não — ela mentiu.

— Nem profundamente ofendida.

Discutível.

— Não — ela disse, mas era meio que outra mentira. Alguma parte dela queria ficar chateada com o problema que ele causou por causa de um pouco de *gosto*, embora ela soubesse que era

irracional. Não era culpa dele. Will não percebeu que ele não estava falando sério, e ele não entendia que Abbie não podia estar sendo nada *além de* séria... de uma forma intimidante, enervante, *desastrosa*.

Ela teria que ensiná-lo isso, no entanto. Porque havia regras para viver com segurança. E da última vez que Abbie quebrou essas regras, da última vez que ela deixou suas emoções imprudentes tomarem decisões por ela, ela ganhou anos de toxicidade, um inferno de divórcio e uma enorme conta de terapia em troca. Seus sentimentos românticos eram muito mais seguros em um confinamento, onde ela preferia mantê-los.

— Ok. — Will estava assentindo. — Ok. Bem. Eu disse que você não precisava responder imediatamente, e estava falando sério, então, é, provavelmente eu deveria parar de tentar conseguir uma resposta agora e vamos... continuar em silêncio.

Abbie sabia com certeza que Will odiava ficar em silêncio, o que provavelmente foi o motivo de sua declaração a deixar repentinamente inundada de culpa. Realmente, não havia necessidade de arrastar as coisas. Ele tinha o tipo de personalidade fácil e amorosa que o tornava suscetível a paixões sem sentido, e quanto mais cedo ela explicasse isso a ele e o encorajasse a se livrar disso, mais cedo as coisas voltariam ao normal. Então ela poderia muito bem acabar logo com isso, mesmo que, por algum motivo, seus pulmões tivessem se torcido e ofegassem com o pensamento.

A fachada verde-limão e branca de Asda apareceu ao longe quando ela disse:

— Decidi que você está tendo uma crise de meia-idade.

Will olhou para ela por um segundo e não conseguiu ver quando o semáforo mudou.

— William — disse ela bruscamente.

— Merda. — Ele pisou no acelerador. Então ele disse, sua voz cheia de incredulidade: — Estou tendo uma o quê?

— Uma crise de meia-idade — ela repetiu, porque era a única explicação sensata. Esperançosamente, agora que ela apontou, ele veria que ela estava certa, e ela seria poupada da indignidade de ter que explicar. — Eu sei que você não é de meia-idade, mas você é um ator, então está tendo uma mais cedo para efeitos dramáticos.

— Eu não sou um ator.

Ela franziu o cenho.

— Não se rebaixe. Eu sei que você não está produzindo o pináculo da arte cinematográfica, mas seus filmes deixam as pessoas felizes, e você é um super-herói muito crível.

Ele sorriu e lançou-lhe um olhar quando eles entraram no estacionamento do supermercado. Aqueles olhos escuros atravessaram nitidamente todas as suas defesas e engancharam em todas as suas partes suaves secretas, como de costume nessa porra.

— Eu *sou*? — ele perguntou. — E por que isso? Porque sou tão naturalmente heróico?

— Will.

— Porque eu sou super-humanamente bonito?

— Will. Você poderia se concentrar, por favor?

— Ah sim, minha crise de meia-idade. Você se importaria de explicar para mim?

Sim, ela pensou, lançando um olhar ameaçador para o lado de sua cabeça.

— Certamente não — disse ela, tentando soar imperturbável. — Você e eu nos conhecemos há décadas. Se fôssemos remotamente compatíveis, já teríamos notado. Seus novos sentimentos de afeto, portanto, são o resultado da atração geral – que, em minha opinião, não significa nada – familiaridade, proximidade e a crise mencionada.

Will levou o Corsa a uma *parada repentina* e abrupta. O carro atrás deles buzinou, alto e longo. Will ignorou o barulho enquanto se virava para Abbie, sua expressão uma imagem de espanto.

— Espere. Então. O que está acontecendo agora é que você realmente está dizendo que meus sentimentos por você são... uma crise?

Sentimentos por você. Ela realmente preferia quando ele falava a baboseira de *gostar*.

— Will — disse ela sem rodeios, — dirija.

Ele olhou para ela por mais um momento antes de balançar a cabeça com um ar exasperado e voltar a dirigir novamente.

— Incrível. Incrível pra caralho.

Sua aparente surpresa e murmúrios misteriosos estavam estragando as conclusões agradáveis e sensatas que Abbie havia tirado para si mesma, então ela decidiu ignorá-las.

— O problema é que — ela continuou, — ...você e eu temos abordagens diferentes para o romance. Você gosta de seus relacionamentos simples, leves e temporários.

— É? — ele murmurou, aparentemente para si mesmo, enquanto escolhia uma vaga na beira do estacionamento.

— ... enquanto eu... sou diferente. — ela disse, ignorando a falha em sua própria voz. — Você é o tipo de homem que consegue, é, gostar de alguém e se divertir com eles, então parar de gostar deles e pronto. Mas não acho que esse tipo de arranjo se adequaria às nossas circunstâncias familiares e, de qualquer maneira, não estou... interessada. — Pronto. Isso foi bom e claro e clínico e evitava com muita facilidade qualquer exame de *seus* sentimentos em relação a Will Reid. Perfeito. Agora ele se esquivaria de sua psicanálise, perceberia que ela estava certa afinal das contas, e seguiria em frente com o que quer que tenha sido esse defeito mental/emocional. O que era exatamente o que ela queria. Obviamente. Definitivamente.

Ok, talvez não *exatamente o* que ela queria, mas era o resultado mais seguro que ela poderia obter.

Infelizmente para ela, Will nunca foi seguro.

Ele desligou o motor, tirou o cinto de segurança e se virou para encará-la.

— Você está chapada — ele disse claramente. Então ele saiu do carro.

Um raio de aborrecimento estalou por ela. Ela tirou o cinto e pulou atrás dele.

— Eu claramente *não* estou, William, — ela retrucou, envolvendo os braços ao redor de si mesma para lutar contra o frio.

— Então por que você está sendo *ridícula*, Abigail? — A neve, embora leve e pouco substancial, girava entre eles como uma barreira. Ele pegou as sacolas de compras no porta-malas do carro, pegou a mão fria dela e puxou-a para o supermercado. Pequenos flocos brancos manchavam seus óculos. A palma de sua mão era quente e dura e, embora Abbie também tivesse mãos bastante grandes, ela sentia como se as dele envolvessem as dela. Não envolvia, não de verdade, não tecnicamente. Mas parecia que sim.

Will a puxou, não para as luzes brilhantes da entrada do supermercado, mas para a gruta de tijolos escondida onde as bicicletas dos funcionários estavam acorrentadas e a leve poeira da

neve lutava para se espalhar. Lá, nas sombras geladas, ele se virou para encará-la. Algo sobre o jogo de luz e escuridão em seu rosto o fazia parecer um homem ligeiramente diferente.

— Se você não está interessada em mim — ele disse firmemente, — tudo bem. Mas não me diga o que sinto por você. *Nunca*.

— Pare de rosnar para mim — ela disse de volta, — e controle-se.

— Ah, vá se foder, Abbie. Me controlar? Sério? Não posso acreditar que você seria tão... — Ele se interrompeu com um gemido angustiado e frustrado, passando a mão pelos cabelos. A imagem a atingiu como um tapa. Ela passou a última hora em pânico e furiosa, amaldiçoando-o por arrastá-la alegremente para o caos. Nunca havia ocorrido a ela que Will, o Will perfeito, dourado e *confortável, pudesse* estar sentindo algo próximo ao desconforto por isso.

Ele não poderia estar. Porque isso sugeriria que ele falava sério, e Will nunca falava sério, e ele certamente, depois de todos esses anos, não poderia de repente estar falando sério sobre *ela*. A própria ideia tinha o poder de derrubar tudo que ela sempre disse a si mesma, cada barreira protetora que ela já havia construído entre eles.

No entanto, a dor em seu rosto, o sulco profundo entre suas sobrancelhas e a maneira como ele prendeu os lábios entre os dentes sugeriram que ele realmente estava falando sério.

— Will — ela engasgou, seu estômago pesando como chumbo. — Will... você... você realmente não se importa tanto.

Ele olhou para ela, incrédulo.

— E você realmente acredita nisso, não é?

Merda.

Ok. Ok. Algum tipo de merda monumental havia acabado de ocorrer, porque ela praticamente podia vê-lo esconder sua tristeza. Seu corpo começou a zumbir de ansiedade, como um gerador elétrico funcionando.

— Sinto muito — ela deixou escapar, só percebendo o quão verdadeiro isso era uma vez que as palavras pairavam entre eles. — Desculpe. Isso foi rude. — Eufemismo. Ela realmente tinha explicado seus sentimentos para ele como se ele tivesse cinco anos?

Mais chocante: ele realmente tinha sentimentos para explicar? Porque isso... não encaixava. Não depois de todo esse tempo. Anos

e anos atrás, ela poderia ter se permitido esperar por isso, mas então ela cresceu o suficiente para descobrir que melhores amigos não se tornavam namorados do nada, assim como cães mortos não voltam à vida e fadas não existiam. Então ela foi embora. Ela se apaixonou por outra pessoa, ela se casou, ela se *divorciou*. Ela era adulta, mas também vibrava de incerteza e confusão e... e...

As coisas com Will não deveriam ser complicadas. Essa era uma verdade na qual ela havia confiado em toda a sua vida, uma verdade que ela trabalhou duro para manter, e agora estava tremendo sob seus pés.

Mas aqui estava outra verdade: ele não a machucou, e ela com certeza tentou não machucá-lo. Nem sempre ela conseguia, já que era praticamente feita de espinhos, mas ela tentou.

— Eu realmente sinto muito — ela repetiu, sua língua como chumbo e suas palavras inadequadas como sempre. Ela desejou ser melhor em dizer coisas doces. Se fosse o contrário, Will daria a ela o melhor pedido de desculpas de todos os tempos. — Isso foi... idiota. Você me pegou de surpresa e eu exagerei. Não deveria ter feito isso. Desculpe. Não vai acontecer de novo.

Algo em sua expressão mudou, seu olhar faiscando, seus lábios se abrindo.

— É mesmo?

Abbie de repente sentiu muito calor além de sua análise profunda.

— Hum.

— Isso não vai acontecer de novo? — Ele deu um passo em sua direção. Ela deu um passo para trás e se viu pressionada contra a parede de tijolos frios. — Então, se *eu* disser de novo, se eu disser que tenho sentimentos por você, você vai me dar uma resposta honesta em vez de surtar? — Ele estava olhando para ela como se não conseguisse ver mais nada... tipo, se ele tentasse desviar seu olhar um centímetro para a direita que fosse para olhar para o tijolo, fisicamente não funcionaria. Como se ela fosse um buraco negro e ele não pudesse escapar. Que não estava tão longe de como Abbie sempre interpretou sua própria fome por este homem, exceto que ela nunca imaginou que ele pareceria tão ansioso com a perspectiva de ser engolido. Ele deveria se afastar desse tipo de intensidade. Todo

mundo sempre se afastava, e Will era a pessoa mais leve e brilhante que ela já tinha conhecido.

Ela limpou a garganta seca e pressionou as palmas das mãos contra o tijolo áspero e gelado para se manter no aqui e agora, quando sentiu vontade de flutuar.

— É... talvez? — Ela parecia tão incerta, e ela se odiava isso. Mas quando ela procurou por sua máscara despreocupada e irônica favorita, ela não conseguiu encontrar. — Eu... só... *Will*. Tudo isso aconteceu do nada e não faz sentido.

— Pronto — disse ele, e deu mais um passo em sua direção. — Isso é o que realmente está te incomodando, certo? Então diga isso, Abs. Basta dizer isso. — Ele deu um passo final, e eles estavam frente a frente. Ela estava presa entre a parede e seus olhos perscrutadores, perfeitamente ciente de que ela poderia afastá-lo e ele iria facilmente.

Ela não disse.

— Você entrou em pânico — disse ele.

Sua boca traiçoeira estava tão acostumada a ser honesta com ele, que disse:

— Sim — antes que ela pudesse impedir.

Ele sorriu e foi como o amanhecer.

— Uau. Bem. Eu não tinha ideia de que poderia fazer Abbie Farrell entrar em pânico.

Seu estômago se dobrou como um origami sem esperança. Deus, ela amava seu sorriso.

— Não fique muito animado — ela disse a ele bruscamente, porque nada sobre essa conversa apagava sua necessidade de controle. Ela não seria babaca com ele, mas ela não ia deixá-lo olhar para ela *daquele* jeito, também.

Ele não sabia o quão perigoso era olhar para ela assim?

— Mas estou animado, Abigail. Porque eu te conheço bem o suficiente para perceber que você surtar sempre significa alguma coisa. — Ele estava vendo através dela novamente daquela maneira, como se sua testa fosse transparente e seus pensamentos estivessem rabiscados em hieróglifos que só ele poderia decifrar com um pouco de esforço. — Eu disse que sinto algo por você e você perdeu a porra da cabeça. O que *isso* significa?

— Absolutamente nada — disse ela com firmeza. — Não estou tentando diminuir seus sentimentos, Will, mas... — *estou desesperada* — ...você não acha que uma amizade tão antiga quanto a nossa deveria ser protegida de... compulsões heterossexuais?

Ele riu, uma risada baixa e reconfortante.

— Eu amo o jeito que você fala.

— Fale *sério. — Por favor*. *Não sou o que você pensa que sou.* Abbie sabia muito bem que ela parecia fria, mas a verdade é que ela sempre esteve em chamas e faria qualquer coisa para esconder isso. Liberar um pouco mais de calor era um objetivo pessoal dela atualmente, mas se ela fosse longe demais, ela queimaria sua própria calcinha, e então em que posição ela ficaria? Sem calcinha no estacionamento de um Asda, isso sim. Então ela se manteve firme.

Will se acalmou um pouco, porque ele sempre a ouvia quando era importante.

— Abbie, por favor. O que eu sinto não é... isso que você acabou de dizer. Eu... — Ele hesitou, o que era incomum para ele. Havia algo parecido com determinação em sua voz quando ele continuou: — Estive pensando sobre isso há um tempo.

Um tempo. Mas provavelmente não vinte anos.

— Esta é a primeira vez que nos vemos em muito tempo.

— Eu sei — Will disse calmamente. Ele não acrescentou: *Quando foi que o tempo teve importância entre nós?* porque ambos sabiam que nunca importaria.

— Eu era casada antes disso.

Seu olhar caiu para sua boca.

— Eu *sei* — disse ele, e ela sentiu um poço familiar de culpa se instalar no fundo de seu estômago.

— E você... você nunca se sentiu atraído por mim antes — ela disse, o que foi muito mais fácil de forçar a sair do que algumas das perguntas que giravam em sua mente. Perguntas como "*quanto tempo é um tempo?"* e "*Como exatamente* é que *você se sente?"* Perguntas que mostrariam o quanto ela se importava, que a deixariam vulnerável, na beira do precipício, exposta a ele de uma maneira que ela não achava que poderia suportar.

Cuidado, cuidado, cuidado. Ela tinha que ter cuidado. Ela sabia muito bem quão fundo a vulnerabilidade podia cortar quando era jogada de volta em seu rosto.

— Como você sabe? — ele perguntou, sua voz como brasas da meia-noite.

— Sei…? — Seus pensamentos eram mais como fios de seda agora, deslizando por entre seus dedos.

— Que eu nunca fui atraído por você antes? Você é muito atraente, Abbie.

— Bem… — Ela engoliu em seco. — Sim, eu sei disso. — Ela não era o tipo de todo mundo, mas gostava de sua aparência, e muitas outras pessoas também. — Nós dois temos uma aparência decente, e você gosta de mulheres e eu gosto de homens, então não é surpreendente que isso possa acontecer, mas em termos de estar especificamente atraído por *mim*, parece improvável. Ao passo que você estar geralmente atraído e atualmente com tesão é mais...

— Abbie — ele interrompeu. — Cuidado. Ou você pode me irritar. — Ele estava tão perto agora que ela podia sentir seu cheiro, o cheiro que nunca mudava, cedro e o sabor de morango de seus shakes. Tão perto que ela podia ver a sutileza de suas sardas, o brilho da corrente fina que ele sempre usava sob as roupas, o toque de humor em seus olhos e de frustração.

Ela olhou, irritada.

— Só estou *dizendo*.

— E eu — ele respondeu, — não tenho ideia de como passamos de *Will só quer me foder* para *Will* mal *quer me foder*, mas decidi andar nesta montanha-russa, então vamos lá. Agora, eu estou *muito* perto de cutucar você com meu pau do lado de fora de um supermercado como uma espécie de vizinho pervertido. Vou fazer isso, Abigail, porque quando estou com você, tudo o que tenho que fazer é olhar para o seu rosto e ouvir sua voz e talvez sentir um pouco do cheiro do seu cabelo, e de repente é mais fácil para mim ficar duro do que é me controlar. Isso porque eu acho você extremamente fodível e, na verdade, penso sobre sua fodibilidade com bastante frequência, e sempre achei e provavelmente sempre acharei. Então, sim, estou especificamente atraído por *você*.

O corpo de Abbie foi repentinamente possuído por dois desejos muito distintos. Primeiro, o desejo de deslizar pela parede e rastejar para longe, como um soldado, desta conversa, porque uma de suas principais barreiras tinha sido firmemente corroída pela descrição prática e incrivelmente excitante de Will de sua atração por ela.

Em segundo lugar, o desejo de agarrá-lo pela bunda e provar aquele lábio inferior desafiador, pelo mesmo motivo.

Merda. Merda, merda, merda.

— Agora que nós resolvemos isso — Will continuou, porque Will era um idiota presunçoso, — eu gostaria de repetir que não tenho flertado com você por causa de sua fodibilidade. Eu tenho flertado com você porque... — ele pressionou gentilmente as pontas dos dedos em seu queixo e inclinou sua cabeça para cima, como se soubesse que ela faria qualquer coisa para evitar seu olhar agora e ele já fosse impedir essa merda por ela — ...porque, de novo: Eu. Gosto. De. Você. Parece que isso está te confundindo, então deixe-me explicar. Significa que acho você ótima e gostaria de levá-la a lugares e dar-lhe coisas, assistir TV com você e dizer como estou gostando de meu último audiolivro e gostaria de fazer todas essas coisas porque você faz meu coração bater muito rápido só de dizer meu nome.

— *Will*.

— Sim — disse ele. — Bem assim.

— Eu... você... você não pode ser tão franco comigo — ela engasgou, a verdade escapando de seus lábios. — É muito... enervante.

— Confie em mim — disse ele, parecendo irracionalmente entretido, — Estou dando o meu melhor aqui, Abs. Eu realmente estou.

Não; ele a estava fazendo querer sentir coisas por ele com todo o seu coração, em vez de apenas uma parte secreta escondida, e isso não era... não estava certo e não era *seguro*. Ele não fazia ideia de que tinha vindo despreparado, e se ela tomasse cuidado e mostrasse a ele todas as merdas explosivas que ela estava guardando, ele ficaria sobrecarregado e desistiria e então ela seria deixada sozinha num oceano cheio de amor inútil... *Deus, não diga isso, não pense nisso,* e ele teria partido antes mesmo que essa coisa tivesse começado.

Ela tinha que fazê-lo ver a razão antes que ele estragasse tudo.

— Você não pode namorar casualmente alguém que conhece desde sempre — ela disse a ele rapidamente, — ...alguém que está totalmente ligado à sua família...

— Eu não estou tentando namorar você casualmente. Estou tentando namorar você seriamente.

— Vivemos vidas completamente diferentes — foi sua próxima frase, enrolada com algo como desespero. — Você é uma celebridade. Trabalho no administrativo de uma escola e gosto disso. Você mora em L.A., o que parece literalmente um pesadelo, aliás, e eu moro aqui... bem, em casa, e de novo, gosto disso. Somos de mundos diferentes. — Não era sempre isso que diziam em filmes e romances trágicos?

Will claramente não ficou impressionado, porque revirou os olhos.

— Somos *de* Forest Fields e eu só saí porque tinha uma chance melhor de ganhar dinheiro com meu rosto do que com meu suposto cérebro.

Abbie estreitou os olhos, distraída de sua atual turbulência.

— Não fale assim de você mesmo. O fato de você ter tomado decisões profissionais tão calculadas e ter explorado implacavelmente seus próprios pontos fortes *é* usar seu cérebro.

— Eu sei — ele disse suavemente. — Você me ensinou isso.

Ela piscou com a ternura em sua voz e com o fato de que, bem, tecnicamente ele estava certo. Ela se lembrava de ter dito a ele algo assim, quando eles eram jovens. Que usar o que você tinha para conseguir o que queria era a coisa mais inteligente que uma pessoa poderia fazer. Ela não podia acreditar que ele ainda se lembrava disso, ou que ele tinha levado a sério.

Realmente não deveria fazer sua respiração falhar assim, a ideia de que ele tinha levado isso a sério. Mas fez.

Isso também drenou todo o pânico, toda a preparação para luta para fora dela, e uma vez que isso acabou, tudo que restava em Abbie era a dura realidade e a raiz de seu problema.

Ela não deveria estar com tanto medo agora.

Não deveria sentir tanto pânico, ou tanta fome, porque um homem mostrou interesse por ela. As apostas não deveriam ser tão altas, tão cedo, baseado nesse pouco, e o fato de que era Will tornava as coisas ainda piores. Ela tinha começado relacionamentos antes, e embora você pudesse argumentar que ela os tinha feito errado, eles foram *fáceis*. Mas isso não seria nem remotamente fácil.

Isso já era assustador, e se o fácil já tinha acabado em um pesadelo, para onde o assustador a levaria?

— Will — ela disse, sua voz como um fantasma no ar frio. — Eu... eu não posso fazer isso.

As palavras se chocaram entre eles como pássaros voando no céu. Ele respirou fundo e seus olhos se fecharam. Quando ele exalou, sua mão escorregou de seu rosto e ele se endireitou, e de repente havia espaço entre eles. Não muito. Mas o suficiente para que ele não fosse mais tudo o que ela podia ver.

— Sinto muito — disse ela, e sua voz falhou, por algum motivo, algum motivo terrível e constrangedor.

— Está tudo bem, Abbie — disse ele calmamente. Por um momento, a expressão em seu rosto foi o suficiente para cortar seu coração em pequenos pedaços. Então ele sorriu, e isso foi ainda pior, porque o sorriso era muito triste. — *Eu sinto* muito. Acho que baguncei isso do início ao fim, mas... desde que ainda sejamos amigos?

Deus. Ela quase quase caiu de joelhos. Em algum lugar em um universo alternativo, uma versão incrivelmente diferente de si mesma estava dizendo: *"Você sempre será meu amigo, Will Reid, antes de qualquer outra coisa, porque eu te amei pelo que parece toda a minha vida, e quando eu te amei primeiro, foi pela amizade que você me deu.*

Abbie, infelizmente, não era capaz de dizer merdas como essa. O medo de suas próprias emoções prendia sua língua e travava sua mandíbula e a fazia recuar, o que era bom, inteligente e seguro – ou pelo menos sempre foi assim, até aquele momento fodido.

— Claro — disse ela, sentindo-se como se tivesse acabado de arruinar sua própria vida de alguma forma, em algum momento nos últimos cinco minutos. — Claro que ainda somos amigos, Will.

— Bom — respondeu ele, e seu sorriso era tão bonito e tão honesto, que ela quase podia ignorar as sombras em seus olhos. — Tudo bem então. É melhor nos apressarmos com essas compras antes que acabemos presos em um supermercado.

Ela tentou o seu melhor para rir.

Will sabia que ele tinha fodido tudo em algum lugar, porque eram apenas 11h30 da manhã e ele não apenas revelou seu plano inteiro e foi completamente rejeitado, mas também fez Abbie chorar.

Bem, não exatamente. Não havia lágrimas reais; Abbie não chorava. Se ela tivesse chorado, ele poderia ter chamado uma ambulância. Mas lá fora, no frio, quando ela disse “Eu não posso fazer isso” houve um tom áspero em sua voz e um flash de tristeza em seus olhos que o destruiu. Não importa o quão pouco tempo eles realmente passassem juntos, ele conhecia essa mulher. Ele a conhecia bem. E o olhar em seu rosto lá fora, sim, ela poderia muito bem ter derramado uma lágrima.

Agora Will estava frenético com a única pergunta que importava: *Por quê?*

Em algum lugar dentro dele havia um uivo de dor cruel, do tipo em que você não poderia se concentrar até que estivesse totalmente sozinho, porque senão você poderia ter um colapso em público. Então ele forçou seus músculos de chumbo a se moverem, escolheu um carrinho e lançou um olhar de canto para Abbie. Ela havia guardado todas as suas emoções cuidadosamente e estava estudando as árvores de Natal gigantes do Asda com um interesse falso que qualquer outra pessoa consideraria cem por cento real. Mas Will, como sempre, sabia onde procurar. Desta vez, o olhar dele mergulhou nas mãos dela e as encontrou apertadas, pequenos círculos pálidos se formando onde as pontas dos dedos dela pressionaram muito forte na pele.

Ele sabia que Abbie poderia não estar pronta para... coisas românticas, não com ninguém, quanto mais com ele. Ela tinha passado por muita coisa. Ela sempre precisou de tempo para processar suas emoções e, a julgar pela forma como manteve toda a sua família à distância nos últimos dois anos, ela ainda estava processando. Mas ela estava tão fodidamente confiante, composta e durona, nunca ocorreu a Will que Abbie pudesse realmente estar com *medo,* não até aquele momento entre eles lá fora. Aquele momento em que viu um lampejo de medo além da tristeza.

"Eu... eu não posso fazer isso."

Não havia nada que esta mulher não pudesse fazer. Ele acreditava absolutamente nisso. Mas parecia que ela acreditava totalmente no contrário, e perceber isso era como duas mãos

torcendo seu estômago em direções opostas. Ele enlouqueceria por perdê-la, por nunca ter *tido* ela, porra, alguma outra hora. Agora, ele queria fazê-la sorrir. Queria ser um amigo primeiro, porque ela precisou disso nos últimos dois anos, e ainda precisava agora.

Decidido isso, Will tirou o boné de beisebol e o bigode falso do bolso de trás, colocou os dois e colocou algumas bandagens mentais na ferida aberta em seu peito só para garantir. Ele lidaria com isso mais tarde.

— Will — Abbie disse enquanto caminhavam pela entrada branca e brilhante do supermercado. — Eu... eu espero não ter ferido seus sentimentos. Eu... me importo muito com você, você sabe. Eu sempre me importei. Você é... bem, você é um dos melhores homens que conheço. — Por ser Abbie, ela começou este discurso com o olhar fixo em algum lugar distante. Mas como ela também era corajosa, ela se virou para olhar para ele no meio do caminho, sua mandíbula travada e sua expressão determinada. — Você é muito especial para mim, e espero que nós… — Ela fez uma pausa. Piscou. Apertou os olhos para ele por trás dos óculos. — Você está usando um bigode falso?

Ele sorriu. Não foi a sua melhor tentativa, considerando os sentimentos atuais, mas foi em sua maior parte escondido pelo pedaço de cabelo sintético em seu rosto, então ele provavelmente se safou.

— Sim.

— Você está usando um bigode falso — ela repetiu, — por cima do seu... bigode de verdade.

— Não tenho bigode — disse ele. — Tenho uma barba por fazer de dois dias estilosa.

— Ai meu Deus do caralho — ela murmurou, mas havia um sorriso ensaiando surgir nos cantos de seus lábios, e isso era tudo que ele queria agora.

— O que? — ele perguntou enquanto abriam caminho por entre os consumidores apressados. — Você não gostou?

— O visual de rato morto? Não é o seu melhor momento — respondeu ela, — mas de alguma forma, você está realmente conseguindo fazer funcionar.

Will piscou para ela.

Ela reprimiu um sorriso e seu olhar se desviou dele.

— Eu tenho que te dizer, porém: se você espera não ser reconhecido, você pode querer optar por um disfarce melhor.

— É a semana anterior ao Natal, Abbie — disse ele com confiança. — As pessoas têm suas próprias coisas para fazer. Ninguém vai prestar atenção em mim.

Ela bufou.

— Se você diz.

— Estou falando sério. Não sou novidade desde, o quê, 2016? Apenas os fãs me reconhecem, e eu duvido que iremos encontrar algum. Isso é apenas uma precaução.

— Anotado — disse ela secamente. E quando ela olhou para ele novamente, ele sabia que não estava imaginando a gratidão em seu olhar. Um momento de concordância tácita cintilou entre eles: era mais fácil esquecer a agitação e apenas seguir em frente, ser do jeito que sempre foram. Pelo menos, era mais fácil para Abbie.

Eles desviaram habilmente de uma criança tendo um colapso próximo a uma exibição promocional de Laranjas de Chocolate Terry – Will não culpou a criança – e entraram no primeiro corredor.

— Está com a lista? — ele perguntou.

— Sim, senhor — ela murmurou, puxando o papel de carta rabiscado às pressas da Sra. Tricia de seu bolso. A caligrafia era suave, fluida e elegante e meio impossível de ler; Abbie sempre foi a melhor em decifrá-lo. — Vovó aparentemente decidiu que o agrupamento por categorias era desnecessário, então teremos que passar por cada corredor e torcer para não esquecer nada.

— Eu vou te dizer onde estamos, você me diz o que precisamos. Trabalho em equipe.

— Trabalho em equipe — ela concordou, e quando ele ergueu a mão para dar um “bate aqui”, ela revirou os olhos e deu um tapa na mão dele. — Idiota.

Ele bateu em seu quadril. Ela bateu nas costas dele. Ele tentou não se lembrar daquele momento lá fora quando disse... Deus, ele disse tanta merda selvagem, pressionado contra aquele corpo incrível dela, e suas pupilas explodiram por trás dos óculos e sua boca caiu ligeiramente aberta e a respiração dela se fundiu rapidamente no ar frio entre eles, e ele pensou, alto como uma porra de uma pipa, *ela não odeia isso*.

Mas não importava se ela odiava ou não. Ela não *queria*. Então Will empurrou a memória firmemente para o canto de sua mente, e quando ela voltou, ele empurrou novamente, e quando ela voltou pela terceira vez, ele disse palavras muito severas e decidiu que era melhor se ele ignorasse todo o seu cérebro pelo resto do dia. Ele era totalmente capaz disso.

— Toranja — disse ele, começando as coisas revelando a primeira comida que seus olhos pousaram. — Eu gosto de toranja. Está na lista, Abbie?

— Hmmm… — Ela franziu a testa, examinando a folha de papel. — Nãão, mas uvas estão.

— Ambos — disse Will. — Vamos levar os dois. — E então, antes que seu cérebro pudesse mostrar mais merdas que ele não queria pensar, ele jogou dez toranjas e alguns cachos de uvas no carrinho e seguiu em frente. — Manga. Eu gosto de mangas.

— Cristo. Nunca deveríamos ter saído de casa antes do café da manhã.

Will franziu a testa.

— Eu pensei que você tinha tomado café da manhã. Não tomou? Está com fome?

— Estou bem — disse ela. — *Você* está com fome. — Suas palavras foram exasperadas, mas ela estava toda calorosa e secretamente afetuosa novamente, matando-o suavemente. Porra.

Mais tarde, ele disse à vontade em seu intestino. *Mais tarde, mais tarde, mais tarde.* E então ele a guardou, por enquanto.



Cinco

DOIS ANOS ATRÁS

Era meia-noite, o que significava que era Natal, e Abbie estava sozinha. Sozinha em uma casa cheia de família com a qual ela não conseguia nem conversar porque seu marido – seu próprio marido – a abandonou e ela estava coberta de orgulho e vergonha. Ela não podia permitir que ninguém soubesse de seus sentimentos porque esses sentimentos eram tolos e dramáticos.

Isso foi o que ele disse a ela, de qualquer forma. Como se ela fosse louca. Como se ela não pudesse ver, ouvir e sentir ele se afastando dela, apagando freneticamente a escrita do lápis com o qual ele havia escrito seus votos. Este era o segundo ano consecutivo que eles passavam o Natal separados, e quando ela tentou falar sobre isso ele disse:

— Pare de me irritar. Você odeia o Natal, de qualquer maneira. — Como se feriados como este não valiam a pena, secretamente, por baixo de toda a besteira, como se festas religiosas não significassem *encontrar sua família*. Como se família não fosse tudo para ela.

Ele deveria ser a dela.

Mas quando ela tentou dizer isso abertamente, ele olhou para ela com confusão e desgosto e com aquela raiva fria e ardente. Abbie estava começando a perceber que ela havia usado sua máscara impenetrável um pouco bem demais antes de eles se casarem e a tirou muito ansiosamente depois.

Ela deveria saber que seria demais para ele.

Um ruído a tirou de seus pensamentos e ela ergueu a cabeça das mãos. Will entrou na sala, as luzes coloridas da árvore de Natal cortando sua sombra.

— Você deveria estar na cama, menina Abbie — ele disse, suave como a pata de um gatinho.

— Você não é meu pai, Will Reid — ela mordeu de volta, como se palavras afiadas fossem esconder a secura em sua garganta e a ameaça de lágrimas.

Às vezes, seu marido falava sobre Will – mas só depois de algumas cervejas. *"Você já transou com ele, Abbie, antigamente? Apenas me diga. Você pode me dizer. Eu posso ver que você fodeu ele, você não precisa mentir. E eu nem mesmo culpo você. Olhe para o bastardo. Mas Deus, apenas me diga."*

— Eu o odeio, você sabe — Will disse. — Eu o odeio pra caralho.

Ela piscou de volta ao presente.

— Quem? Meu pai? — Will nunca conheceu seu pai negligente, então isso parecia um pouco forte.

— Não — ele murmurou, e então ele veio para o sofá e se curvou e beijou...

Ele beijou sua testa. Ele beijou sua testa, mas não da maneira que amigos ou pseudo-irmãos preocupados costumavam fazer. Não; esse beijo na testa foi uma pressão rápida e desesperada de seus lábios que parecia dizer: *Não vá, mas se for preciso, volte inteira,* como se ela estivesse indo para a guerra.

Talvez ela estivesse. Mas havia ocorrido a ela, enquanto ela passava por um Natal quente e maravilhoso, que ninguém poderia *fazê*-la voltar para a zona de guerra.

— Will — ela sussurrou, e olhou para cima, mas a cabeça dele ainda estava abaixada e seus lábios estavam muito próximos. Eles nunca deveriam estar tão perto. No entanto, ela deve ter se aproximado porque eles...

Tocaram.

Abbie prendeu a respiração e se jogou contra as almofadas, o mais longe possível daquela boca proibida. Uma carga elétrica estalou em suas veias, chiou sob a pele fina de seus pulsos, mas não queimou.

Porra. Porra. *Porra.*

Will se endireitou lentamente como se estivesse em um sonho e olhou para ela enquanto levava uma mão ligeiramente trêmula aos lábios. Como se ela tivesse batido nele e ele não pudesse acreditar.

— Abbie… — Ele parecia um homem moribundo.

E ela sentiu, ela *sentiu...*

— Sinto muito — ela deixou escapar. — Isso foi um acidente. Desculpe. — Ela se levantou e passou pela enorme estátua que ele havia se tornado, e subiu as escadas para deitar, atordoada, na cama ao lado de sua mãe roncante.

Abigail Farrell pediu o divórcio na véspera de Ano Novo.

Abbie acordou com uma cobra de pânico enrolada em sua barriga.

Não pense nisso. Não pense nisso. Não pense nisso.

Ela estava deitada de costas, olhando com os olhos arregalados para a escuridão, pulando toda vez que um gato miava, sibilava ou derrubava algo em algum lugar da casa.

O que era realmente muito frequente.

Depois de quase três horas tentando dormir enquanto mantinha um controle implacável sobre suas próprias memórias, Abbie desistiu do péssimo trabalho e agarrou seu telefone. Ele iluminou a sala, revelando um par de olhos redondos e brilhantes observando-a do parapeito da janela.

— *Cristo* — ela engasgou, então apertou os olhos para as sombras. — Dumpling?

O gato preto rechonchudo interpretou seu nome como um convite e saltou no meio do quarto para pousar em sua cama.

— Pelo amor de Deus — Abbie murmurou, enquanto acariciava aquele ponto especial entre suas orelhas. — Bem. Tanto faz. Contanto que você fique longe do quarto de Will. — Dumpling amava Will. Quase todos os gatos amavam Will, na verdade, provavelmente porque ele respeitava seus muitos pontos fortes e protegia suas vulnerabilidades e tolerava suas garras afiadas e línguas ásperas.

Provavelmente porque ele não se importava com um afeto espinhoso, não quando ele sabia que era o melhor que eles podiam dar.

Meu Deus, ela realmente precisava parar de pensar nessas coisas.

Digitando a senha para desbloquear o telefone – já que ele nunca reconhecia seu rosto sem delineador, o que era incrivelmente rude, Abbie encontrou uma mensagem de Chitra que aparentemente havia sido enviada dez minutos atrás. Às 00h43.

> Chitra: Você já pensou no fato de que os fetos são como parasitas que drenam seus recursos para promover sua própria sobrevivência?

Abbie soltou um suspiro profundo antes de responder.

> Abbie: Abbie: Não, e nem você deveria. Por que você está acordada? Tudo certo?
>
> Chitra: A bebê não para de chutar. Estou orgulhosa de suas tendências violentas, mas preocupada com sua falta de lealdade nos golpes.

Abbie soltou uma gargalhada e se afundou ainda mais na maciez de seu travesseiro. Em seguida, outra mensagem chegou, uma que a deixou bem acordada e nervosa novamente.

> Chitra: Por que VOCÊ está acordada?

O subconsciente de Abbie deu uma resposta antes que ela pudesse criar uma desculpa sanitária para si mesma. *Estou acordada porque cada coisa que disse a Will hoje foi segura, mas errada.*

Merda. Ela notou algum pensamento horrível rastejando nas bordas de sua mente por várias horas, mas ela realmente não queria enfrentá-lo de frente. Agora ela o *havia* enfrentado e, no espaço de alguns segundos, ele ficou cada vez maior. Tão grande, na verdade, que destruiu toda a paisagem de sua mente e explodiu toda a sua cuidadosa compartimentalização de merda.

De repente, tudo em que ela conseguia pensar era em Will.

Lentamente, ela digitou uma mensagem.

> Aceitando o fato de que disse adeus àquele terapeuta cedo demais, e provavelmente é hora de dizer olá novamente. Além disso, tentando decidir entre estar sendo inteligente e sensata e estar com medo demais para arriscar alguma coisa. Até agora, sem progresso.

Ela olhou para aquelas palavras por alguns longos momentos antes de decidir que não era uma coisa apropriada para enviar a uma senhora exausta e grávida no meio da noite. Então ela as deletou e enviou outra coisa.

> Abbie: Muito café antes de dormir. Inclusive, eu realmente te amo.
>
> Chitra: AMA? O suficiente para reconsiderar minha ideia de co-parentalidade tripla?
>
> Abbie: ... Bem, não. Nem tanto. Você e Charlie estão por sua conta e risco.
>
> Chitra: Valia a pena tentar. Eu também te amo muito, aliás.
>
> Abbie: Eu sei. Agora vá dormir.
>
> Chitra:Tudo bem. Boa noite.

Se ao menos Abbie pudesse dar boa noite a seu cérebro de forma a ir para a inconsciência também. Mas com tudo em sua mente agora, ela não podia. Então, se levantar e preparar uma xícara de chá para si seria o suficiente.

Quando Will decidiu se mudar para os Estados Unidos, sua mãe sentou com ele para uma conversa muito séria.

— Eu já vi o que acontece — ela disse — com meninos comuns que ganham muito dinheiro e se mudam para longe de casa.

Will tinha ouvido, de olhos arregalados, sem ideia do que ela poderia dizer a seguir.

— Eles pegam doenças venéreas e morrem de cocaína — minha mãe disse a ele.

Will mordeu o interior da bochecha para evitar um sorriso.

— *Ah*. Certo. Sim, não se preocupe, mãe. Eu não vou fazer isso.

Ele falava sério também – não apenas no sentido de *não vou fazer sexo desprotegido e usar muitas drogas*, mas também no sentido de *vou tentar não ficar entorpecido quando estiver solitário*. Ele havia levado essa promessa muito a sério ao longo dos anos.

Felizmente, se afogar no estoque secreto de gin da Sra. Tricia depois que a anfitriã foi para a cama não contava como quebrar a promessa. Afinal, ele estava de volta ao Reino Unido e não estava solitário, só devastado. Porque trancar seus sentimentos hoje, tentar

agir com naturalidade, só tornou a realidade mil vezes pior quando ele finalmente permitiu que ela se libertasse.

Ele ergueu o copo para a lua cheia brilhando pela janela da cozinha.

— Desculpe, mãe. Eu tentei.

A lua brilhou de volta com desaprovação.

Ele tomou um gole de gin.

Will não tinha certeza de como tinha acabado aqui, quando a esta hora ontem ele estava deitado na cama do outro lado do corredor do quarto de Abbie, tonto com esperança. Ansioso por um ano estando perto dela, mostrando a ela como ele se sentia, talvez descobrindo que ela sentia o mesmo. Ele deveria ter sabido melhor. Abbie era muito inteligente para esconder as coisas e muito perfeita para desejá-lo.

Espere. Ele franziu a testa para o contorno sombrio de seu gin e balançou a cabeça. Nada disso. Sem pensamentos ruins. Era inútil, doentio e irreal, já que Abbie não era perfeita de jeito nenhum. Não; ela era afiada e sarcástica e ocasionalmente dura. Ela era difícil de ler e ele suspeitava que ela mentia muito. Ela se inclinou para perto dele quando ele disse que ela era fodível, *mas* ela estremeceu quando ele disse que a adorava. Infelizmente, embora todas essas coisas a tornassem tecnicamente imperfeita, também a tornavam fodidamente fascinante e, Deus, essa linha de pensamento estava balançando todo o raciocínio.

Na mesa da cozinha, seu telefone se iluminou e vibrou. Novamente. Ele verificou a tela e viu que não era Abbie, *claro* que não era Abbie. Então ele teve um lampejo de imprudência e pegou mesmo assim.

— O que? — Ele estava tentando ficar quieto, então sua voz saiu áspera e irritada.

— Uh… — Kara parecia chocada que ele tinha atendido, mas ela rapidamente se recuperou. — Will. Finalmente, você atendeu. — Como sempre, um pouco de tempo em casa tornara seu sotaque californiano estranho aos ouvidos dele. — O quê, você caiu em si?

— Eu já estava em mim — ele insistiu, então franziu a testa. Isso estava certo? Aquilo fez sentido?

— Discutível, garoto. — Kara riu. — Ouça. Eu sei que você está em casa para o Natal em família agora...

— Não — disse Will com firmeza, e um pouco trêmulo. — Estou em casa para *sempre.* Entendeu?

— Você está bêbado, Will? Não se preocupe, não responda a isso. Eu sei que você está em casa agora, mas que tal no ano novo, você vir me ver? Vamos almoçar e conversar sobre isso...

— Nós *conversamos sobre* isso.

Ela falou alegremente interrompendo ele.

— Eu tenho uma tonelada de scripts para você. Toneladas. Já faz um tempo, mas você ainda é requisitado pelo público adolescente.

— Odeio adolescentes — disse Will, o que não era verdade. Mas ele queria ver o que Kara faria a seguir.

Sua resposta foi suave como a merda.

— Você quer ir em uma direção diferente? Sem problemas. Há um pequeno filme independente sobre um agricultor de beterraba que está procurando uma mulher piedosa e encontra o diabo, você não pegaria o papel principal, mas há um papel coadjuvante como o tio emocionalmente abusivo do agricultor de beterraba.

Will franziu a testa.

— Tio? Tenho trinta e um anos.

— Oh sim. O fazendeiro de beterraba tem dezenove anos. De qualquer forma, ele encontra essa garota...

— Eu não me importo — Will interrompeu, o que foi o mais claro que ele já tinha sido, ou melhor, o mais rude que ele já tinha sido. Ele não deu a mínima. Fazia meses desde que ele disse a Kara que não estava mais interessado na indústria cinematográfica, e ela tem sido como um cachorro atrás da porra de um osso desde então. — Ok? Eu não me importo. Pare com isso. Cansei.

Ela zombou.

— Você não pode estar falando sério. Tudo isso jogado fora – o quê? Por uma mulher?

Ele tomou outro gole de gim e deixou-o rasgar sua garganta como ácido.

— Uhum.

— Como se ela não fosse adorar a chance de se casar com um ator famoso e se mudar para Hollywood — disse Kara, claramente ficando desesperada.

Will riu.

— Não.

Quando Abbie o rejeitou hoje, toda a coisa de Hollywood tinha sido mais negativa do que positiva, o que ele sempre soube que seria.

Mas o maior negativo, aparentemente, era ele. *Eu não posso fazer isso,* ela disse, e realmente, havia algo mais claro, embora gentil, de dizer "*de jeito* nenhum" em toda a história? Definitivamente não. Outra lâmina imaginária deslizou entre suas costelas para se juntar ao resto.

— Como você vai manter essa garota — Kara exigiu — se você não tem dinheiro?

— Eu tenho muito dinheiro — Will disse distraidamente, já perdendo o interesse na conversa. Ele apertou os olhos para a garrafa de gin no balcão. Era um truque da luz ou ele tinha bebido mais do que o copo furtivo que pretendia? Sra Tricia iria esfolá-lo vivo por saquear seu estoque.

— Você tem dinheiro suficiente para... para crianças? — Kara exigiu triunfantemente. Ele tinha a sensação de que ela estava procurando em sua mente as armadilhas dos romances heterossexuais chatos que ele preferia.

Mas ele sabia com certeza que Abbie não queria filhos, o que realmente não importava, já que ela não os teria ou se absteria de tê-los com ele. Então ele deu uma resposta direta.

— Eu tenho dinheiro suficiente para uma manada de elefantes, Kara. Você e eu, nós crescemos de maneiras muito diferentes, você sabe.

— Eu sei, eu sei. Só estou preocupada com você, garoto. Você ao menos sabe o que vai fazer da sua vida?

Will suspirou.

— Sim. Eu sei. — Ele tinha tudo planejado, mais ou menos. Ele sabia que seria uma existência agradável, normal e voltada para a família, de qualquer maneira. Mas de repente parecia muito mais sombrio agora que ele sabia que não faria isso com Abbie.

Como se o pensamento a tivesse chamado, Will avistou uma sombra em movimento com o canto do olho e se virou. Lá ela estava na porta, seu cabelo amarrado para dormir e seu corpo embrulhado no que parecia ser um pijama de filhote de cachorro. Se ao menos os ditos filhotes fossem suficientes para distraí-lo dos contornos do corpo dela sob o dito pijama, mas não eram, então, após um segundo, ele

arrastou o olhar para cima do pescoço dela e o manteve lá. Ele não podia ver seus olhos, não na luz fraca, mas um raio de luar se espalhou sobre a metade inferior de seu rosto, e ele poderia dizer pela forma de sua boca – firme, cheia, apertada nos cantos – que algo estava incomodando ela.

— Tenho que ir — disse ele, e desligou o telefone, interrompendo os gritos de Kara dizendo "*o quê?"*

— Quem era? — Abbie perguntou. Sua voz era baixa e sem rodeios. Ele realmente, realmente desejava poder ver os olhos dela.

— Ninguém.

— Ninguém — ela repetiu, e entrou na cozinha. Havia um gato em seus braços, Dumpling, ele achava que era o nome, e enquanto ela se movia, ele abriu seus olhos brilhantes e saltou graciosamente para o chão. Com as mãos livres, Abbie veio se juntar a ele na mesa. Agora ele podia ver o rosto dela e estava certo em pensar que ela estava irritada. Na verdade, seus olhos, cansados por trás dos óculos, mas escuros e perigosos como brasas ainda quentes, diziam que ela estava com raiva. — *Ninguém* sempre faz você parecer tão chateado? — ela exigiu, como se a resposta positiva faria ela bater na cabeça de *ninguém*.

— Chateado? — Will franziu a testa, seus pensamentos parados em seu cérebro. Ele percebeu depois de um segundo que Abbie tinha ouvido seus murmúrios deprimidos e assumiu que eram culpa de Kara, quando na verdade, ele estava focado na própria Abbie.

Não que ele fosse admitir. Ele se cansou de assustá-la com sentimentos que ela não havia pedido. Então ele revelou outro de seus segredos, desafiando-a a lhe contar o que Kara já tinha: que ele estava sendo um tolo.

— Era minha agente — disse ele. — Ela está irritada porque eu larguei meu trabalho.

Abbie piscou, parecendo mais chocada do que nunca.

— Você o *quê*?

— Sim, eu desisti.

Ele estava esperando por algum tipo de julgamento quando Abbie o surpreendeu, perguntando com preocupação genuína:

— Está tudo bem? *Você* está bem?

Ele meio que murchou.

— Sim — disse ele calmamente. — É estranho. Mas era... hora, eu acho.

Ela se aproximou.

— O que isso significa, hora?

Will encolheu os ombros.

— Eu acabei. — Acabou seu último projeto, sim. E cansado de estar sempre em exibição, farto de se apresentar mesmo quando não estava no set. Cansado de ficar longe das pessoas que amava, cansado de horários estranhos e estilo de vida surreal. Ele era grato por todas as oportunidades que teve e sabia muito bem que alcançou seu sucesso porque tinha certa aparência, se encaixava em um certo molde e tinha sido extremamente sortudo, mas isso não significava que ele não poderia se cansar disso.

Ele esperava, um dia, poder dizer a Abbie o quanto ele sentiu falta dela enquanto estava nos Estados Unidos, e como ele sabia que ela não iria desfrutar de sua carreira mais do que ele, e como ele desistiu parcialmente com ela em mente. Ele pensou que poderia parecer um pouco romântico. Will estava começando a suspeitar que ele *era* um romântico, o que era inconveniente, já que a mulher por quem ele queria ser romântico parecia não gostar.

— Uau — disse Abbie depois de um momento. Houve um breve silêncio, um silêncio em que ela estudou o rosto dele, depois o copo de gin, depois a garrafa no balcão. — Uau — ela disse de novo, suavemente. — Ok. Bem. Estou feliz por você e um pouco triste também, suponho.

Ele bufou.

— Porque fui um grande presente para a indústria.

— Ei — ela disse firmemente, mas havia um toque protetor familiar em suas palavras. Proteção em direção a ele. Ele já tinha ouvido isso antes, sempre que os irmãos dela faziam piadas bem-humoradas sobre sua carreira voltada para o rosto e os bíceps. — Você é talentoso, você sabe. Assisti a esses filmes do Capitão X. Você é um mestre da comédia besteirol.

Ele suspirou.

— Esses filmes não deveriam *ser* de comédia, Abbie.

— Eu sei, mas a escrita é terrível, e eu provavelmente poderia escrever uma redação sobre como a sua atuação elevou o texto e fez do primeiro *Capitão X* um sucesso tão revolucionário.

Will vacilou.

— É — ele disse, de repente se sentindo mil vezes mais bêbado. — Você poderia?

— Eu poderia. — As palavras eram leves, tão leves que pareciam impensadas. Ela poderia ter escapado impune, se não tivesse continuado a falar. — Eu sei que os dois últimos filmes não tiveram lançamentos incríveis, eles estavam meio que batendo em gato morto, àquele ponto. Mas você ainda fez um ótimo trabalho. Você carregou essa franquia nas costas, na minha opinião. Talvez eu *devesse* escrever um ensaio sobre isso... — Ela se interrompeu com uma risadinha que alguns poderiam achar irônica, mas Will ouviu o constrangimento escondido ali e sabia que ela estava simplesmente constrangida. — Bem. De qualquer forma. O que quero dizer é que é uma pena. Mas se é isso que você quer, eu respeito isso. Você sabe do que você precisa.

O que eu preciso é você. Ela realmente não podia evitar, não é? Ser divina, isso é. Ser doce das maneiras mais inesperadas, e inteligente e implacavelmente sexy. Ele estava condenado. Ele estava absolutamente condenado. Ele suspirou em seu gin.

Abbie mordeu o lábio.

— Você parece... deprimido.

— Sim — disse ele com voz rouca. *Certamente* ela sabia por quê.

Ou talvez não, porque ela disse a ele:

— Vai ficar tudo bem. Você encontrará outra coisa que ama, e suponho que tenha dinheiro suficiente para se manter enquanto descobre.

Will ergueu as sobrancelhas.

— Supõe? Porque, a julgar pelas mensagens de texto que tenho recebido de Jase, *ele está* preocupado de eu estar estourando meu salário em iates e motocicletas.

— Jase é um idiota. Se você fosse estourar o limite do cartão em qualquer coisa, seria em equipamentos de ginástica. — Mas ele não tinha gastado tudo; ele encontrou alguém inteligente e matemático para investir por ele, especificamente, o irmão de Abbie e Jase, Noah. O resto da família não sabia disso, mas Abs estava olhando para ele agora como se ela tivesse adivinhado, como se ela achasse que ele era inteligente o suficiente para fazer algo assim. Ela sempre pensava

que ele era inteligente o suficiente. Ela sempre esperava o melhor dele.

E isso realmente não estava ajudando a rachadura profunda em seu plexo solar.

Abbie deve ter percebido a mudança em seus pensamentos, visto em seu rosto, porque seu sorriso desapareceu e ela balançou a cabeça.

— Oh, Will. Isso não é bom, não é?

Seu coração parou. *Eu estando sem você? Não, não é.*

— O que?

— É Natal, ou perto o suficiente. Não podemos deixar você chateado. Então… — Ela deu uma olhada para fora, para o redemoinho constante de neve ao luar, e ele viu um sorriso familiar e pensativo em seus lábios. — Eu sei o que devemos fazer.

Oh Deus, ele pensou.

— Oh Deus — disse ele. — Não acho que seja uma boa ideia. — Mesmo que de repente ele realmente quisesse fazer isso. — Eu provavelmente vou escorregar e quebrar meu pescoço.

— Duvido — respondeu ela. — Quão bêbado você está? Levante-se — ela ordenou — e ande em linha reta.

Ele o fez, embora soubesse que não deveria.

— É de madrugada e somos adultos.

— Cale a boca. Isso vai fazer você sorrir. — Ela observou sua caminhada ligeiramente vacilante, então encolheu os ombros. — Está bom o suficiente.

— Está?

Ela claramente não estava ouvindo.

— Vista alguma roupa e me encontre lá fora.



Seis

Abbie não tinha certeza de como tinha acabado aqui.

Na verdade, isso não era verdade. Ela sabia como tinha acabado no andar de baixo, ela não conseguiu dormir, precisava de uma xícara de chá para silenciar os pensamentos conflitantes e preocupados em sua mente. E ela sabia como ela acabou querendo fazer Will sorrir, ela o viu afogando suas mágoas durante o que parecia uma ligação horrível com sua agente, viu a tristeza em seus olhos enquanto ele falava sobre o fim de sua carreira, e sabia por experiência própria que decidir largar algo porque estava na hora não impedia de doer como o inferno.

Ela só não tinha certeza do que tinha a possuído para tentar consertar as coisas arrastando Will para brincar na neve.

Agora ali estavam eles, os casacos cobrindo os pijamas térmicos, banhados pelas luzes vermelhas da placa inflável escrito PAPAI NOEL, PARE AQUI. Ela deu uma olhada em Will e o encontrou inclinando a cabeça para trás em direção à neve que caía suavemente. Seus olhos estavam fechados, seu nariz rosa, seu sorriso doce e sonhador. O coração de Abbie gaguejou. Suas emoções cuidadosamente reprimidas rosnaram acordadas. A força absoluta de seu desejo, mais forte do que nunca, ou talvez apenas

mais difícil de ignorar, quase a arrastou pelos metros de distância que os separavam.

Os dedos dos pés de Abbie se curvaram em suas botas como se ela pudesse se enterrar em seu lugar na grama.

Pelo amor de Deus, ela deveria ficar longe dele. Ele tinha cortado completamente seus circuitos hoje, emaranhando tantas emoções perigosas nela que ela não teve escolha a não ser compartimentalizar-se quase até a morte. A atração de Will por ela? Trancada. Sua necessidade desesperada por ele? Acorrentada. As palavras *"Estou tentando namorar você seriamente"* ditas daquela maneira firme e totalmente inconsciente que ele tinha? Jogadas em um triturador e trancadas em uma caixa e jogadas em um vulcão.

Ela sabia que não era uma abordagem saudável para lidar com a situação, mas o que ela deveria fazer? Ter uma crise emocional completa durante o almoço? Assustar sua avó ao arrancar seu próprio coração e jogá-lo na cabeça de Will, o que descrevia a ideia de admitir seus sentimentos? Muito melhor amarrar sua agitação interna a uma cadeira, colocar um pouco de fita adesiva em sua boca e se concentrar nas coisas boas, fáceis e simples, como agir com naturalidade, brincar com Haddock e pendurar as últimas decorações de Natal. Todas essas coisas importavam, porque era imediato e era familiar e a impediria de se embrulhar em sua própria cabeça e examinar a maneira como ela quase se dissolveu com o pensamento de intimidade pelo menos sete vezes hoje.

Porque ela percebeu agora que foi exatamente isso que aconteceu. Ela esteve... com medo, mais cedo, do lado de fora do supermercado. Com medo de vomitar décadas de amor patético, impossível de matar e não correspondido em cima dele, e finalmente confirmar sua suspeita de que ela não era apenas demais – ela era demais para *Will*. Ela suspeitou disso a vida inteira. Esquivou-se disso por toda a vida.

Ele era tão doce, tão fácil, tão puro. Ela era tão... intensa. Embolada. Oprimida por si mesma, ou melhor, oprimida pelas coisas que sentia quando ele olhava para ela, coisas que pertenciam aos contos de fadas com espadas ensanguentadas e finais dramáticos e felizes, não na vida real.

Que é o tipo de pensamento que você deveria escrever em seu diário de sentimentos e examiná-lo completa e objetivamente em

busca de quaisquer distorções cognitivas.

Infelizmente, o diário de sentimentos de Abbie não estava aqui. Antes que ela pudesse decidir se correr escada acima para pegá-lo seria muito estranho, algo frio, duro e úmido bateu em seu peito esquerdo. Ela engasgou, voltou para o momento, e viu o flash do sorriso brilhante e familiar de Will antes que ele escorregasse para trás do tronco da árvore de azevinho da vovó.

— Seu desgraçado! — ela chamou, indignada. — Nós nem sequer contamos!

— Você estava tão ocupada olhando para o nada, eu poderia ter contado até cem e você provavelmente não teria notado — ele disparou de volta.

Touché. Apertando os olhos através da bagunça de seus óculos, Abbie se agachou e juntou um punhado de neve, enrolando-a com força.

— Apareça, seu covarde.

— Venha me pegar — respondeu ele, as palavras flutuando para ela em uma onda de risos. Ela sentiu como se ele tivesse beliscado sua traqueia por um segundo. *Venha me pegar.*

Não posso, não posso, não posso, não sei como.

Não foi isso que ele quis dizer. Ele estava bem. Ele superaria isso. Ele a superaria. Pelo amor de Deus, ele mal estava para baixo por conta dela, enquanto ela estava fodidamente esmagada pelo peso dele como sempre tinha estado e...

Ela viu um lampejo de movimento, o brilho de seu cabelo dourado, e jogou instintivamente. Um segundo depois, ele estava lá com neve em todo o rosto, parecendo bêbado como o inferno e chocado como a porra, e Abbie estava dobrando de tanto rir.

— Abigail — ele rosnou, balançando a cabeça como um cachorro.

— Muito fácil — ela disse a ele, e era como se eles fossem crianças de novo. Isso era tudo que ela queria, tudo que ela precisava: facilidade.

Então, por que tudo parecia um pouco vazio agora?

— Você sempre teve esse braço direito profano — ele acusou, e sua voz veio clara o suficiente para indicar que ele estava perto. Muito perto. Antes que ela pudesse fugir, ele estava lá, agarrando a frente

de sua jaqueta com uma mão, usando a outra para empurrar um monte de neve pela parte de trás do capuz.

— Trapaceiro — ela gritou, tentando e falhando em se esquivar. Uma umidade gelada escorreu por sua espinha, iluminando suas terminações nervosas, forçando risadas histéricas de seu diafragma. — Argh! Porra! Sai fora!

Ele a soltou, mas agora ele era o único dobrando de tanto rir. Abbie pegou mais neve e jogou em sua cabeça linda e irritante, mas ele apenas riu mais forte e a agarrou novamente e a puxou para mais perto

Oh.

A risada dele foi interrompida no exato momento em que o humor dela foi substituído por uma percepção perigosa. O que quer que ele pretendesse fazer, ele parecia ter esquecido. Agora ele a soltou, seu sorriso desaparecendo, seu olhar quase queimando os poucos centímetros de espaço entre eles. Havia pedacinhos de neve agarrados a seus cílios, sobrancelhas, pêlos faciais. Sua boca estava rosa com o frio, e suave e familiar e adorável pra caralho.

— Abbie — disse ele, e ela podia sentir o cheiro forte de gin de qualidade em seu hálito. Um excelente lembrete para parar o que quer que esteja acontecendo aqui e se afastar. Mas antes que ela pudesse, ele perguntou, as palavras apenas levemente arrastadas — Por que você me beijou?

Ela olhou, sem compreender.

— O que?

— Por que você...

E então a ficha caiu, assim como seu coração.

— Oh. — Oh Deus. Ela se sentiu um pouco enjoada. Ela estava respirando mais rápido do que o normal? — Hmm. Eu não, eu não sei. — Porra. Eles nunca falaram sobre isso. Ele nunca perguntou. E ela tinha o evitado como a porra da peste desde então, porque ela não queria que ele perguntasse.

Ela até faltou o Natal da família no ano passado, pelo amor de Deus, o que tinha tornado as coisas *mais fáceis*, sim, mas também arrancou seu coração do peito, por agir como se ela não pudesse ir, e em vez disso se enterrar *com* Chitra e sua família e fingir não se importar que seus próprios irmãos intrometidos e sua mãe estavam a quilômetros de distância. Meses depois, ela se esquivou de Will o

melhor que pôde no aniversário dela e de Jase, o que foi logisticamente estranho, para dizer o mínimo. Abbie fez o seu melhor para forçar a distância entre eles e, ainda assim, ela não conseguia esquecer. Não conseguia afastar a mistura tonta e nauseante de vergonha e desejo que a memória despertava nela.

Beijar Will há dois anos foi, possivelmente, a pior coisa que ela já fez em toda a sua vida. (O que significava alguma coisa, considerando a fase de sombra azul e batom vermelho pela qual ela passou na universidade.)

Will franziu a testa para ela, algo urgente e exigente em seu olhar, em sua voz.

— Você sabe, Abbie. Você nunca faria algo assim sem um motivo.

— Nunca há um bom motivo — ela conseguiu dizer — para ser infiel —. Hm. Ela nunca disse isso em voz alta antes. A vergonha tinha um sabor muito interessante e, por *interessante,* ela queria dizer nojenta, vil, zero de dez, não recomendável.

— Espere. — Ela não percebeu que estava indo embora até que a mão de Will, a luva ainda fria e molhada de neve, apertou seu cotovelo. — Pare. Não fique assim, Abs. Eu não queria te deixar triste. — O sussurro de sua voz, combinado com o redemoinho de neve e vento sobre eles, a fez se sentir hipnotizada. Como se ele tivesse construído um mundo totalmente novo só para eles, e eles ficassem suspensos nele, e ela não pudesse escapar, então não adiantava tentar. Que doce alívio foi fingir que não adiantava tentar.

— Não é sua culpa — disse ela com o nó na garganta. Ela não conseguia olhá-lo nos olhos.

— Não é sua culpa — ele respondeu. — Eu sei que ele era um bastardo, Abbie. Todos nós sabíamos. Eu não acho que você fez nada de errado...

— Eu quebrei meus votos — ela interrompeu, porque era um resultado bastante firme. — Eu nunca disse 'até que a morte nos separe', mas certamente disse 'Eu lhe dou minha fidelidade.'

Will ficou quieto por um momento. Ela presumiu que ele estava reexaminando sua perspectiva e decidindo que ela *tinha* feito algo errado naquela noite, até que ele respondeu:

— Você nunca disse a coisa da morte, disse? Eu gosto disso. Você é sempre tão inteligente, Abs.

Ela reprimiu um sorriso. Uma de suas amigas – uma amiga cujos pais tiveram um casamento feliz, saudável, de décadas, é claro – a chamou de pouco romântica por omitir essa parte.

— Obrigada? Eu acho?

— De nada — Will disse calmamente. Ele sempre era *excessivamente* William quando estava bêbado, indo de um nível descontraído para um nível literal de não dar a mínima. — De qualquer forma. O que estou tentando dizer é que, se o casamento é para ser amor, ele meio que matou seu casamento na primeira vez que te machucou.

Abbie ficou tensa.

— Eu... você… — Sua garganta estava apertada. — Eu não sabia que você, é... sabia disso. — Ou melhor, ela logicamente percebeu que ele deveria, mas decidiu ignorar para seu próprio bem.

— Sim, eu sabia — Will disse suavemente. — Por que você acha que ele não veio ao Natal nos dois últimos anos? Harlan foi até o trabalho dele e ameaçou matá-lo.

Abbie ofegou. — *Ele* foi?

— Claro — Will disse, como se isso fosse óbvio e comum. O que ela supôs que fosse. Ou melhor, era exatamente o que ela faria se algum demônio jogasse um livro no rosto de seu irmão e lhe *deixasse* com um olho roxo.

Abbie supôs que raramente ocorria a ela que as pessoas ao seu redor a amavam tanto quanto ela as amava.

Havia algo naquele pensamento, mas Will ainda estava falando, ainda a virando de cabeça para baixo, sem se importar com todos os sentimentos que saíam de seus bolsos.

— Então, não acho que você deva se sentir mal por me beijar, Abbie. Eu nunca quis dizer isso. Eu só quis dizer, eu sempre me perguntei… — *Porquê* era a última palavra, mas Will meio que balançou a cabeça e decidiu não dizer. — Não importa — disse ele em vez disso. — Deixa pra lá. Não importa, Abbie.

— Eu beijei você — ela deixou escapar — porque eu sabia que não ia doer. Eu sabia que seria... bom. — Ela tropeçou nas palavras, mas de repente parecia imperativo ser honesto sobre essa merda. — Eu sabia que se te beijasse, só poderia ser bom.

Will soltou um suspiro lento e trêmulo, zimbro e geada. Suas mãos se estabeleceram em seus quadris, e parecia que ela estava

saindo ligeiramente de seu próprio corpo, mas ele acabou de a ancorar de volta.

— Isso — ele sussurrou — é a melhor coisa que você já me disse.

De alguma forma, suas próprias mãos estavam pressionadas contra o peito dele, e ela sabia que deveria movê-las, mas aquele parecia o melhor lugar possível para eles estarem.

— Isso não pode ser verdade.

— Mas é.

— Eu nunca te contei aquela piada sobre a vaca que interrompe?

— Muito melhor do que aquilo.

— Bem — ela sussurrou, seu olhar preso em sua boca — agora eu estou meio que insultada. Achei que você adorasse essa piada.

— É terrível — respondeu ele. — Eu só rio porque você é péssima em contar piadas. — Ela estava a meio caminho entre um sorriso e um suspiro de indignação quando ele acrescentou: — Eu tenho sido um péssimo amigo para você, Abbie.

O que era tão ridículo que tirou a diversão de seu rosto.

— O que?

Ele olhou para ela, solene e triste.

— Quando você está sofrendo, você é como um porco-espinho. Você fica toda... enrolada —ele disse. — Você queria ficar sozinha. Então, tentei deixá-la sozinha. Achei que era isso que você precisava. Mas acho que estava errado. Acho que deveria ter estado com você o tempo todo. Porque você ainda está sofrendo.

Essas palavras eram tão simples e revelavam muito, ele notava muito, mesmo quando ela pensava que estava escapando impune, escondendo a si mesma e suas vulnerabilidades daqueles que amava. Ela deveria saber que ela nunca poderia se esconder de Will. Ela suspeitava que nunca tinha feito um bom trabalho se escondendo de ninguém. Toda a sua família havia lhe dado espaço, e ela pensava que era porque parecia bem, mas talvez a tivessem ouvido pedir espaço por baixo de suas palavras cuidadosas.

Essa possibilidade era um pouco embaraçosa, mas também surpreendentemente adorável. Ela envolveu-se em torno dela com um calor inesperado, tão doce e ensolarado quanto o homem parado diante dela. O homem que estava redondamente enganado.

— Você sempre foi um bom amigo para mim, Will.

— Eu estive do outro lado do mundo — respondeu ele. — Eu mando fotos para você, e eu não ligo muito porque eu sei que você odeia. Tenho deixado você me afastar, afastar todos nós, e eu não deveria.

— Isso não é verdade — ela insistiu, e parecia urgente que ele acreditasse nela. Que ele visse quem ele realmente era para ela, o que ele tinha feito por ela. — Você é o tipo de amigo que me respeita o suficiente para me dar o espaço que preciso e me ama o suficiente para estar presente ao mesmo tempo. Você não me oprimiu, não colocou todas as suas preocupações sobre mim quando eu já tinha o suficiente, mas você falava comigo todos os dias. Você me enviava a luz do sol pelo telefone. Você assumiu como sua missão me manter sorrindo, e tenho que lhe dizer, Will, houve dias, ao longo dos anos, em que suas mensagens foram a *única* coisa que me manteve sorrindo. Não ignore isso. Não menospreze. Porque isso significava muito para mim.

Suas palavras ficaram mais baixas enquanto ela parava, sua respiração era fria e instável. Ela ficou meio chocada com o que havia acabado de dizer, mas o problema era que ela nunca poderia deixá-lo pensar mal de si mesmo, não quando estava em seu poder discordar. Nem mesmo se isso significasse falar com o tipo de honestidade emocional que normalmente a fazia querer rastejar para o chão.

Agora, ela sentia como se pudesse dizer quase qualquer coisa para manter esse olhar no rosto de Will, esse prazer nascente, esse afeto dolorido. Esse. Fodendo. Olhar,

Ele olhava para ela do jeito que tinha olhado esta manhã, como se pudesse dar a ela a lua se ela tivesse coragem de pedi-lo. Então ele disse, erguendo a voz por cima do vento:

— Abbie. Diga-me para não beijar você agora.

Ela descobriu que havia convenientemente perdido o poder da fala.

Uma vozinha sóbria no fundo da cabeça de Will disse a ele que ficar tão perto de Abbie, querendo-a tão obviamente, não era certo. Mas aquela voz estava muito, muito baixa sob o rugido do álcool e da adoração.

Ela ficava tão bonita no frio, com as bochechas e o nariz brilhando, e os óculos manchados de umidade. E ela parecia tão perfeita, dizendo a ele que o beijo não foi um erro, que ela quis dizer isso, que ela teve um motivo...

O melhor motivo.

“Eu beijei você porque sabia que não ia doer.”

Ele só ia se machucar, cortejando uma rejeição como essa, mas ainda assim, ele disse as palavras.

— Abbie. Diga-me para não beijar você agora.

Ela não disse. Ela não disse nada. Em vez disso, ela soltou uma pequena respiração instável e, em seguida, por Deus, ela fechou os olhos.

Então ele a beijou, e foi como fogos de artifício em seu âmago.

Não foi a primeira vez que eles fizeram isso, não tecnicamente, mas, Deus, foi. Porque dois anos atrás, quando eles se tocaram quase por acidente, ela pareceu imediatamente horrorizada, e Will, Will ficou furioso pra caralho. Abbie era preto no branco, Abbie era leal, Abbie mantinha sua palavra e era uma defensora das regras, então, se ela o beijou enquanto ela era casada, mesmo o menor toque, isso significava que as coisas estavam piores do que ele pensou.

E ele já pensava que as coisas estavam muito ruins.

Então sim. Sua memória daquele beijo à meia-noite era de oitenta por cento de raiva e vinte por cento de frustração mortal, que era o nome que ele usava para aquele sentimento quando você queria chutar o marido de alguém nas bolas até que ele vomitasse seu próprio baço. Mas isso? Isso não poderia estar mais longe da última vez. Não poderia ser mais diferente. Não poderia ser melhor.

Essa era Abbie, pressionada contra ele como se ela fosse rastejar para dentro dele se pudesse, seu corpo quente e macio, a tentação envolta em conforto envolta em pecado. Esta era Abbie, um de seus polegares acariciando o topo de sua orelha direita, este minúsculo milímetro para frente e para trás como se ela não pudesse deixar de tocá-lo, de adorá-lo da mesma forma fortemente contida que ela fazia quase tudo. Esta era Abbie, sua boca desesperada e incerta sobre a dele, o cheiro de hibisco de seu cabelo engolindo-o como uma nuvem celestial, até que de repente ela se afastou e engasgou

— Oh Deus, desculpe, eu sinto muito...

— Não — disse ele, e puxou-a para perto novamente. — Você não pode se arrepender. Eu beijei você. Então, seja qual for o momento de culpa que você está tendo ao beijar alguém de quem você não gosta, eu adoraria se você pudesse ignorar isso por tempo suficiente para eu beijá-la mais um pouco...

— Eu gosto de você — ela grunhiu, com mais emoção em sua voz do que ele se lembrava de ter ouvido em qualquer momento, nunca.

Infelizmente, ele estava um pouco idiota para examinar esse fato adequadamente.

— Você sabe o que eu quero dizer. A maneira como gosto de você. Séculos em evolução, meio esquisito e obsessivo, totalmente romântico e não apenas porque somos ambos sexy, *mas porque gosto de você*. Tipo isso.

— Will — ela disse, sua voz embargada de frustração, e isso finalmente chamou sua atenção. — Você não está entendendo. Eu gosto de você dessa forma. Eu realmente gosto, é por isso que esta é uma ideia terrível.

Ele franziu a testa, repentinamente irritado consigo mesmo por todo o gin que bebeu, porque, se ele estivesse sóbrio, essas palavras poderiam fazer sentido em vez de girar na superfície inabsorvente de seu cérebro.

— Mas você disse...

— Eu disse que *não poderia* fazer isso. — As palavras foram rápidas e cruas, o olhar dela deslizando para longe dele, os dedos enrolados com força no tecido de sua jaqueta. Mantê-lo perto, mesmo quando parecia que queria estar a mil milhas de distância. — Eu disse que não podia, e não posso, porque, quando eu realmente sinto as coisas, tanto que me sobrecarrega, ou eu explodo com isso ou entro em pânico e fecho a porra da minha boca. Eu não quero ser... muito, me colocar sozinha em um precipício. Não quero ser *honesta,* porque, Deus, Will, você não tem ideia de como pode doer. Quando você sente tudo no mundo, mas a pessoa com quem você está não sente nada. Você não sabe. — Ela balançou a cabeça freneticamente enquanto seu estômago embrulhou com a dor em seus olhos. — Estou com medo disso. Mas eu sei com certeza que relacionamentos só funcionam se você puder ser corajoso, e não sei mais como fazer

isso. Eu só sei como ser inteligente e como estar segura, e eu não quero...

Will olhou, surpreso, lutando para acompanhar, um fogo acendendo em seu estômago e uma esperança cautelosa queimando em suas veias.

— O quê, Abbie? Você não quer o quê?

— Eu não quero falhar com você — ela disse.

Deus, ele estava bêbado demais para isso. Mas ele entendeu, ou pelo menos, ele pensou que entendeu, e ele não gostou do que estava ouvindo.

— Falhar *comigo*? Você... você não pode. Você não pode. Nunca. Você nunca seria *demais* para mim. — A ideia era tão ridícula que as palavras pareciam estranhas em sua boca. — E eu nunca te deixaria sozinha.

— Isto é o que você pensa. — Ela estava sorrindo, mas era um tipo de sorriso perverso, e ele teve a sensação de que estava direcionado inteiramente para dentro. — Mas você está bêbado. E você não me conhece. E você não tem ideia de como me sinto fodida quando se trata de coisas como esta.

Agora, seu coração era de vidro. Uma batida errada poderia estilhaçá-lo em pilhas de poeira fina e brilhante a seus pés. Ele passou os braços em volta dela e pressionou o rosto contra seu pescoço.

— Abbie — ele respirou, e ele se perguntou se ela poderia ouvir todo o amor e dor nessa palavra. — Você acha que eu não te conheço? Você acha... que eu não iria querer você se te conhecesse?

— Não foi isso que eu disse — ela murmurou com firmeza, o que foi a confirmação final de que era exatamente o que ela queria dizer.

— Você está errada — ele disse a ela, e nada tinha sido mais verdadeiro. — Eu conheço você. Você tenta se manter longe de mim, mas não é muito boa nisso. E posso não saber tudo, mas posso ver que você está ferida, e posso ver que você está com medo, e não quero que você… apenas pare. Eu não quero que você seja diferente para mim. Quero que você me diga quando estiver lutando contra isso e me deixe abraçá-la assim. Isso é tudo. Eu quero que você *confie em* mim.

— Apenas... confiar em você? — Ela estava derretendo levemente, mas com essas palavras ela se afastou, repentina e afiada. — Você não está sendo justo.

— O que? — Ele estudou seu rosto, os dentes afundando em seu lábio inferior e o brilho em seus olhos. — Por quê?

— Porque... porque você não tem ideia do que está me pedindo — disse ela. — Nenhuma. E eu não tenho ideia do que você quer, não realmente...

— Tudo — ele deixou escapar. — Tudo.

— Mas eu não posso te dar tudo! Eu já tentei isso e foi... ruim. Foi perigoso. Aquilo foi...

— Não seria o mesmo — Will disse desesperadamente, segurando-a com mais força. — Você me disse isso. Você mesma me disse isso.

— Um beijo é apenas um beijo, Will — ela disse. Havia uma tristeza em seus olhos que pareciam ter séculos de idade, e el podia senti-la se afastando dele, como se ela fosse água escorrendo entre suas palmas.

— Abbie...

Faróis brilhantes cortaram a neve, o ronronar baixo de um motor aumentando sobre o vento uivante. Ele parou, olhou por cima do ombro de Abbie enquanto um carro rondava na entrada da Sra. Tricia. Realmente, ele sabia quem era depois de um segundo semicerrando os olhos, mas tinha esperança de que estivesse errado e este era um viajante tardio confuso que logo perceberia seu erro e viraria novamente e deixaria Will para consertar isso, para consertar a devastação em seus olhos e aquela desesperança em sua voz que soava como um coração em ruínas.

Infelizmente, as coisas não saíram do jeito que Will queria. O carro encontrou uma vaga, estacionou e o motor desligou. Então a porta se abriu e Jason Farrell saiu do banco do motorista e olhou para eles à luz escarlate.

— Oi — ele me chamou alegremente. — Você está apalpando minha irmã no gramado? Isso é um pouco demais, Will.

— Ai meu Deus do caralho — disse Abbie.

Will realmente não poderia concordar mais.



Sete

Vovó ficou emocionada com a chegada de Jason tarde da noite. Abbie teve a sensação de que ela também deveria estar emocionada. Afinal, ele a salvou de deixar escapar verdades emocionais mais vergonhosas para Will, cujo novo nome deveria ser A Bola de Demolição Humana das Paredes Emocionais Protetoras. Ela meio que suspeitou que estava prestes a confessar seus éons de amor avassalador para o homem, a ponto de ele ficar apropriadamente alarmado e jogando de volta em sua cara ou...

Ou pior. Pior, ele gostaria, ela estava começando a suspeitar que ele iria *amar,* e as coisas seriam perfeitas, tão perfeitas, até que ela se esquecesse de como acalmar seus pensamentos ruins novamente e se afastasse dele ou o atacasse de forma repentina e ele ficaria horrorizado e tudo desabaria.

As coisas, pela experiência de Abbie, sempre desabavam.

Então sim. Ela deveria estar grata pela interrupção de Jase. O que não explicava por que, na manhã seguinte, ela se viu olhando torto para ele sobre a mesa do café da manhã.

— Eu não fazia ideia de que você viria tão cedo — Vovó vibrava enquanto despejava sete mil fatias extras de bacon em seu prato.

— Ah, bem. Abbie me queria aqui. — Jase lançou um olhar que dizia *claramente você mudou de ideia, entretanto?* antes de continuar. — Então, eu fugi assim que o trabalho permitiu.

Do outro lado da mesa, Will bufou olhando para suas salsichas. Ele já havia saído para uma corrida matinal, seguida por uma série de agachamentos impressionantes no gramado gelado, não que Abbie tivesse espiado pela janela ou algo assim, então ele estava brilhando de suor e parecia mais tranquilo e lindo do que de ressaca.

A aberração.

— Você sabe — Will estava dizendo — que pode sair do trabalho quando quiser, certo? Você trabalha para *você mesmo*.

— E eu sou o pior chefe do mundo — Jase piscou.

— Oh, ele é um menino tão bom, não é, meu querido? — foi a resposta previsível da vovó a essa bobagem. Ela deu um beijo na testa presunçosa de Jase.

Abbie mostrou a língua.

— Você só é o favorito dela porque seguiu no negócio da família.

— Não tenho favoritos — disse a vovó, voltando-se para o cooktop. — Oh, Jason, sua outra batata rosti está pronta.

— Ultrajante — Will murmurou.

— Eu não poderia concordar mais — Abbie murmurou de volta. Então ela se lembrou de que estava em parafuso por conta da noite anterior, se perguntando se Will se *lembrava* ou não da noite anterior, e, portanto, não deveria compartilhar descontentamento resmungado e olhares conhecedores com ele do outro lado da mesa.

Tarde demais. Seus olhos se encontraram, e os dele eram como uma dose de café expresso: escuros, deliciosos e perigosamente revigorantes. Ela se sentiu um pouco nervosa. Merda. Abbie desviou o olhar e se viu olhando para Jase. Seu gêmeo estava atualmente olhando para ela com aquele sorriso irritante que ele recebia quando pensava que sabia de algo que ela não sabia. O babaca. Ela mostrou a língua para ele novamente, então gritou com o golpe familiar de uma colher de madeira em seu ombro.

— Comporte-se — vovó disse severamente.

— Sim, Abbie — Jase riu. Houve um baque sob a mesa, e seu sorriso foi substituído por um estremecimento. — *Ai*. — Ele se virou para encarar Will, que estava olhando incisivamente na outra direção.

Abbie sorriu.

— Então, Will — Jase começou, recostando-se na cadeira e ajustando os punhos de sua camisa de seda preta. (Jason disse a ela, quando eles tinham quatorze anos, que pretendia se vestir como um pirata sexy para o resto de sua vida, e ele levou isso muito a sério.) — Como é estar de volta?

Will revirou os olhos e espetou outra salsicha.

— O mesmo de sempre. Mais frio.

— Hm, sim, fascinante — disse Jase. — Abbie. Como é *ter* Will de volta?

Do outro lado da cozinha, a vovó se virou com uma expressão de ansioso deleite. O que era estranho e enervante.

— Sim, Abbie, como é?

— É bom — Abbie grunhiu.

— *Sério*? — Jase sorriu.

Abbie estreitou os olhos para seu irmão gêmeo. *Cale a boca.*

Jase arqueou uma sobrancelha. *Me obrigue.*

Abbie continuou encarando. *Estou falando sério.*

Jase revirou os olhos.

— Vejo que estamos todos num excelente humor esta manhã.

— Eles estão de ressaca — vovó disse maliciosamente — a julgar pelo estado da minha garrafa secreta de gin. Não é interessante?

— *Will* está de ressaca — disse Abbie. — Eu estava sóbria como um coroinha na noite passada.

— Essa foi a única coisa eclesiástica sobre você — disse Jase com um sorriso malicioso.

Agora foi a vez de Abbie chutá-lo por baixo da mesa.

Depois do café da manhã, vovó saiu para embrulhar os presentes. Will anunciou que ia tomar banho, olhou para Abbie de um jeito que a fez se sentir um pouco tonta e disse:

— Precisamos conversar mais tarde. Ok?

— Ok — ela respirou, momentaneamente sem cérebro e sem pernas e muito, muito ciente de sua própria vagina, e também do emaranhado de nervos em seu estômago.

Will desapareceu escada acima, sua ausência devolvendo todo o oxigênio para a sala, e Abbie respirou fundo para se acalmar e se controlou. Em seguida, ela se dirigiu à sala de estar para bordar e se

preocupar, e Jase a seguiu até lá com o propósito expresso de irritá-la.

— Belo ponto de seda — disse ele, olhando por cima do ombro para o aro de bordado.

— Me deixe — ela murmurou, focando fortemente na carapaça da pequena tartaruga que ela estava criando.

— Não, obrigado. Agarrando Will no jardim, hein?

Oh, pelo amor de Deus. Ela sabia que na noite anterior seria um tiro pela culatra. Foi inteiramente culpa de Will por ser perfeito, atraente e chateado e tão adorável quando estava bêbado, e por dizer merdas que eram honestas e sérias e tão perto da perfeição que a deixavam nauseada de medo.

Esse era o problema.

Trabalhando muito para manter a voz sem constrangimento, Abbie disse:

— Traga isso à tona novamente e eu irei me esgueirar para o seu quarto à noite e raspar sua preciosa barba.

— Como se você fosse fazer isso com seu próprio irmão. Você sabe que mal tenho mandíbula.

— Me teste.

Jase riu, mas havia preocupação em sua voz quando falou novamente.

— Achei que você ficaria feliz. Ele está a fim de você, você dele, ele já é família, é tão... certo. Você adora coisas certas.

Abbie largou seu arco e olhou para seu irmão.

— Não há nada *certo* nisso, Jason. O que vai acontecer quando nós...?

— O que?

Ela suspirou e balançou a cabeça.

— Ah, mas que porra. Seriamente? Você já está pensando nas coisas dando errado?

— Tanto faz — Abbie murmurou. — Eu não quero falar sobre isso.

— Abs — Jase disse suavemente, movendo-se para se sentar ao lado dela. — Eu entendo o porquê de você se preocupar com essas coisas. Realmente entendo. Mas, olhe. Sinta-se à vontade para me socar se eu estiver sendo paternalista, mas você sabe que não há problema em confiar em Will, certo? Ele não é um cara ruim.

Abbie ergueu os olhos com o cenho franzido.

— Claro que não. Ele é o melhor cara que tem. Estou preocupada *comigo*. — Só quando as palavras saíram de sua boca ela percebeu o quão verdadeiras eram. Foi exatamente o que ela disse a Will, ou tentou dizer a ele, pelo menos, noite passada, mas ela não sabia como explicar para ninguém ao seu redor. — Você não entende. Nenhum de vocês entende. Vocês estão todos tão bem ajustados.

Jase sufocou uma risada.

— Bem ajustados? Abbie. Você está falando sério?

— Tudo bem, vocês são todos malucos, mas não entendem *isso*.

A expressão de Jase se suavizou quando ele passou o braço em volta dos ombros dela.

— Bem, explique para mim, então.

Sua garganta estava apertada.

— Você sabe que não gosto de falar sobre... sentimentos.

— Nem eu — ele murmurou. — Mas já que você e Will *claramente* não conseguem se resolver por conta própria...

— Não vamos conseguir nada juntos — ela respondeu.

— Mas você quer.

Às vezes, ter um irmão gêmeo era horrível. Ele meio que a seguia, aparecendo quando era menos conveniente, vendo coisas que ninguém na terra deveria ver.

— Sim — ela admitiu suavemente. — Eu quero. Eu queria poder. Mas se os últimos dias me mostraram algo, é que não estou pronta.

Will disse que gostava dela, e ela acreditou nele. Ele disse que seria diferente e ela acreditou nele. Mas isso não mudava o fato de que pensar em estar com ele lhe causava borboletas no estômago *e* nervosismo. Isso não mudava o fato de que toda vez que ela tentava expressar até mesmo metade de sua afeição, ela se preocupava em estar convidando a infelicidade para se juntar. Isso não era saudável e não era o tipo de relacionamento que ela queria dar a ele.

— Achei que estava melhor — disse ela em voz alta. — Eu pensei que estava... consertada. Mas eu não estou.

— Você não precisa ser consertada, Abs — disse Jase. — Olhe para mim. — Ele pegou a mão dela e encontrou seu olhar com uma expressão estranhamente séria, aquela que dizia que ele falava sério, a que ela via uma vez na vida. — Tudo que eu quero para você é

felicidade. Eu não me importo em como você vai chegar lá. Will é meu melhor amigo e eu o amo, mas tenho que ser honesto, você poderia sugar a medula dos ossos dele e eu secretamente estaria do seu lado. Você é minha irmã — ele disse lentamente, claramente, sem se desculpar. — Eu não dou a mínima para o que você faz ou não, se é saudável ou não, se é direto e simples ou complicado demais. Nunca vou traçar uma linha sob você, e nunca vou querer que você seja consertada. O que quer que você tenha no momento é bom o suficiente para mim. Sempre foi, sempre será. Ok?

Ela exalou, trêmula, aquelas palavras a envolvendo como a segurança que ela não sabia que precisava, a violência de sua incerteza acalmando um pouco.

— Ok — ela sussurrou.

— Bom. Então. A verdadeira questão é: felicidade, como chegamos lá?

— Eu estou lá — ela disse honestamente. — A maior parte do tempo. É só que... Will. Gostaria que as coisas não fossem tão complicadas com Will.

— Então descomplique — disse Jase.

Ela sabia que ele estava certo.

Depois de anos evitando cuidadosamente, Abbie não conseguia mais reprimir seus sentimentos. Will praticamente os arrastava para fora e os observava sob um microscópio, e a pior parte é que ele não tinha ideia de que tinha feito isso porque Abbie tinha feito a observação sozinha.

Mas ela havia acabado com isso agora, e o caminho certo era assustador, mas claro. Ela tinha que parar de se questionar entre a distância e a saudade, tinha que parar de afastá-lo enquanto esperava, secretamente, que ele pedisse mais, tinha que parar de chamar de cautela o que na verdade era medo. Dois fatos importavam.

Will a queria.

E ela amava Will. Tanto, e com tanta força, que a ideia de amá-lo em voz alta parecia perigosa, como dinamite, inevitavelmente explosiva. Ela podia sentir que se afastava dele porque temia que ele pudesse ver tudo dentro dela. O que ele pensaria? O que ele *faria* com o poder que ela lhe daria?

Ela nunca havia se feito essa pergunta explicitamente antes; ela tinha estado muito ocupada sentindo um medo instintivo da resposta. Mas agora, com o braço de seu irmão como uma âncora ao redor de seus ombros, ela se sentia segura o suficiente para esquecer suas memórias de uma época diferente e de um homem diferente, e relembrar suas memórias de Will.

Will, que tinha trazido ela e Jase para casa de sua primeira bebedeira e segurou o cabelo de Abbie enquanto ela vomitava. Will, que podia passar o Natal em Cabo com bilionários, mas voltava todos os anos para casa para brincar com gatos aos quais era alérgico. Will, que perguntou a ela sobre seu primeiro e terrível beijo dois anos após o fato e disse a ela que estava tudo bem, mesmo depois que ele soube que ela essencialmente o usou para ter um gostinho de felicidade e respondeu: “Essa foi a melhor coisa que você já me disse.”

Essas não soavam como palavras de um homem que precisava de alguém para consertar.

Abbie tinha problemas de confiança e Abbie estava ansiosa e as neuroses naturais de Abbie eram aumentadas dez vezes por seus piores pesadelos se tornando realidade, então talvez ela nunca parasse de esperar que o pior acontecesse. Talvez um pequeno pedaço dela sempre fosse esperar que o céu caísse. Mas quando ela fechou os olhos e olhou além do pânico de gelar o estômago e da vergonha de eu-deveria-ter-entendido-isso-antes, ela percebeu que, mesmo em seus piores devaneios, Will não era quem a machucava. Ele estava de pé ao lado dela, segurando sua mão.

Porra. Quando ela abriu os olhos, eles ficaram um pouco marejados. Jase educadamente fingiu não notar.

— Se sentindo melhor? — ele perguntou.

— Me sentindo nauseada — ela respondeu secamente, e ele sorriu porque sabia que a verdadeira resposta era sim. — Você realmente me ama — ela disse a ele.

— Parece que sim — foi sua resposta solene.

— E porque você me ama, você não se importa se eu não for perfeita. — Isso também, já que ela sentia o mesmo. E quando Abbie deixou de lado os medos que ela permitiu que a governasse, também entendeu que... — Aposto que Will poderia realmente me amar

também. — Essas palavras foram sussurradas, porque os desejos não se realizavam se você contasse ao mundo.

Dizer a Jase não contava.

Ele olhou para ela por um momento com uma pequena carranca no rosto, mas essa carranca logo se dissolveu em um sorriso estranho.

— É, sim — ele disse. — Talvez Will pudesse te amar. — Ele pigarreou. — *Provavelmente*, na minha opinião. Você deve perguntar a ele para descobrir.

Abbie gemeu.

— Só que já disse a ele mil vezes que não estou interessada e não podemos fazer isso e...

— Oh, entendo. Portanto, se você for lá agora e lhe disser que mudou de ideia, ele dirá: "*Desculpe, o ônibus partiu, mudei de ideia ontem à noite e não posso querer uma mulher que hesite"*

Abbie mordeu o lábio.

— Isso foi uma piada — acrescentou Jase. — Ele obviamente não vai dizer isso.

— Certo — Abbie concordou. — Sim. Obviamente.

— Quero dizer, você percebe que *ele é quem está* pedindo desesperadamente e é você quem o está rejeitando friamente?

O estômago de Abbie embrulhou.

— Espere. O que?

Jase encolheu os ombros.

— Estou apenas dizendo. Essa é a dinâmica, certo? Parece que você não percebeu.

Não. Não, ela não tinha percebido. Ela estava tão certa de sua... *inadequação* para Will, que não tinha ocorrido a ela que ela tinha o poder de perturbá-lo com seus nãos e suas impossibilidades. Mas e se ela o machucasse?

Merda, merda, merda, merda. Porra.

— Oh meu Deus — Jase *suspirou.* —*Parece que você está prestes a vomitar. Vá e fale com ele antes de morrer de preocupação.*

— Certo. Sim. Absolutamente. — Abbie colocou seu bordado na mesinha de centro e se levantou, com a coluna reta e os nervos à flor da pele.

Era hora de arriscar um pouco de vulnerabilidade pelo homem que deu a ela toda a dele.

“Você não está sendo justo.”

Foi o que Abbie disse na noite passada, e a injustiça disso acertou Will bem no peito. Porque como, exatamente, ele estava sendo injusto? No momento, bêbado e tonto com a proximidade dela, ele não tinha ideia.

Então ele dormiu e acordou e observou a neve caindo fora de sua janela e realmente usou sua porra de cérebro. Ele pediu a ela para confiar nele, tentou arrancar os segredos que ele podia sentir escondidos atrás de seus dentes cerrados, mas ele realmente não tinha compartilhado os seus. Ele queria que ela expusesse todas as suas vulnerabilidades para ele, sabendo o que ela tinha passado, sabendo como ela lutou, mas ele conteve toda a verdade de seu próprio coração porque estava com medo. Ela estava lidando com uma merda que ele mal conseguia entender, e *ele estava* estressado por causa de uma pequena rejeição.

— Idiota — ele disse a si mesmo com firmeza enquanto olhava para o teto espiralado. — Seu imenso idiota. — Então ele se levantou e se vestiu e correu por quilômetros através da neve densa porque precisava de gelo em seus pulmões, limpando sua mente, aguçando seus sentidos, ajudando-o a descobrir uma maneira de sair da bagunça que havia criado.

Isso ajudou, como os exercícios sempre ajudavam. Quando Will voltou para casa, ele sabia exatamente o que diria à mulher que amava. Ele simplesmente não podia dizer isso, porra, porque aquela mulher estava distribuindo café da manhã para gatos e brincando com seu irmão e sua avó.

O desejo de ficar sozinho com Abbie queimava sob sua pele enquanto ele tomava o café da manhã, enquanto tomava banho, enquanto se secava e olhava para seu reflexo nebuloso no espelho embaçado do banheiro. Uma bolha bege e loira olhou para ele.

— Você. — Ele apontou para a bolha. — Não estrague tudo. — A bolha ficou em silêncio. — Apenas conte tudo a ela e tente não morrer de vergonha quando ela ficar horrorizada. Sem coragem, sem glória. Faça isso, porra. — A esta altura, seu reflexo parecia um pouco menos uniforme e muito mais determinado. Satisfeito, Will

assentiu, enrolou uma toalha em volta da cintura e destrancou a porta do banheiro.

Ela se abriu para revelar Abbie parada no corredor, as mãos cruzadas na frente dela e uma expressão estranha em seu rosto.

Will parou de repente.

— É… — ela disse. — Você estava falando sozinho?

Bem, merda.

— Talvez.

Ela não deve ter ouvido suas palavras reais, porque sorriu, balançou a cabeça e soltou uma risada nervosa.

— Hã. Ok. É... — Os olhos dela foram para o rosto dele, desviaram-se para o peito e então voltaram para o rosto novamente. — Acaba de me ocorrer que ficar do lado de fora do banheiro esperando você terminar o banho era uma coisa incrivelmente estranha de se fazer...

— Eu não me importo — ele disse rapidamente, porque ele não se importava. Primeiro, isso sugeria que ela queria estar perto dele, o que era ótimo, porque ele queria estar perto dela. E em segundo lugar, ela estava claramente tendo problemas para *não* olhar para seu corpo seminu, o que era excelente. Muito excelente. Ele não deixaria de usar todas as vantagens que tinha quando se tratava de prender a atenção dela. Ele tinha a vaga ideia de que deveria ter vergonha de si mesmo, mas estava muito ocupado tentando sutilmente flexionar os músculos.

— Certo — disse Abbie, seu olhar deslizando completamente para longe dele e pousando no chão, o que era um bom sinal. A menos que fosse um sinal terrível. Ele não tinha ideia. Era por isso que ele tinha que melhorar nessa coisa de conversar.

Com isso em mente, ele disse:

— Ouça, quero lhe dizer...

— Hmm — ela interrompeu — talvez você devesse se vestir primeiro.

Ele não pôde evitar. Ele sorriu.

— Devo?

— Sim.

— Por quê? Estou deixando você desconfortável?

Ela revirou os olhos e empurrou os óculos ainda mais para cima no nariz.

— Nos seus sonhos, Reid.

— Neles mesmo, menina Abbie.

Ela olhou para ele então, uma pequena faísca de surpresa em seu olhar, seguida por... um doce sorriso em seus lábios cor de amora.

— Alguém já lhe disse que você é ultrajante quando flerta?

— Não — ele disse honestamente. Ele não achava que já tinha flertado com ninguém além dela. Ele nunca realmente se sentiu inspirado a se preocupar.

— Talvez eu seja especialmente suscetível, então — ela murmurou, mas quando seu cérebro disperso se lembrou do que significava *suscetível* e começou a se sentir satisfeita, ela já havia recuado e seguido em frente. — Sério, vá se vestir. Não consigo me concentrar quando seu peitoral está olhando para mim.

— Peitoral, sério? — ele perguntou. — Eu teria escolhido mamilos. Muito mais parecidos com os olhos.

Ela fez um som estrangulado de descrença.

— Você está realmente comparando mamilos com olhos agora?

— Você está realmente comparando deltóides com olhos? Seja honesto, você realmente sabe o que são deltóides?

— Esta é uma conversa ridícula — ela fungou.

— Então, não — ele disse, e ela sorriu, e Deus, ele falaria literalmente sobre qualquer coisa se isso a fizesse sorrir daquele jeito. Ele estava prestes a dizer isso quando a porta no final do corredor se abriu com violência, e a Sra. Tricia apareceu na porta parecendo a heroína aterrorizada de um filme de terror antigo.

Sua pele morena tinha adquirido um tom acinzentado, sua boca era um *O* perfeito e suas mãos eram garras em pânico enroladas em um conjunto de presente Ted Baker pela metade do preço.

— Gravy! — ela lamentou.

Abbie piscou para ela.

— É... não se preocupe, vovó. Trouxemos uma tonelada de farinha de milho quando você nos mandou para...

— Não! *Gravy!* — A Sra. Tricia largou o conjunto de presentes e correu pelo corredor, passando por ambos. — Acabei de vê-la pela janela! Ela está na nevasca! Na beira da floresta! Como ela saiu? William, vista algumas roupas. Jason! — ela gritou enquanto quase descia correndo as escadas. — Jason, Gravy escapou!

Will ficou olhando para ela.
— Merda.
Então Abbie disse, claramente confusa:
— A nevasca?



Oito

Sim, acabou que: a nevasca.

Will vestiu algumas roupas e desceu a tempo de encontrar Jase na porta. Parecia que alguém havia jogado açúcar de confeiteiro em sua cabeça e o colocado em um freezer. Ventos gelados uivavam pela porta aberta atrás dele, e Will apertou os olhos em choque com a tempestade de neve que, aparentemente, surgiu enquanto ele estava ocupado se perguntando se Abbie preferia homens que raspavam o peito. (Ele estava feliz por ter ignorado a situação, depois que ela o olhou fixamente no corredor.)

— Eu não consegui vê-la — Jase disse enquanto fechava a porta.

— O que? — Sra. Tricia gritou. — Aquela criatura está grávida como o inferno. Eu não sei o que ela estava na cabeça, saindo de casa desse jeito!

— Não se preocupe, vovó. — Abbie esfregou círculos suaves nas costas da Sra. Tricia. — Nós a encontraremos. Vamos todos sair e procurar.

— Bom. Vamos nos dividir em duplas e procurar por ela.

Jase e Abbie trocaram olhares significativos.

— É… — disse Jase — talvez você pudesse esperar aqui, caso ela volte?

A Sra. Tricia o acertou com um olhar furioso.

— Cale a boca, rapaz. Pegue minhas botas. Você pode ser minha dupla.

Foi assim que Will se viu na nevasca na qual ele mal acreditava, parado na beira da floresta que fazia fronteira com o sul da propriedade da Sra. Tricia, de mãos dadas com Abbie Farrell. Ambos usavam luvas grossas, mas ele imaginou que poderia sentir o calor dela de qualquer maneira. Ela o segurava com força, com tanta força que o lembrou da felicidade confusa e nublada da noite anterior, quando o toque e a voz dela eram as coisas que o mantinham firme. Claro, ela estava apenas o tocando agora porque seus óculos estavam uma bagunça com a neve, e sem sua orientação, ela poderia cair em um poço. Mas ainda assim.

— Vovó disse que ela gosta de arbustos — Abbie gritou contra o vento. — Vamos começar por ali. — Com a mão livre, ela apontou para um canteiro espesso e perene entre as árvores.

— É, sim — Will respondeu, balançando a cabeça quando eles começaram a caminhar. As bolas penduradas em seu chapéu o acertaram nas bochechas. *Foco*. Ele precisava falar com Abbie, desesperadamente, mas agora provavelmente não era o melhor momento. Se eles não encontrassem Gravy...

— Eu preciso te dizer uma coisa — disse Abbie, sacudindo-o para fora de seus pensamentos. Ele olhou para ela através do redemoinho de neve, mas ela estava olhando para a frente: tudo o que ele via era a massa espessa e pontilhada de flocos de neve em seu cabelo, a armação escura dos óculos e a linha dura de sua mandíbula. Essa mandíbula cerrada podia significar que ela estava nervosa, mas também pode significar que ela está se concentrando para não cair de bunda.

— É? — ele cutucou.

— Sim. É sobre nós.

Nós. Uma palavrinha, mas desencadeou uma porra de uma enorme discoteca no corpo de Will. Completa com luzes piscando para combinar com o pulso frenético de seus pensamentos esperançosos e música animada para combinar com seu coração acelerado.

— Eu estava nervosa em dizer isso — ela continuou — mas ter esta conversa do lado de fora no meio de uma nevasca enquanto estamos focados em encontrar uma gata grávida está realmente tirando a pressão, então...

Ele riu e engoliu uma golfada de gelo.

— Justo. Mas... —Ele não sabia, na verdade, se este era o momento certo para um “mas”. Não tinha ideia se ela iria afastá-lo novamente ou se ela iria dizer algo diferente, algo que ele realmente não ousaria imaginar depois de seus inúmeros fracassos espetaculares nos últimos dois dias. Se ela *fosse* afastá-lo, espalhar seu amor por todo o lugar poderia atingi-la como o equivalente a um gato arrastando para casa um rato morto. Mas se ela fosse dizer algo diferente...

Eles alcançaram o arbusto e falaram ao mesmo tempo.

— Você deveria saber… — Will disse.

Mas foi difícil lembrar o resto da frase quando percebeu o que Abbie havia dito. Que foi:

— Sou apaixonada por você desde que éramos crianças.

O problema de deixar escapar verdades mortificantes no meio de uma nevasca era que você quase podia fingir que o vento havia varrido suas palavras e ninguém jamais saberia que você as disse.

Quase.

Isso foi o que Abbie fez, de qualquer maneira, após dizer. Ela podia sentir o olhar intenso de Will queimando o lado de seu rosto com a intensidade típica, mas havia neve suficiente entre eles para esfriar sua pele febril assim que os olhos dele a tocaram, então foi mais fácil de lidar do que o normal. Ela soltou as mais difíceis de suas palavras, então se abaixou para examinar o arbusto e agradeceu a qualquer deus que estivesse ouvindo por essa série precisa de eventos, porque ela tinha a suspeita de que, em qualquer outra circunstância, ela teria gasto vinte minutos só trabalhando para essa confissão.

Ela estava começando a achar que Will levaria vinte minutos para descobrir como responder.

Seu silêncio foi... significativo. O fato de ele ter soltado a mão dela quando ela se abaixou para procurar nos arbustos também foi

significativo, embora fosse exatamente o que Abbie esperava que ele fizesse. Qualquer conexão entre eles, mesmo uma tão mínima, parecia elétrica, importante e excessiva. Ela estava trabalhando duro nessa coisa de honestidade emocional, mas ela não estava prestes a se sobrecarregar completamente.

Ela também não estava disposta a retirar o que disse. Ou a parar de falar, agora ela finalmente começou.

— Tem sido uma experiência longa e estranha — ela disse enquanto separava vários galhos pontiagudos. — Eu pensei que era apenas uma queda, e então eu meio que percebi que não era, mas eu realmente *queria* que fosse uma quedinha porque era bem menos complicado, então me convenci que era. E então eu simplesmente fiquei lá, mentalmente, por anos e anos porque eu era uma adolescente estúpida e você era meu melhor amigo e evitar meus sentimentos parecia muito mais seguro do que fazer algo a respeito e não saber o que poderia acontecer. Tinha muito mais em jogo, eu acho. Então a vida aconteceu e de repente estávamos em lugares e fases completamente diferentes e, e isso não importava mais. Quer dizer, eu *pensei* que não importava mais. Mas... Você sempre foi muito importante para mim. Você me assusta. Eu não estou...

Will caiu de joelhos ao lado dela tão de repente, que ela estava preocupada que ele realmente tivesse desmaiado. Então, duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: a primeira foi que sua mão enluvada e úmida pela neve segurou o rosto dela e ele disse com uma voz grave como a tempestade ao redor deles:

— *Abbie*.

E a segunda foi que algo sob as amoreiras se assustou, seu movimento atraindo a atenção dela.

— Gravy! — ela gritou.

— …o que?

— É Gravy! Ela está aqui. — Abbie se ajoelhou, mais para a direita, e alcançou sob a massa de espinhos apenas para ter Will pegando seu braço.

— Você vai se machucar. — Ele franziu a testa, estranhamente severo, e então começou a enfiar a mão sob os espinhos como se os dois fossem feitos de materiais orgânicos totalmente diferentes. Ou talvez ele estivesse simplesmente se comportando como se seu

casaco fosse mais grosso que o dela, o que era verdade, então, muito justo.

Ele cuidadosamente ergueu o arbusto, e embaixo dele estava Gravy, que... parecia estar parindo.

— Você está zoando com a minha cara? — Will exigiu. — Sério? *Sério?* — Sua voz era praticamente um rosnado. Abbie achava que nunca o tinha ouvido tão frustrado.

— Está tudo bem — disse ela, desenrolando o lenço do pescoço. — Nós podemos ajudar...

— Não estou preocupado com a gata, Abbie — ele a interrompeu, o que também era um pouco estranho. Will gostava muito de gatos, exceto pela parte em que eles o faziam ficar sem ar após uma proximidade prolongada. — Estou falando sobre o fato de que você acabou de me dizer que me ama. Você acabou de me dizer isso, e eu quero beijar você até eu morrer, e em vez disso, tenho que segurar um arbusto enquanto você ajuda Gravy durante as contrações. — Ela tinha evitado seu olhar com muito cuidado desde que sua confissão começou, mas ele disse tudo isso com uma paixão tão desesperada e incrédula em sua voz que o olhar de Abbie foi atraído para ele sem permissão. E quando ela olhou para ele, ela encontrou o mesmo desespero em seus olhos, frenético e dolorosamente quente, e isso a fez sentir como se ele tocasse cada centímetro de sua pele lenta e amorosamente de uma vez só.

A tensa trança de nervos em seu estômago se desfez, só um pouco. O suficiente para ela continuar confessando, mesmo enquanto enrolava o lenço em volta de uma Gravy que parecia exausta e monitorava o milagre extremamente nojento, mas não desconhecido, da vida sendo espremido diante de seus olhos.

— A questão é — ela disse a Will enquanto olhava para o saco amniótico que parecia uma bolha — Eu... eu não acho que meu amor por você seja tão importante quanto você pode pensar...

— Discordo — Will disse imediatamente.

Ela o ignorou.

— ...porque eu não sou muito boa nisso. No amor, quero dizer. Eu tenho alguns, é... problemas, como você deve ter notado, e estou com tanto medo, Will. Eu realmente estou. Estou com medo o tempo todo, porra. E às vezes, frequentemente, eu deixo esse medo

controlar o que eu faço, e é quando eu cometo erros e magoo as pessoas, e eu realmente não quero magoar você.

— É por isso que você está me afastando — disse ele. — Não porque você não sinta o mesmo.

— Eu sinto *mais*.

— Você não sente — ele disse a ela. — Não mesmo.

Era alarmante a maneira imprudente como seu coração disparou. Mas também, Abbie estava se acostumando com a emoção nervosa que vinha com a esperança. Afinal, ela havia acabado de contar a Will um segredo tão grande que ela tinha passado anos tentando mantê-lo escondido de *si mesma*, e nada de terrível aconteceu. A terra não desabou sob eles. Em vez disso, ele estava olhando para ela como se ela fosse a coisa mais doce que ele já tinha visto e dizendo coisas que a iluminavam por dentro, coisas como:

— Menina Abbie, nada que você possa fazer comigo é capaz de me machucar mais do que ficar sem você.

— Isso é ridículo e excessivamente romântico e terrivelmente irreal — ela disse a ele, e sua voz apenas vacilou um pouquinho.

— Se acostume com isso — Will disse a ela — porque eu tenho muitos sentimentos por você e eles são todos meio irracionais e eu realmente não me importo. Não importa para mim se você tem coisas para se trabalhar. Eu te disse ontem à noite, e vou te dizer hoje, e te direi amanhã: se você está com medo, Abbie, eu só quero segurar sua mão.

Oh céus. Oh Deus. Ela queria acreditar em algo assim, dito por alguém como ele, não, só ele, *apenas ele,* por toda a sua vida, e agora ela estava determinada a fazê-lo. A escolher. A própria entonação de sua voz atravessou entre suas costelas e segurou-a firme, segura. Ela estava perigosamente perto de soluçar, o que tornava imperativo que se concentrasse em outra coisa.

Gravy deveria lamber os fluidos amnióticos em torno de seus bebês, Abbie tinha visto partos de gatos o suficiente para saber disso, mas ela deve estar com muito frio ou muito cansada ou ambos porque não estava acontecendo.

— Vou ter que fazer isso — disse Abbie em voz alta, e estendeu a mão para o pequeno pedaço de pêlo e sujeira recém-nascido, grata por suas luvas.

— Tudo bem — disse Will. — Eu vou continuar falando.

— Sim — ela disse suavemente, tão suavemente que o vento e a neve levaram suas palavras para longe. — Por favor. — Por causa daquele oceano de afeto em que ela tinha tanto medo de se afogar? Cada palavra sua era uma onda quente e gentil que a empurrava. E de repente ela estava flutuando.

— Eu fiz merda essa semana, Abs — ele disse a ela, inclinando-se para o lado de seu corpo enquanto ela trabalhava, deixando sua testa descansar contra sua têmpora. Protegendo-a do vento frio, sim, e roçando seus lábios macios contra sua bochecha gelada, pressionando suas palavras em sua pele como se contasse um segredo. — Eu tinha um grande plano, ia largar meu emprego e voltar para casa e trabalhar lentamente para entrar em sua vida, e então um ano se passaria e eu seria seu e você nem saberia como isso aconteceu.

Ela sufocou uma risada enquanto gentilmente limpava o minúsculo gatinho choramingando.

— O que?

— Sim. Porque eu podia dizer, mesmo a quilômetros de distância, que você estava tendo problemas, e acho que pensei que poderia passar furtivamente por todas as paredes que você ergueu e estar lá para você, estar *com* você, você gostasse ou não. Mas isso nunca iria funcionar. Você faz escolhas, e elas são deliberadas e, independentemente de me manterem fora ou dentro, são suas. Essa é uma das coisas que amo em você. Ignorar isso não fazia sentido.

O pulso de Abbie falhou enquanto ela colocava o gatinho perto de sua mãe, enquanto ela se virava para Will e desenrolava o lenço de *seu* pescoço para outro cobertor.

— Ama — ela repetiu com cuidado, engolindo em seco, recusando-se a adicionar qualquer desvio. — Ama. — Seus lábios formaram a palavra avidamente. E, pela primeira vez, inclinar-se para a interpretação mais óbvia do que ele havia dito parecia menos arrogância e mais esperança.

— Sim — ele disse a ela, e ela ouviu em sua voz, sentiu em seu olhar. Talvez sempre tenha estado lá. Talvez a maneira como ele olhava para ela, como se pudesse ver cada pequena coisa, como se ele *quisesse* ver cada pequena coisa, não importa o quão bruta ou estranha ou difícil, sempre tenha sido amor.

E então ele confirmou essa possibilidade, com a mesma facilidade brilhante com que fazia tudo.

— Sim, eu te amo, Abs. Levei um tempo para descobrir o que era, e na hora que eu descobri, você estava indo para a universidade, e então você encontrou outra pessoa, e eu senti como se nunca tivesse feito nada tão estúpido quanto deixá-la ir, e era tarde demais. Só espero ter compensado ao amar você desde então.

Porque eu tenho. Eu amei você cada segundo que passamos separados e cada semana que passamos juntos. Eu te amo quando você está sofrendo, e te amo quando você está sendo cautelosa, e te amo quando você não tem certeza se é seguro me amar de volta. Eu sei que você não pode evitar se preocupar, mas gostaria de ter dito a você desde o começo que... que não há nada que você possa fazer para me fazer parar. Eu já fui experimentado e testado, Abbie. Eu estive do outro lado do mundo, amando você. Eu ajudei a organizar a porra do seu casamento, amando você. — Ele riu, parecendo genuinamente incrédulo. — Eu literalmente não consigo parar. E eu deveria ter te contado antes, porque se houver algo que eu possa fazer para que você se sinta um pouquinho mais segura, eu quero fazer isso. Eu quero. Me desculpe. E isso é tudo. Isso é tudo.

— Oh — disse Abbie, muito, muito suavemente. E então ela ficou em silêncio. Ela esperou enquanto o segundo gatinho de Gravy nascia, grata além da conta por ter sido rápido. Ela embrulhou a pequena coisa fungando ao lado de sua mãe e seu irmão. E então, muito rapidamente, com suas mãos sujas e enluvadas seguramente estendidas para os lados, ela se virou para encarar Will e o beijou.

Ele deve ter ficado surpreso, porque ele fez um barulho perplexo no fundo da garganta e levou uma fração de segundo para beijá-la de volta. Mas ele beijou. Ele também não podia tocá-la, ainda estava segurando os arbustos de lado, então eles passaram um longo e faminto momento pressionados juntos, boca com boca e corpo com corpo, segurando um ao outro com nada além de todas as emoções que derramaram naquele beijo.

Eu te amo, ela pensou, fodidamente desnorteada, tonta, sem fôlego com isso, e esperava que ele pudesse sentir o gosto em sua língua, esperava que ele entendesse quando mordesse seu lábio inferior, esperava que ele pudesse sentir no movimento dos quadris dela contra os dele. Porque ela sentiu o gosto nele, sentiu tudo nele,

ouviu aquelas palavras terrivelmente honestas que correram ao redor de sua cabeça. *“Eu fui experimentado e testado, Abbie. Eu literalmente não consigo parar.”* Ela não queria precisar disso; ela queria simplesmente, alegremente confiar nele, ou melhor, confiar que as coisas pudessem ser boas, que os pesadelos nem sempre estariam espreitando na esquina. Mas ela ainda não estava pronta, ele sabia disso e não se importava. Ele estava disposto a dar a ela essas palavras em vez disso, uma tábua de salvação quando ela precisava, e certamente ele não tinha ideia, ele não podia ter ideia, do quanto essa porra significava para ela.

Afastar-se dele podia ser a coisa mais difícil que ela já fez, mas eles tinham gatinhos recém-nascidos em uma nevasca aqui, então eles não tinham muita escolha. Ele gemeu quando ela parou o beijo, e era tão surreal pra caralho o quão óbvio esse homem era sobre querê-la. Ela não achava que teria isso algum dia. Ela não sabia que precisava disso.

— Gatinhos — ela respirou. — Devemos... levá-los.

— Sim — disse ele — sim. — Então ele sorriu. — Ei.

— O que?

— Você é minha pra caralho.

Ela riu enquanto pegava os gatos, sentindo-se mais jovem do que nunca, sentindo-se como antes, quando eles eram apenas eles e nada era complicado.

— Isso não faz sentido, William.

— E nem precisa, Abigail. — Ele soltou o arbusto e tirou os gatos dos braços dela, ignorando suas alergias como sempre. — Minha pra caralho. Lembre-se disso.

— Ainda preciso... tenho coisas que preciso fazer — disse ela, tentando não se precipitar, sentindo-se como um balão de hélio. — Acho que devo voltar à terapia.

— Provavelmente — ele concordou enquanto eles se levantavam.

— Ei!

— O que? Voltei para a terapia depois de ter largado tudo.

Ela olhou para ele através da neve.

— Você foi para a terapia?

— Eu morava na Califórnia. Você tem que fazer esse tipo de merda lá, ou você nunca vai se encaixar. — Mas então, depois de um

momento, ele deu a ela um de seus raros e sérios olhares e disse: — Eu vou te contar sobre isso algum dia.

— Tudo bem — disse ela. — Obrigada — disse ela. *Eu te amo,* ela pensou.

E como se ele tivesse lido a porra da mente dela, ele disse:

— Eu te amo — de volta.

Ela não podia acreditar que essas foram as palavras que eles trocaram, muito menos que eram os sentimentos que realmente sentiam. Seu coração foi engolido por um raio de sol e ela se sentiu reluzente durante todo o caminho de volta para casa. Eles estavam abrindo a porta vermelha da frente quando lhe ocorreu, ela queria dar a ele a luz do sol também, queria fazer com que ele se sentisse como ela, o que significava que ela tinha que devolver tudo o que ele lhe desse.

— Eu, é... quero dizer, quando você disse há pouco que me amava, eu deveria ter dito...

Ele olhou para ela, um sorriso em sua voz e um monte de gatos em seus braços.

— Você não *deve* nada, Abs. Eu te disse que entendi seu momento, e quis dizer isso. — Ela agradeceu a Deus por seus óculos estarem embaçando com o calor da casa, porque se ela pudesse ver seu lindo rosto de merda em detalhes mais finos enquanto ele dizia isso, ela poderia desmaiar com a perfeição do momento. — Você já me disse que me amava hoje — ele continuou. — Aposto que você já usou a cota da semana.

Ela riu, tonta de afeto, de adoração.

— Eu posso fazer melhor que isso.

— Mas eu não quero coisa melhor — ele disse calmamente. — Eu gosto do que tenho. Você está no comando aqui, você sabe. Qualquer coisa que mude entre nós será sua escolha. — Seus olhos a viraram do avesso. — Tudo o que eu sempre quis foi ser seu. Eu sou?

— Sim — ela respirou. *Deus, sim.*

Ele sorriu, mais feliz do que ela já o tinha visto. Incluindo aquela vez em que uma borboleta pousou em seu nariz, o que significava alguma coisa.

— Então estou satisfeito. Agora ligue para seu irmão e diga a ele para trazer a Sra. Tricia de volta aqui. Alguém mais esperto do que

nós precisa dar uma olhada nesses gatos.

— Oh, merda, sim. — Ela tirou as luvas, tirou o telefone do bolso e seguiu Will para a sala enquanto ela discava. Jase atendeu enquanto Will estava curvado sob a árvore de Natal, depositando Gravy e seus gatinhos sob os enfeites vermelhos e dourados.

— Você a encontrou? — foi o alô imediata de Jase.

— Sim. Estamos em casa. Além disso, ela pariu.

Houve um estridente:

— O quê? — ao fundo, alguns grunhidos e sons de luta antes que vovó, previsivelmente, assumisse o telefone. — O que aconteceu?

— Dois gatinhos nascidos em segurança — relatou Abbie, enquanto Will juntava mais cobertores e arrastava algumas almofadas do sofá. Podia haver manchas estranhas de placenta, mas ela tinha certeza de que a vovó não se importaria. — Ela parecia muito cansada e com frio lá fora, mas ela está lambendo o primeiro filhote, e o segundo está se alimentando, então isso é um bom sinal, certo?

— Sim — vovó concordou. — Bom trabalho. Estamos voltando.

Abbie se sentiu um pouco animada com aquele “bom trabalho”. Talvez ouvir Chitra falar sobre partos na água e placentas durante meses a tenha deixado pronta para qualquer coisa, ou talvez seu próprio hábito de imaginar os piores cenários tivesse feito isso. Seja qual for o caso, ela estava feliz por não ter estragado os bebês de Gravy.

Desligando o telefone, ela retransmitiu a mensagem para Will. Ele acenou com a cabeça, tirou as luvas e estendeu a mão para ela.

— Então… — ele disse. Uma de suas mãos deslizou por baixo do casaco que ela ainda não tinha tirado, acomodando-se em seu quadril com uma possessividade que ela não deveria gostar tanto. A outra mão dele subiu para o cabelo dela, puxando suavemente uma mecha atrás da orelha.

— Nós vamos dizer alguma coisa?

E Abbie aprendeu outra coisa que não sabia sobre si mesma: ela gostava de estar com um homem que perguntava em vez de mandar. Ela gostava muito, porra.

">Se eles iam contar para a família dela, era isso que Will queria dizer. Ele estava apenas perguntando para saber, não porque ele *precisava* compartilhar. Will não precisava de nada agora, exceto o que ele já tinha: Abbie, olhando para ele com todo o afeto secreto que seus olhos escuros podiam transmitir, amando-o silenciosamente de uma forma que era tão fodidamente gritante que reverberava por seus ossos

Ele estava nas nuvens e esperava ficar lá pelo resto de sua vida. Então, sim, ele não precisava de absolutamente nada. Mas depois de anos desse anseio vazio e faminto, e alguns dias de foder com as coisas ao se segurar, ele decidiu que a comunicação direta era sua melhor chance de manter esse milagre.

E ele manteria isso. Ela. Suavemente, sim, tão delicadamente quanto ela precisava, mas ele nunca a deixaria ir.

Ela prendeu os lábios dentro da boca, parecendo adoravelmente desconfortável com a perspectiva de falar sobre seus sentimentos mais uma vez, e para as outras pessoas. Mas ele ficou impressionado, porque em vez de deixar escapar "*Deus, não"*, com todo o horror que ela obviamente sentia, Abbie respirou fundo e conseguiu sorrir.

— Eu posso estar errada, mas eu acho que a vovó meio que nos juntou. Ela realmente nos empurrou um na direção do outro nos últimos dois dias.

Bem, merda. Isso era... era verdade, não era? Will sorriu.

— Sempre soube que ela era uma mulher de bom gosto.

— E Jase basicamente acha que devemos nos casar.

Will sorriu ainda mais.

— Ele é meu melhor amigo por um motivo.

Ele podia ver a apreensão de Abbie com isso, ela provavelmente não esperava que ele respondesse com tanto entusiasmo, ou tão sério. Ele soltou seu cabelo e acariciou seu rosto, as pontas dos dedos deslizando sobre sua testa, sua têmpora, ao longo da linha de sua mandíbula. Em todos os lugares que ele tocou, a tensão parecia *sair dela*.

— Só estou perguntando, Abbie. — disse ele suavemente. — Estou perguntando o que você quer fazer porque me preocupo com a resposta. Eu me importo com o que você quer. — Ocorreu-lhe recentemente que deveria contar a ela coisas assim, deveria dizer em

voz alta o que parecia tão óbvio para ele. Porque não era óbvio para Abigail, e se ele não demonstrasse o que estava em seu coração, como diabos ela iria aprender? Ele não iria mais a deixar no escuro, tropeçando em nada além de suas esperanças e medos.

Nunca.

Ela deu um sorriso hesitante, e seu coração apertou com a visão.

— Ok. Bem... acho que eles ficariam satisfeitos, mas também acho que falar sobre... sobre nossos sentimentos um pelo outro foi muito, e não sabemos exatamente como isso vai ser, ou pelo menos eu não , e...

— Um ano — ele disse suavemente.

Ela piscou.

— Hein?

— É quanto tempo eu ia esperar — ele a lembrou — antes de te chamar para sair. Um ano estando com você do jeito que você quisesse, antes de eu mencionar meus sentimentos. Posso ter falhado na parte dos sentimentos, mas ainda podemos esperar um ano, se quiser.

Seus lábios se separaram por um momento sem fôlego, e ela se inclinou para ele, apenas um pouquinho. Apenas o suficiente para ele sentir o calor de sua confiança nascente, afastando o frio da nevasca.

— Você é bastante dedicado — ela disse secamente, mas ela olhou para ele com tanto afeto profundo que ele quase desmaiou. Sério, ele se sentia um pouco tonto. A merda dos *olhos* desta mulher.

— Sim — disse ele com voz rouca. — Dedicado. Isso eu sou.

— E perfeito — acrescentou ela calmamente, com carinho. — Você é incrivelmente perfeito.

— Você me disse que tem coisas que precisa resolver — disse ele, lutando contra o sorriso mais maluco de todos os tempos, porque essa deveria ser uma conversa adulta séria sobre limites ou o que quer que seja. — Então faça o que você tem que fazer, Abs, e enquanto isso, eu ainda estarei aqui, e ainda seremos nós. Ok? — *Você está segura comigo. Você está tentando por mim. E você nunca vai se arrepender, porra.*

Ela olhou para ele como se não pudesse ver mais nada.

— Ok, Will — ela disse. E então ela o beijou com tanta força que ele se sentiu fraco.



Epilogo

@AbbieGrl: Você já viu isso?
@DoURe1dMe: Uh... era para ser eu?
@AbbieGrl: É o Capitão X levando uma dedada da Capitã Marvel 
@DoURe1dMe: INTERESSANTE… como você se sente em relação ao uso de spandex?

UM ANO DEPOIS

Abbie acordou com o clique da porta do quarto fechando. O espaço ao lado dela estava quente, mas vazio. Will tinha acabado de sair. Abrindo um olho, ela se atrapalhou com o telefone, derrubando seus remédios para ansiedade da mesa de cabeceira no processo. De acordo com a tela do celular, eram 7h38 e ela tinha uma mensagem de Chitra.

Feliz Natal, titia!

Em anexo estava uma foto da bebê Jaya vestida como um pequeno Papai Noel. Abbie sorriu e voltou a dormir antes que pudesse responder.

Quando ela acordou de novo, foi mais lento, mais doce e mais fácil. O sol de inverno atravessava as cortinas para banhar seu rosto. O colchão embaixo dela se mexeu quando Will voltou para a cama.

— Menina Abbie — ele murmurou. — Estou com frio.

Um péssimo mentiroso. Will deve ter acabado de voltar de sua corrida, que ele insistia em ir todos os dias, sim, até mesmo no dia de Natal, não porque ele fosse um dono de academia que precisava manter um certo nível de condicionamento físico, mas porque, por motivos que ela nunca entenderia, ele realmente gostava disso. Então, talvez ele estivesse com frio por um minuto, lá fora na neve.

Mas depois de alguns quilômetros e um banho quente, ele devia estar aquecido novamente.

E ainda, quando sua grande mão alisou sua cintura, ela estremeceu.

— Eu sei que você está acordada. — Ela podia ouvir o sorriso em sua voz. Podia sentir contra sua pele, seu corpo curvando-se ao redor dela enquanto ele beijava sua nuca.

— Sim — ela admitiu — estou acordada. — Então ela rolou porque beijos no pescoço eram maravilhosos, mas na boca era melhor.

Ele estava lindo, como sempre. Dourado e brilhante e olhando para ela com um amor tão intenso que ela praticamente podia sentir, aquecendo-a tanto quanto os cobertores ao redor deles, segurando-a com força como se esta cama estivesse protegendo o frio da manhã. Embalada neste homem era seu lugar favorito para estar. E atualmente, ela estava confiante, mesmo em seus momentos vacilantes, de que ele sentia o mesmo.

— Eu te amo — ela murmurou, e arrastou os dedos para baixo, para baixo, para baixo, sobre os planos de seu amado corpo.

Will grunhiu quando seus lábios deslizaram sobre os dela.

— Eu também te amo, amor.

Ela sorriu contra sua boca e envolveu seus dedos ao redor do comprimento quente e duro dele.

— Feliz Natal?

— Feliz Natal do caralho — ele concordou. Então ele segurou seu sexo pulsante com uma das mãos grandes e respirou fundo quando a encontrou molhada.

Ela ainda estava nua da noite passada. Ele estava nu por causa do banho. Ele a empurrou de costas e segurou seus quadris com mãos desesperadas. Seu corpo se acomodou entre suas coxas, e só isso, só o peso, o calor e talvez o conhecimento de que ele a queria novamente, iluminou Abbie como a faísca de um fósforo.

Ela prendeu as pernas ao redor dele e choramingou. A primeira vez que fizeram sexo, cerca de seis meses atrás, ela estava quieta. Tinha mordido o lábio. Mordido a *língua*. Ele não disse a ela para parar; ele apenas a tocou com afeto deliberado, com intenção ardente e adoração desavergonhada, e ele mostrou a ela tudo que ele sentia, e eventualmente, eventualmente, ela se encontrou gemendo debaixo

dele um dia sem uma grama de insegurança e nenhuma ideia de como eles chegaram lá.

Bem, ela supôs que tinha alguma ideia. Abbie tinha trabalhado duro no último ano, em si mesma, e Will tinha feito exatamente o que ele prometeu fazer. Ele segurou a mão dela.

Agora *sua* mão deslizava, lenta e carinhosa, por seu corpo. Adorando a espessura de sua cintura, massageando o peso de seus seios, acariciando o comprimento de sua garganta. Desfrutando, provocando, saboreando lentamente. Ele interrompeu o beijo para colocar o polegar em sua boca, então observou com olhos tempestuosos enquanto ela o chupava, com força, deixando seu dedo molhado. Quando ela terminou, ele estendeu a mão entre seus corpos e pressionou o polegar entre suas coxas, massageando círculos fáceis sobre seu clitóris inchado.

Ela engoliu um gemido, não porque quisesse, mas porque eles tinham que ficar pelo menos um pouco quietos. Ele acariciou sua bochecha, sua mandíbula, sua garganta e continuou. Continuou. Justamente quando ela pensou que poderia implorar por mais, ele murmurou asperamente:

— Quer?

— *Sim.*

Ele mordeu o lábio, como se apenas a palavra o excitasse, e então ela sentiu a larga cabeça de seu pau pressionando-a para abri-la. Um deslizar lento e escorregadio, o polegar ainda trabalhando nela com firmeza. Tudo nela se apertou. Ele continuou indo, ajudando-a, levando-a mais alto. Movendo-se sobre ela, tocando-a, dizendo em sussurros roucos:

— Tão bom, Abbie, tão bom. — Devorando-a como se tivesse desejado durante toda a vida.

Ela o beijou enquanto gozava.

E então novamente quando ele gozou, engolindo o som de Will rosnando o nome dela. Ele estremeceu, ele xingou, e então quase desmaiou, seus sons roucos de satisfação derramando calor em sua pele. Eles ficaram emaranhados por alguns minutos sem fôlego e pegajosos antes de uma batida na porta assustar os dois.

— Oi! — A voz de Noah veio através da madeira. — É Natal! Parem de transar e desçam.

Will começou a rir. Antigamente, Abbie teria ficado muito mortificada para se juntar a ele, mas fazia alguns meses desde que ela e Will tinham, é..., oficializado as coisas, e sua família já tinha descoberto as coisas muito antes disso. A esse ponto, a provocação era quase banal. Abbie ainda estava rindo quando ouviu outro estrondo no corredor.

— Jason, Harlan — Noah estava gritando — levantem essas bundas preguiçosas!

— Morra. — Jase gritou de volta.

Outro estrondo, este mais distante.

— Ma...

— Noah Farrell, se você tem amor à vida, é melhor calar a boca.

Uma pausa. Então Noah disse, um pouco mais baixo:

— Vejo você lá embaixo, mãe, te amo, tchau.

O que fez Will gargalhar de novo.

Ele rolou para se deitar contra os travesseiros, nu e rindo incontrolavelmente. Ao vê-lo rir, a própria risada de Abbie desapareceu, substituída por um pequeno sorriso e uma onda silenciosa de amor, como se tudo em seu coração tivesse quebrado as barreiras e inundado seu corpo inteiro. Os fantasmas de seus antigos medos pairavam no fundo de sua mente, mas eram apenas isso: fantasmas. Assustadores, mas transparentes. Incapazes de realmente tocá-la. O fato era que ela o adorava, e ela brilhava com isso, vibrava com isso, não conseguia evitar e não sabia como podia ser possível.

As pessoas lidavam com todos os tipos de coisas quando achavam que era necessário. Como uma flor trancada em um armário, elas cresciam desesperadamente, instintivamente em direção à luz, mesmo que isso exigisse que eles se curvassem, se retorcessem e quase quebrassem. Mesmo quando você saía do armário, ainda precisava de um pouco de apoio para ficar forte novamente.

Abbie sempre teve isso e, ultimamente, ela vinha ousando aproveitar.

— O que? — Will tinha notado seu olhar, sua risada se transformando em um sorriso divertido, seus olhos escuros a deixando transparentes como sempre. Lindamente transparente.

— Eu te amo — ela disse a ele simplesmente.

Sua felicidade era óbvia. Infinita. Incandescente. Mas tudo o que ele disse foi:

— Já é a segunda vez na mesma manhã, menina Abbie. Você foi possuída pelo espírito de Natal?

Ela se inclinou para beijar o canto de seu sorriso, a barba sobre o seu queixo, o espaço entre aqueles olhos adoráveis.

— Algo do tipo.

Table of Contents

Nota da Autora
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Epílogo